

**MISSIONÁRIOS DA IGREJA PRESBITERIANA DOS ESTADOS UNIDOS
OU IGREJA DO SUL - PCUS (1869-1900)**

William Curdy Emerson
James Robinson Baird
George Nash Morton
Edward Lane
Arianna S. Henderson
William LeConte
John Rockwell Smith
John Boyle
John Watkins Dabney
Ballard Franklin Thompson
DeLacey Wardlaw
Charlotte Kemper
Flamínio Augusto Rodrigues
George William Butler
Joseph Henry Gauss
William Calvin Porter
George Wood Thompson
William Lucas Bedinger
Kate Eliza Bias Cowan
Frank A. Cowan
Samuel Rhea Gammon
Sallie H. Chambers Cooper
William McQuown Thompson
James Dick
James Joseph Harrell
David Gibson Armstrong
Eliza Moore Reed
Alexander Henry
George Adam Grillbortzer
George Edward Henderlite
Carlyle Ramsey Womeldorf
Charles Read Morton
Horace Selden Allyn
Reginald Price Baird
Alva Hardie
Ruth Bosworth See

Rev. William Curdy Emerson

Pastor entre os colonos norte-americanos no interior de São Paulo

O Rev. William C. Emerson não foi um missionário enviado oficialmente pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos ou Igreja do Sul (PCUS) para trabalhar no Brasil. Todavia, tendo sido o primeiro pastor dessa denominação a residir e atuar no Brasil, ainda que em caráter particular, merece ser incluído neste histórico. Antes, porém, é necessário que se conheça o contexto da sua vinda. Após a Guerra Civil norte-americana (1862-1865), numerosos sulistas emigraram para outros países, inclusive o Brasil. Aqui, algumas famílias tentaram fixar-se em diferentes pontos do litoral, como o Vale do Ribeira, mas as únicas colônias que prosperaram foram as da região das atuais cidades de Santa Bárbara D'Oeste e Americana, na então Província de São Paulo. A colônia denominada “Campo”, onde havia um pequeno cemitério rural, tornou-se o centro das atividades religiosas dos norte-americanos. Os colonos presbiterianos, metodistas e batistas utilizavam um templo comunitário ali construído, ao lado do cemitério.

A Igreja do Sul foi criada em 1861, quando as igrejas do Norte deram o seu apoio à União Federal, que estava movendo guerra contra o Sul. Desde o início, a Igreja do Sul teve uma forte preocupação missionária, sendo criado um Comitê Executivo de Missões Estrangeiras, sediado em Nashville, no Tennessee. Outra instituição importante era o Seminário Teológico Union, fundado em 1823, que inicialmente funcionou junto ao Colégio Hampden-Sydney, em Farmville, na Virgínia, e em 1898 foi transferido para Richmond. As atividades do seminário haviam sido interrompidas pela Guerra Civil. Dos catorze integrantes da sua primeira turma após a guerra, quatro escolheram a obra missionária e dois deles vieram para o Brasil em 1869 – George Nash Morton e Edward Lane. No ano seguinte, esses obreiros fundaram a Igreja Presbiteriana de Campinas. Poucos anos antes, acompanhando os colonos norte-americanos que se fixaram no interior de São Paulo, vieram vários pastores, alguns deles presbiterianos, como William C. Emerson e James R. Baird.

O Rev. William Emerson nasceu na Carolina do Sul em 15 de outubro de 1818. Foi pastor em Meridian, no Mississippi, onde tinha uma grande fazenda, e moderador do Presbitério do Leste de Mississippi em 1866. Era um homem de rara habilidade literária, pregador eloqüente e cristão dedicado. Com seu espírito entusiástico e empreendedor, no ano seguinte vendeu a sua propriedade por dez mil dólares e veio para o Brasil. Quando chegou, foi-lhe proposto que editasse um jornal em inglês dando notícias dos imigrantes, bem como informações e orientação para os novos colonos que viessem. O Ministro Paula Souza disse que o ajudaria por um tempo, mas que os dez mil dólares tinham de ser empregados no negócio. O jornal *Emigration Reporter* foi publicado por cerca de um ano, mas não deu lucro algum. Para piorar a situação, o referido ministro do governo foi substituído por outro que não tinha as mesmas idéias e não respeitou o contrato feito pelo seu antecessor. Depois de liquidar o negócio, Emerson teve dinheiro suficiente para levar a família para Santa Bárbara, onde comprou um pequeno terreno que ele mesmo tentou cultivar. Eventualmente, esse pastor adotou a nacionalidade brasileira.

Em 26 de junho de 1870, o Rev. Emerson e seu colega James R. Baird organizaram entre os imigrantes norte-americanos a Igreja Presbiteriana de Santa Bárbara, conhecida como “Hopewell Church”, e a pastorearam por quatro ou cinco anos. Os treze membros fundadores da igreja foram os seguintes: Rev. William C. Emerson e Mary E. Emerson, Rev. James R. Baird e Elize Baird, o casal J. B. Grady e as filhas Sophia Grady e Martha H. Grady, William P. McFadden, Sarah McFadden e a filha Sarah C. McFadden, e o casal Frank Emerson. A organização se deu na fazenda São Luiz, em casa de William P. McFadden, eleito presbítero na ocasião. O Rev. Boanerges Ribeiro, citando uma carta publicada na *Imprensa Evangélica* (12-03-1887), informa que Emerson também iniciou uma congregação na localidade rural de Água Branca, entre os rios Tietê e Tatuí, em 1869 ou 1871, que teria sido organizada em igreja em 1871.

O Rev. Emerson passou os últimos anos da sua vida afligido por uma moléstia respiratória, vindo a falecer no dia 24 de julho de 1875. Suas últimas palavras, gravadas em seu túmulo no Cemitério do Campo, foram: “I die full of happiness, full of glory, and full of the hope of heaven” (Morro cheio de felicidade, cheio de glória e cheio da esperança do céu). Após a sua morte, o Rev. Baird continuou à frente do trabalho por três anos, até que o Rev. Edward Lane e outros obreiros da Missão de Campinas assumiram o pastorado da igreja. Com a primeira esposa, Emerson teve três filhos e três filhas. Frank, o mais velho, dentro de pouco tempo regressou aos Estados Unidos; William morreu em um acidente ferroviário, e Charles fez ótima carreira na Estrada de Ferro e casou-se com uma brasileira. Duas das filhas casaram-se com ingleses e a outra, Mary, casou-se com um médico, o Dr. George Barnsley.

A segunda esposa do Rev. Emerson foi Mary E. Grady, que veio para o Brasil com sua mãe, o irmão Curtis e as irmãs Sophia, Martha e Jane. Ao enviuvar, Mary Emerson voltou a lecionar para poder educar os filhos. Seus filhos Lucien, Joseph e Charles estudaram no Colégio Internacional (Catálogo de 1877). Mais tarde, a família mudou-se para São Paulo, onde Mary foi professora de inglês por muitos anos. Em 1885, era “ajudante de primeiras letras” na Escola Americana. Prestou muitos serviços à 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo e mais tarde ao Seminário Independente, onde também lecionou inglês. A seu pedido, o Rev. Vicente Temudo Lessa traduziu um sermão do Rev. Emerson – “Que pensais vós de Cristo?” –, publicado em *O Presbiteriano* em março de 1902. Dona Mary faleceu aos 70 anos, em 15 de agosto de 1910, no Internato Evangélico da Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, à Rua Vitória, de cuja direção se incumbira gratuitamente. Deixou um pequeno legado para constituir um fundo para a evangelização dos indígenas. Seu filho Luciano (Lucien), um cirurgião-dentista, também foi membro da 1ª Igreja de São Paulo, tendo sido arrolado nessa igreja com a sua esposa, Rosa, no dia 4 de novembro de 1892.

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 75, 172, 258, 379s, 509.
- Ferreira, *História da IPB*, I:111s, 166-168.
- James E. Bear, *Mission to Brazil* (PCUS, Board of World Missions, 1961), 6s.

- Judith Mac Knight Jones, *Soldado Descansa! Uma Epopéia Norte-Americana sob os Céus do Brasil* (São Paulo: Fraternidade Descendência Americana, 1967), 189-191, 215s, 241, 264.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 319s.

Rev. James Robinson Baird

Pastor entre os colonos norte-americanos no interior de São Paulo

James R. Baird também veio para o Brasil em caráter particular, sem ser um missionário oficial da sua denominação, a Igreja do Sul (PCUS). Ele nasceu na Carolina do Sul em 8 de setembro de 1815. Estudou no Davidson College, na Carolina do Norte, onde obteve o grau de bacharel em 1840. Formou-se no Seminário de Colúmbia, no seu estado natal, em 1844, sendo ordenado no mesmo ano pelo Presbitério de Bethel. Pastoreou a Igreja de Hopewell, na Carolina do Sul (1844-1848), foi colportor do seu presbitério por alguns anos e também trabalhou como professor até 1853. Em 1854 pastoreou as Igrejas de Shelby, na Carolina do Norte, e Shiloh, na Carolina do Sul, e esteve por catorze anos à frente da Igreja de Allison Creek, na Carolina do Sul (1854-1868), quando veio para o Brasil. Era casado com Eliza Baird e tinha pelo menos três filhos: John, Ezekiel e Reginald.

Tendo em mente o desejo do Rev. Baird de vir para o Brasil, o Sínodo da Carolina do Sul propusera à Assembléia Geral de 1866 o estabelecimento de uma missão no Brasil em virtude da imigração de americanos para este país. A Assembléia deliberou que tal ação era prematura. Depois que Baird veio para o Brasil, o seu Presbitério de Bethel solicitou que o Comitê de Nashville colaborasse com o seu sustento. Na mesma época, o Rev. William C. Emerson escreveu várias vezes ao Comitê pedindo para ser nomeado como missionário ao Brasil. Citando a decisão da Assembléia de 1866, o Comitê negou-se a atender aos pedidos. Curiosamente, o último pedido de Emerson foi feito em 1867 e no ano seguinte o Comitê nomeou seus primeiros missionários para o Brasil, George N. Morton e Edward Lane. Isso mostra que ministros presbiterianos que vinham para o Brasil a fim de pregar a seus correligionários norte-americanos não eram considerados como missionários no exterior. Assim sendo, Emerson e Baird tiveram de sustentar-se através do trabalho agrícola e não puderam dedicar-se de modo pleno ao trabalho pastoral.

O Rev. Baird chegou ao Brasil com a família, a bordo do vapor Mississippi, no dia 21 de julho de 1868. Indo para a colônia de Santa Bárbara, no interior de São Paulo, passou a dar assistência religiosa aos colonos presbiterianos, colaborando com o seu colega William Emerson. Baird e sua esposa Eliza estiveram entre os treze membros fundadores da Igreja de Santa Bárbara (Hopewell Church), em 26 de junho de 1870. Os dois ministros-colonos pastorearam essa igreja por vários anos. Após a morte de Emerson (24 de julho de 1875), Baird continuou à frente do trabalho por três anos, até que os obreiros da Missão de Campinas assumiram o pastorado da igreja.

Em 13 de janeiro de 1872, os Revs. Morton, Lane, Baird e Emerson e os presbíteros William P. McFadden e James McFadden Gaston organizaram em Campinas o “Presbitério

de São Paulo”. O novo presbitério, composto de apenas duas igrejas, Santa Bárbara e Campinas, ficou filiado ao Sínodo da Virgínia. Mais tarde foi arrolada a Igreja de Penha (Itapira). Esse presbitério foi extinto em 1877, ressurgindo dez anos depois como Presbitério de Campinas e Oeste de Minas. O presbítero Dr. James McFadden Gaston, natural de Chester, Carolina do Sul, onde nasceu em 27 de dezembro de 1824, era pai de Nannie Gaston, a segunda esposa do Rev. Alexander Latimer Blackford, e de Keziah Brevard Gaston, que se casou com o Rev. John Benjamin Kolb, ambos da Igreja do Norte (PCUSA). Casou-se em 1852 com Susan G. Brumby (1830-1904). Durante a Guerra Civil, sua casa em Columbia foi queimada. Veio para o Brasil em 1865 para verificar as condições do país e recebeu muitos incentivos por parte das autoridades. No final daquele ano, presenciou a ordenação do Rev. José Manoel da Conceição. Escreveu o livro *Hunting a Home in Brazil* (À Caça de um Lar no Brasil), publicado em 1867, e liderou a vinda de mais de sessenta famílias para o interior de São Paulo. Em Campinas, onde residiu, abriu um pequeno hospital com o filho do mesmo nome, que também era médico. Depois de residir no Brasil, o Dr. Gaston voltou para Atlanta em 1883 e lecionou na Southern Medical School, hoje parte da Universidade Emory, tornando-se o principal cirurgião e professor de medicina do Sul. Faleceu no dia 15 de novembro de 1903 e foi sepultado no Cemitério Westover, em Atlanta. Além de Nannie e Keziah, estudaram no Colégio Internacional os seus filhos James Jr., Susan Eloise e Kate (Catálogo de 1877). Seus filhos mais velhos foram Trapier Brumby e Mary Buford.

Depois de residir por dez anos em Santa Bárbara (1868 a 1878), o Rev. James Baird voltou para os Estados Unidos. Passou a residir no Condado de Jackson, perto de Hoschton, Geórgia, e veio a falecer no dia 5 de maio de 1900. Seu filho, o Rev. Reginald Price Baird, foi obreiro da Missão do Norte do Brasil a partir de 1896, trabalhando no Ceará. Afastou-se em 1905 por razões de saúde, falecendo dois anos depois. A neta Lillie Baird foi membro da Igreja Batista de São Paulo. Os Revs. William Emerson e James Baird não evangelizaram os brasileiros, mas a igreja que organizaram colaborou com os missionários de Campinas e as famílias que a constituíram forneceram diversos homens e mulheres que se dedicaram à obra missionária no Brasil. Por exemplo, cinco filhas do casal Charles Miller Hall (1845-1916) e Mary Elizabeth Hall (1855-1917) vieram a casar-se com missionários presbiterianos: Lucy com o Rev. Charles Morton, Katie com o Rev. Alva Hardie, Sadie com o Rev. James Porter Smith, Margaret com o Rev. Filipe Landes e Roberta com o Rev. Robert Daffin. Uma prima das mesmas, Katherine Ives Hall, casou-se com o Rev. William Calvin Porter.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 55, 75, 172, 200, 257s, 509s, 669.
- Ferreira, *História da IPB*, I:111s, 166-168; II:366.
- *Ministerial Directory*, PCUS/PCUSA (1898).
- Bear, *Mission to Brazil*, 6-9.
- Jones, *Soldado Descansa!*, 189s, 215s, 242.
- “Dr. James M. Gaston”: [home.inu.net/sadie/brumby2.htm]
- Chalmers Gaston Davidson, *Gaston of Chester* (Davidson, N.C., 1956), 59s, 62, 78.

Rev. George Nash Morton

Pioneiro presbiteriano em Campinas e fundador do Colégio Internacional

Durante os dez primeiros anos da obra presbiteriana no Brasil (1859-1868), todos os missionários foram enviados pela Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos. Foi somente em 1869 que chegaram os primeiros obreiros da Igreja do Sul: George N. Morton e Edward Lane. A Igreja do Sul (PCUS) fora criada apenas oito anos antes, em 1861. Seu Comitê de Missões Estrangeiras estava sediado na cidade de Nashville, no Estado do Tennessee. Depois da guerra civil nos Estados Unidos (1861-1865), muitas famílias do sul daquele país emigraram para o Brasil, a maior parte delas fixando-se na região de Santa Bárbara, no interior de São Paulo. Foi essa a razão da escolha de Campinas, situada a cerca de 35 km da colônia americana, para ser a primeira sede da missão. A escolha do Brasil como campo missionário da PCUS deveu-se a uma sugestão do conhecido teólogo Dr. Robert Lewis Dabney (1820-1898). Os dois pioneiros acima citados fizeram parte da primeira turma de formandos do Seminário Teológico Union (anexo ao Colégio Hampden-Sydney, na Virgínia), após a Guerra Civil.

George N. Morton era procedente de uma antiga família aristocrática do Estado da Virgínia, do Condado de Charlotte. Nasceu no Condado de Marshall, no Mississippi, em 14 de abril de 1841. Estudou no Colégio Hampden-Sydney (1857-1860), onde recebeu os graus de bacharel e mestre em artes. Pouco depois, alistou-se no exército confederado com o posto de tenente. Após a Guerra Civil, estudou no Seminário Teológico Union (1865-1868). Dos catorze componentes da sua turma, quatro escolheram a carreira missionária e dois deles vieram para o Brasil. Morton foi licenciado no dia 1º de maio e ordenado em 15 de agosto de 1868 pelo Presbitério de Roanoke. No mesmo mês, veio fazer o reconhecimento do Brasil, retornando ao seu país em novembro. Ele foi o responsável pela escolha definitiva de Campinas como sede da missão.

Morton casou-se no dia 11 de maio de 1869 com Mary Elizabeth Wilson Brown (nascida em 17 de janeiro de 1847). No dia 22 de junho, o casal Morton e o colega Edward Lane embarcaram em Baltimore rumo ao Brasil, aqui chegando em 17 de agosto. Após uma breve estadia no Rio de Janeiro, chegaram a Campinas no início de setembro. Em 10 de julho de 1870, os dois obreiros fundaram a Igreja Presbiteriana daquela cidade. Logo após a sua chegada, Morton travou amizade com George W. Chamberlain, o pastor da Igreja de São Paulo, com o qual fez diversas viagens missionárias e trocou o púlpito muitas vezes. Morton viria a batizar dois filhos do colega: Pierce (05-05-1872) e Helen (01-04-1877).

No dia 13 de janeiro de 1872, os Revs. Morton, Lane, James R. Baird, William C. Emerson e dois presbíteros fundaram o antigo Presbitério de São Paulo, com duas igrejas, Campinas e Hopewell (Santa Bárbara). Morton foi eleito moderador. Um importante fruto do seu trabalho foi o jovem Eduardo Carlos Pereira, o futuro ministro, gramático e fundador da Igreja Presbiteriana Independente. Quando professor em Campinas, Eduardo ouviu várias pregações de Morton e conversou com ele sobre temas religiosos. Ao mudar-se para São

Paulo, foi recomendado por Morton a Chamberlain, que o recebeu por profissão de fé (07-03-1875) e o convenceu a abraçar o ministério.

Além de pastor e evangelista, o Rev. Morton possuía grande cultura e foi um notável educador. No seu primeiro ano em Campinas, ele e Lane iniciaram uma escola noturna que chegou a ter quase trinta alunos. A idéia era ganhar conversos através da educação. Logo, os missionários conceberam um projeto mais ambicioso: um educandário de alto nível, que ficou conhecido como Colégio Internacional ou Instituto de Campinas. Em 1871, Lane foi aos Estados Unidos e obteve aprovação e recursos para o projeto. Um jornalista publicou na *Gazeta de Campinas* uma série de artigos sobre o colégio proposto e no dia 8 de dezembro os missionários apresentaram o seu plano a um grupo de cidadãos destacados, despertando grande interesse. As atas da reunião foram publicadas na íntegra no jornal local e na revista *The Missionary*.

Em 1872 foi adquirido um terreno e o colégio foi formalmente iniciado em 1873. De 1872 a 1874, quatro novos obreiros vieram colaborar: Nannie Henderson, Mary Videau Kirk, William LeConte e John W. Dabney. O Rev. Morton queria continuar envolvido com a evangelização, mas acabou lecionando e por fim assumiu a direção da escola. No final de 1874, o Comitê de Missões Estrangeiras enviou a Campinas o Dr. John Leighton Wilson, que estudou a situação e apoiou o projeto, apesar dos enormes gastos que estavam sendo feitos. A matrícula cresceu continuamente até 1878, quando o número de estudantes de ambos os sexos, brasileiros e americanos, chegou a quase 200. O nível acadêmico era dos mais elevados, o que atraiu alunos de algumas das famílias mais importantes da província. Então, uma série de fatores adversos, especialmente econômicos e administrativos, produziu uma crise que resultou no afastamento de Morton da escola e da missão.

No dia 14 de novembro de 1879, Morton publicou no jornal *Província de São Paulo* as suas despedidas de Campinas. Em 7 de janeiro de 1880, ele abriu em São Paulo um colégio particular, o Colégio Morton, localizado ao lado da Igreja da Consolação, para o qual levou metade dos corpos docente e discente do Colégio Internacional. Ele sonhava transformá-lo em uma escola superior de filosofia e letras. Em uma série de artigos, a *Província*, de Rangel Pestana, expôs ao público os grandes planos do educador. Esse colégio tornou-se célebre e por ele passaram jovens que vieram a destacar-se na sociedade paulista, como Júlio César Ferreira Mesquita (1862-1927), Carlos de Campos (1866-1927) e Manuel Lopes de Oliveira Filho (1872-1938). Entre outros, fizeram parte do corpo docente o Rev. Francis J. C. Schneider e o futuro pastor João Ribeiro de Carvalho Braga. Em um valioso artigo que escreveu em 1916, intitulado “O Colégio Internacional e seus Fundadores”, o Rev. Erasmo Braga disse que uma das lembranças mais remotas e vívidas da sua infância referia-se a uma recepção e um culto a que esteve presente no Colégio Morton por volta de 1880 ou 1881, quando ele tinha apenas três ou quatro anos! Falou do prazer que sentia quando o pai o levava à chácara da Consolação em que fora magnificamente instalada a notável escola.

Ainda em 1880 e no mesmo jornal já mencionado, Morton travou uma polêmica com o Dr. Luiz Pereira Barreto acerca do positivismo, corrente filosófica que atraía muitos intelectuais da época. Os artigos de ambos os autores foram reunidos em um opúsculo no mesmo ano,

sob o título *Positivismo e Teologia*. Embora afastado da obra missionária, Morton nunca silenciou acerca dos seus princípios religiosos. Apesar de bem-sucedido no aspecto educativo, ele experimentou prejuízos financeiros com o seu colégio, ficando bastante endividado. Com isso, teve de fechar a sua escola, retornando definitivamente para os Estados Unidos em 1882. No ano em que Morton encerrou a sua carreira no Brasil, a *Imprensa Evangélica* publicou um artigo de sua lavra: “Os judeus: seus sofrimentos passados e presentes” (suplemento de abril de 1882). É lamentável que, devido aos problemas ocorridos, a obra evangelística e educativa desse talentoso missionário tenha cessado de modo tão prematuro.

Em sua pátria, Morton dedicou-se ao ensino e outras atividades nas cidades de Passaic Bridge (Nova Jersey) e Dobbs Ferry (Nova York), de 1886 a 1903. Foi exonerado do ministério a seu próprio pedido, sem censura, em 14 de abril de 1904, pelo Presbitério de Roanoke. D. Mary Brown Morton faleceu em Nova York aos 76 anos em 17 de agosto de 1923 e o professor Morton aos 84 anos no dia 14 de dezembro de 1925. Tiveram dez filhos, quase todos nascidos no Brasil (Campinas e São Paulo): George Harman LeGrand (1870-1944), Margaretta Wilson (1871-1944), David Holmes (1875-1946), Susan Ann (1876-1962), Emily LeGrand (1877-1957), William Stewart (1879-1935), Mary Brown (1881-1964), John Carrington (1882-1883), Bell (1883-1907) e Samuel (1887-1932). Vários deles foram batizados pelo colega George W. Chamberlain.

No artigo acima citado, Erasmo Braga destacou as extraordinárias qualidades de Morton como educador. Quando Morton faleceu, o jornal *O Estado de São Paulo*, de propriedade do seu antigo aluno Júlio Mesquita, saudou-o como tendo sido o protótipo do educador. J. C. Alves de Lima, em seu livro *Recordações de Homens e Coisas do meu Tempo* (1926), também fez uma bela homenagem ao grande pedagogo. Ele observa que Morton ajudou a formar a geração que veio a assumir a liderança do país no regime republicano. Foi amigo de Prudente de Moraes, Campos Sales, Francisco Glicério e outros notáveis. Quando já idoso, Morton foi ao Hotel Waldorf Astoria, em Nova York, para um jantar em homenagem a um almirante brasileiro. Diz Alves de Lima: “Fez-se por um momento um silêncio profundo, mas, como que ouvindo a voz de comando, a oficialidade em peso levantava-se e com o maior entusiasmo bebia à saúde do velho amigo do Brasil”.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 50, 73, 75, 93, 98s, 133, 146, 180a (foto), 183-85.
- Ferreira, *História da IPB*, I:109-111, 214.
- Erasmo Braga, “O Colégio Internacional e Seus Fundadores: Primórdios do Ensino Norte-Americano no Brasil,” *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, Campinas (30-09-1916), 42-47.
- G. N. Morton, despedida de Campinas, *Província de São Paulo* (14-11-1879).
- G. N. Morton, artigos sobre o Colégio Morton, *Província de São Paulo* (Janeiro 1880).
- G. N. Morton e L. P. Barreto, polêmica sobre o positivismo, *Província de São Paulo* (Fevereiro 1880).
- Carta do Dr. J. C. Alves de Lima com informações sobre Morton, *Diário Popular* (10-07-1907).

- J. C. Alves de Lima, *Recordações de Homens e Causas do Meu Tempo* (Rio, 1926), 56-59.
- *A General Catalogue of Trustees, Officers, Professors, and Alumni of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924.*
- Bear, *Mission to Brazil*, 10-17.
- McIntire, *Portrait*, 7/2-34.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 199-221.
- Marcus Levy Albino Bencostta. *Ide por Todo Mundo: A Província de São Paulo como Campo de Missão Presbiteriana, 1869-1892*. Campinas: Unicamp, 1996.
- “Descendentes de W. Brown”: [www.chesapeake.net/~stovy/Brown/fam00028.htm].
- “Foto da família Morton”: [www.andmore.com/lara/gen/pics/mortbrn.htm].

Rev. Edward Lane

Pioneiro presbiteriano em Campinas e na Mogiana

Ao contrário de seu colega George Nash Morton, que tivera uma formação aristocrática, Edward Lane possuía uma origem muito humilde. Nasceu em Dublin, na Irlanda, entre 1835 e 1837, ficando órfão ainda na infância. Passou a residir com a família de um operário, sendo sustentado por pessoas desconhecidas que a cada mês enviavam dinheiro para o alojamento, comida e vestuário, bem como para as taxas de uma escola dirigida pelo pároco local. Era um garoto vivaz e robusto, e teve uma infância relativamente feliz em contato com a natureza. Alguns anos mais tarde, foi entregue aos cuidados de uma senhora que o levou a Liverpool e dali para os Estados Unidos. Na viagem, houve um incêndio no navio e alguns dias depois o menino quase foi tragado pelo mar durante uma violenta tempestade.

Logo que chegaram a Nova York, a mulher que o trouxera veio a falecer, e o menino de apenas nove ou dez anos ficou só na grande cidade. Todavia, graças à sua simpatia pessoal, tinha muita facilidade em fazer amigos. Um médico alemão interessou-se por ele e planejou encaminhá-lo para estudar medicina. Com a morte desse cirurgião, Edward, então com cerca de treze anos, passou a viver com a família Allison, que possuía uma fazenda em Stony Point, perto do rio Hudson. Essa família o tratou com carinho, ajudou-o nos estudos e o levou a frequentar a Igreja Presbiteriana de Haverstraw, onde ele fez a sua profissão de fé por volta de 1854. Influuiu na sua decisão a leitura do livro *Graça Abundante*, do escritor puritano John Bunyan (1628-1688).

Aos dezessete anos, Edward nutria um forte desejo de estudar – quase chegou a pleitear ingresso na Academia Militar de West Point, localizada nas proximidades –, mas o pai adotivo queria que se dedicasse aos negócios. Ouvindo que no sul as condições eram melhores, despediu-se da família amiga e seguiu no final de 1855 para a Geórgia. Trabalhou como professor de uma escola para meninos em Evansville. Entre 1858 e 1861, morou com a família de um pastor em Athens, no mesmo Estado, e estudou no Colégio Oglethorpe. Durante a Guerra Civil (1861-1865), trabalhou como assistente de cirurgião em um acampamento militar em Richmond, na Virgínia. Sentindo o desejo de preparar-se para o

ministério, o jovem entrou em contato com o Dr. Robert Lewis Dabney, notável pregador, teólogo e professor do Seminário Union, em Hampden-Sydney, que o acolheu em sua casa por três anos (1865-1868). Quando, afinal, concluiu os estudos, veio a chamada de voluntários para fundar a primeira missão da Igreja Presbiteriana do Sul no Brasil. Ele e o colega Morton estavam entre os catorze integrantes da primeira turma do Seminário Union a formar-se após a guerra. Edward foi licenciado em 2 de maio e ordenado em 17 de novembro de 1868 pelo Presbitério de West Hanover, na Virgínia.

No dia 22 de junho de 1869, Lane e o casal Morton embarcaram no navio Winifred, em Baltimore, aportando no Rio de Janeiro em 17 de agosto. O trio missionário chegou a Campinas em setembro, hospedando-se na pensão da Sra. Susan Porter, e passou a estudar o idioma. No dia 29 de março de 1870, Lane iniciou a primeira de suas muitas viagens evangelísticas, indo na companhia do Rev. Hugh Ware McKee até Sorocaba. No mesmo ano, em 10 de julho, Lane e Morton fundaram a Igreja Presbiteriana de Campinas. Os primeiros conversos foram um pedreiro negro e sua esposa. Os dois missionários também passaram a pregar na igreja da colônia americana em Santa Bárbara e planejaram abrir trabalhos nas cidades vizinhas de Itu, Limeira e Mogi-Mirim.

Em 1871, Lane foi aos Estados Unidos e casou-se no dia 4 de maio com Sarah McCorkle Poague, nascida em Rockbridge County, na Virgínia, em 10 de fevereiro de 1837. Sarah havia sido casada com Samuel Lightner, um estudante de teologia que morreu na Guerra Civil. Outro objetivo da viagem de Lane foi conseguir apoio financeiro para a criação de um colégio e para a obra como um todo, tendo falado à Assembléia Geral da Igreja do Sul reunida em Huntsville, Alabama. O casal Lane chegou a Campinas em 30 de outubro daquele ano. Depois de ficarem por alguns meses em uma pensão, alugaram dois cômodos no centro da cidade (Rua General Osório esquina com Regente Feijó), onde residiu com eles a nova missionária Arianna (Nannie) Henderson, que chegou em junho de 1872 a fim de criar uma escola para moças. Mais tarde o casal Lane mudou-se para a chácara do colégio, onde nasceram os seus quatro filhos. Em 13 de janeiro de 1872, os Revs. Lane, Morton, James Baird, William Emerson e os presbíteros William P. McFadden e James McFadden Gaston, organizaram em Campinas o Presbitério de São Paulo. O novo presbitério, composto de apenas duas igrejas, Santa Bárbara e Campinas, ficou filiado ao Sínodo da Virgínia. Mais tarde foi arrolada a Igreja de Penha (Itapira). Esse presbitério foi extinto em 1877, ressurgindo dez anos depois como Presbitério de Campinas e Oeste de Minas.

O Colégio Internacional, formalmente iniciado em 1873, foi um grande sucesso por alguns anos, chegando a ter quase duzentos alunos, muitos deles de famílias ilustres da região. Lane foi um grande entusiasta dessa instituição, que julgava indispensável para a boa formação da juventude evangélica, valendo-se de amigos para obter os recursos necessários. Desdobrou-se para melhorar a propriedade, cavando um poço e montando uma olaria cujos tijolos serviram para a construção tanto do colégio quanto do templo. Outros obreiros vieram colaborar: Mary Videau Kirk, William LeConte, John W. Dabney e John Boyle. Todavia, em 1879, em meio a uma série crise financeira, Morton abandonou o colégio e foi para São Paulo. A escola continuou por mais alguns anos, agora voltada para o evangelismo

e o treinamento de líderes. Duas novas educadoras chegaram em 1882 e 1883: Charlotte Kemper e Mary Goodale. Porém, surgiu um novo problema – a febre amarela. Mais tarde isso exigiu a mudança da instituição para Lavras, onde veio a chamar-se Instituto Gammon.

Enquanto o projeto educacional da missão lutava com dificuldades, o Rev. Lane dedicava-se à sua grande vocação – o trabalho evangelístico. Outros campos dos primeiros tempos foram Penha (Itapira), cuja igreja Lane e Morton organizaram em 10 de janeiro de 1874, e Mogi-Mirim. Após a morte do Rev. Emerson e o retorno do Rev. Baird para os Estados Unidos, Lane e seus colegas deram assistência à igreja dos imigrantes americanos em Santa Bárbara. O Rev. Lane também visitou incansavelmente muitas outras cidades e vilas do interior, como Piracicaba, Água Choca (Monte-Mór), Capivari, Tietê, Água Branca, Itu, Porto Feliz e Tatuí, chegando até Botucatu. Seguindo para o leste, esteve em Itatiba, Bragança, Amparo, Serra Negra, São João da Boa Vista, Casa Branca e São José do Rio Pardo. Em várias de suas viagens foi acompanhado pelo colportor alemão Jacob Filipe Wingerther. Em 1876, em uma de suas visitas a Itapira, Lane foi acompanhado pelo jovem Júlio César Ribeiro, o futuro filólogo e escritor, que o ajudou nas pregações.

Em 11 de agosto de 1878, Lane teve a satisfação de inaugurar o templo de Campinas, o segundo templo presbiteriano do Brasil, construído por ele à Rua Lusitana. Ele contribuiu para a vinda ao Brasil de vários missionários notáveis, como o Rev. Samuel R. Gammon. Além do seu trabalho como evangelista e fundador do colégio, Lane também se dedicou ao preparo de futuros pastores como Álvaro Reis, Delfino dos Anjos Teixeira e Flaminio Augusto Rodrigues. O casal Lane adquiriu uma chácara perto da cidade que veio a ser parte do atual bairro do Jardim Guanabara. Nela estava a olaria que fez os tijolos para o colégio, as casas dos missionários e o templo. A origem do dinheiro usado na compra da chácara foi bastante inusitada. Um rico solteirão da igreja da Sra. Lane decidiu doar cerca de cinco mil dólares para cada uma das cinco moças mais bonitas da igreja. Uma das escolhidas foi justamente a jovem Sarah Poague.

No dia 14 de abril de 1887, Lane e os companheiros John Boyle, John W. Dabney, George Wood Thompson e Delfino Teixeira criaram o Presbitério de Campinas e Oeste de Minas, constituído de apenas cinco igrejas: Campinas, Santa Bárbara, Itapira, Mogi-Mirim e Itatiba. Lane foi eleito o primeiro moderador. No dia 6 setembro de 1888, no Rio de Janeiro, o Rev. Lane participou da criação do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, do qual foi eleito vice-moderador. Pregou na ocasião o sermão de abertura, baseado em Lucas 1.32-33. Logo após a reunião, voltou para Campinas e levou a família para Staunton, na Virgínia, em gozo de férias. Passou um ano visitando igrejas e buscando apoio para a obra missionária. Deixando a família nos Estados Unidos, retornou ao Brasil em novembro de 1889, acompanhado das educadoras Mary Parker Dascomb e Charlotte Kemper, que voltavam de suas férias, e dos novos obreiros Samuel Rhea Gammon e Frank A. Cowan.

No final da década de 1880 começaram os surtos de febre amarela na região de Campinas, o que prejudicou o trabalho da escola e das igrejas. Em 1º de maio de 1889, essa enfermidade ceifou a vida do Rev. George Wood Thompson e em 9 de março do ano seguinte a do seu colega John W. Dabney. Em abril, o Rev. Lane foi aos Estados Unidos levando a esposa e

os cinco filhos de Dabney. Durante a sua estadia, o Davidson College, da Carolina do Norte, lhe conferiu o título de Doutor em Divindade. Lane regressou ao Brasil no final do ano, em companhia do presbítero Flamínio Rodrigues. Uma das responsabilidades que o aguardavam era a direção do jornal *Púlpito Evangélico*, por ele fundado em janeiro de 1888. Além de sermões, o periódico continha apontamentos históricos, esboços de sermões, explicações de textos difíceis e comentários.

O Sínodo de 1891 havia decidido instalar o Seminário Presbiteriano em Campinas, nas dependências do Colégio Internacional. Lane foi eleito presidente da primeira diretoria e entusiasmou-se com a perspectiva do início das aulas em 1º de abril de 1892. Todavia, no início daquele ano a febre amarela reapareceu em Santos e logo alcançou Campinas. Lane insistiu que os demais obreiros fossem para outros lugares. Porém, ele e Charlotte Kemper permaneceram na cidade para cuidar dos enfermos e confortar os que estavam à morte. Em 18 de março, a missionária Kemper foi acometida pela febre; o Rev. Lane deu-lhe assistência até que ela se recuperasse. Então, no dia 22 ele mesmo ficou doente, vindo a falecer no dia 26 de março de 1892, às 13:30 horas.

Um pequeno grupo de membros da igreja realizou o sepultamento. Como nenhum pastor estivesse disponível, a missionária Charlotte Kemper, ainda convalescente, instruiu o jardineiro da chácara para recitar o Salmo 23 junto ao túmulo. A singela coluna de mármore no Cemitério da Saudade tem as palavras de Atos 20.24 em inglês e português: “Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo”. O Dr. Horace Manley Lane, presidente do Mackenzie College, seguiu rapidamente para Campinas, mas não chegou a tempo de ver o amigo vivo. Escreveu à sede da Missão em Nashville dando um belo testemunho sobre o obreiro falecido. Dona Sarah M. Lane voltou ao Brasil no ano seguinte para tratar da transferência da propriedade da missão. Ela ainda viveria vinte anos, tendo falecido em Christiansburg, na Virgínia, em 15 de maio de 1913.

O casal Lane teve quatro filhos em Campinas: Edward Epes Lane (nascido em 03-02-1873), Margaret Susan Lane (18-09-1874), Sallie McCorkle Lane (25-04-1876) e Wilson Poague Lane (22-10-1878), que morreu com um ano e dois meses. Margaret destacou-se como escritora, utilizando o pseudônimo de Mildred Welch. Edward Epes Lane estudou nos Estados Unidos, pastoreou várias igrejas e foi capelão na Primeira Guerra Mundial. Em 1919, veio visitar Campinas, sua terra natal, e dois anos depois radicou-se no Brasil com a sua esposa, Mary Abbott Cook Lane. Trabalhou em São Sebastião do Paraíso e em Patrocínio, onde consolidou definitivamente o Instituto Bíblico que leva o seu nome (IBEL). Em 1948 mudou-se para Campinas, onde muito fez pelo Seminário Presbiteriano, cuja nova sede foi construída em um terreno doado pela família. Foi presidente da Junta de Missões Nacionais e veio a falecer em 19 de julho de 1962. Seu filho de mesmo nome, Dr. Eduardo Lane, nascido em São Sebastião do Paraíso em 18 de setembro de 1923, foi o conhecido médico e presbítero que prestou muitos serviços relevantes à Igreja Presbiteriana do Brasil e faleceu em Campinas no dia 28 de junho de 2002. Um de seus filhos, Rev. William Lacy Lane (Billy), pastor e professor de teologia em São Paulo e no Paraná, é o continuador de uma longa tradição de serviço à causa de Cristo no Brasil.

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 50, 73, 120, 180a (foto), 338, 413-15.
- Ferreira, *História da IPB*, 109-117, 151, 160-168, 189s, 214s, 218s, 245-47, 283, 285s, 327-330, 334, 341, 362-65; II:280, 368s, 388s.
- Álvaro Reis, “Rev. Dr. Eduardo Lane”, *Púlpito Evangélico* (Outubro 1895), 183-197.
- Braga, “O Colégio Internacional e seus Fundadores”, 42-47.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Herculano de Gouvêa. *Eduardo Lane*. São Carlos: A Impressora, 1931.
- Edward E. Lane. “A History of the West Brazil Mission”. 1936. Manuscrito não publicado.
- *Ministerial Directory, PCUS (1861-1950)*, 371.
- Ferreira, *Galeria Evangélica*, 67-116.
- Mildred Welch. *Edward Lane: 1837-1892*. Nashville: Executive Committee of Foreign Missions, PCUS.
- McIntire, *Portrait*, 7/2-38.
- Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 178-183.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Reverendo Eduardo Lane”, *Brasil Presbiteriano* (Fev 1998), 20.
- Eduardo Lane III. “Footprints of Faith: Story of Edward Lane” [Campinas, 2000]. Manuscrito não publicado.

Arianna S. Henderson

Terceira educadora presbiteriana a trabalhar no Brasil

Arianna ou Nannie Henderson, como era mais conhecida, foi a primeira missionária educadora enviada ao Brasil pela Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos e a terceira educadora presbiteriana a vir para o Brasil, precedida apenas por Mary Parker Dascomb e Harriet Greenman, da Igreja do Norte, que chegaram em 1869. Nannie nasceu no dia 8 de setembro de 1839 perto de Charlestown, Condado de Jefferson, na Virgínia Ocidental. Era filha de Richard Henderson, um descendente de escoceses que se fixaram em Maryland e na Virgínia, e de Elizabeth Beall English, cujos ancestrais eram de origem inglesa e incluíram vários dos primeiros pastores do Estado de Maryland. Nannie recebeu parte da sua educação em Georgetown, Distrito de Colúmbia, em um seminário feminino fundado há muitos anos por sua tia, Lydia Scudder English, e mais tarde no Seminário Thorndale, no Condado de Carroll, Maryland, uma escola dirigida pelas irmãs Birnie, mulheres irlandesas de profunda piedade e dotadas de uma fé presbiteriana ardorosa e inteligente que incutiram fielmente em suas alunas.

O desejo de ser missionária surgiu desde uma tenra idade e solidificou-se de maneira indelével quando ela testemunhou, por volta dos sete anos, a consagração do Rev. John French, de Georgetown, como missionário para a China. Ao chegar à idade adulta, Nannie registrou o voto de que se algum dia surgisse a oportunidade de se tornar uma missionária, isso deveria ser aceito como uma indicação da vontade de Deus, a despeito das objeções a

que uma jovem do sul criada em um lar protegido desse semelhante passo. Problemas de saúde e as dificuldades resultantes da Guerra Civil adiaram o cumprimento desse propósito até 1870. Nessa época, depois de conversar com o Rev. A. C. Hopkins, pastor da Igreja de Charlestown, Nannie iniciou uma correspondência com o Dr. John Leighton Wilson, do Comitê de Missões de Nashville.

O campo escolhido foi a China ou algum outro país asiático, mas, não sendo prudente enviar alguém para aquela região em virtude de um massacre recente na China, e havendo a necessidade de uma professora no Brasil, o Dr. Wilson aconselhou a ida para esse país, sendo a nomeação inicial feita em 1871. Planejou-se a partida no outono daquele ano, em companhia de Mary Brown Morton, esposa do Rev. George Nash Morton, que estava retornando para Campinas. Devido a alguns contratemplos, a nomeação final ocorreu em 2 de janeiro de 1872. Algum tempo depois missionária finalmente deixou Nova York, chegando a Campinas em junho. O restante do ano foi gasto no estudo da língua portuguesa. No ano anterior, o Rev. Lane havia ido aos Estados Unidos e combinado a nomeação de Nannie para vir criar uma escola para meninas.

Nannie causou uma impressão favorável nos seus colegas. Logo após a sua chegada, o Rev. Morton escreveu aos Estados Unidos expressando a alegria dos missionários por tê-la em Campinas. Inicialmente ela lecionou numa escola da cidade para aprender o português; ela se hospedava em um quarto dessa escola e nos fins de semana ficava com os missionários. Nannie iniciou a escola para meninas em janeiro de 1873, com apenas seis alunas, número que subiu para 21 no segundo semestre daquele ano. Paralelamente, começou a funcionar uma instituição para meninos, o Colégio Internacional, que no final do ano já contava com 54 alunos. Em 1874, chegaram Mary Videau Kirk, para auxiliar Nannie, e John W. Dabney, para lecionar no colégio. Depois de alguns anos de grande crescimento e prestígio, o Colégio Internacional experimentou uma séria crise financeira no final daquela década, que resultou no afastamento do Rev. Morton. A escola continuou na década de 1880, mas a sua ênfase passou a ser o evangelismo e a preparação de obreiros cristãos.

Com sua saúde abalada por um ataque de pneumonia, Nannie seguiu para os Estados Unidos em 1875 em busca de tratamento e repouso. Dois anos mais tarde, regressou ao Brasil. Por volta de 1880 foi novamente ao seu país para tratar da saúde, afetada pela crise do Colégio Internacional, e ao retornar a Campinas auxiliou por algum tempo Charlotte Kemper, a nova educadora que chegou ao colégio em 1882. Em seguida, Nannie passou a dedicar-se ao trabalho evangelístico. Em 1886, foi trabalhar junto a mulheres e meninas na pequena cidade de Itatiba. O consumo de Bíblias, Novos Testamentos e folhetos evangélicos era grande e as contribuições eram boas. A missionária distribuía a literatura evangélica da época: “A viagem do peregrino”, “Vem a Jesus”, “O amigo dos pecadores”, “O pesquisador ansioso”, “Salvo do mar”, “A filha do leiteiro”, etc.

Em 1887, Nannie voltou a atuar na área educacional, desta vez junto à Missão de Nova York, da Igreja do Norte (PCUSA), residindo inicialmente em São Paulo. Continuou sob a jurisdição do Comitê de Nashville, só mais tarde sendo transferida para a Junta da Igreja do Norte. No mesmo ano, uma pessoa anônima comprometeu-se a doar cinquenta mil réis

mensais para que ela prestasse serviços como “leitora da Bíblia”, visitando certo número de famílias. A educadora não pode aceitar o encargo em caráter permanente, mas declarou que iria fazer o trabalho de modo voluntário, sem retribuição, visitando cerca de doze famílias por semana. Certa vez abriu mão do seu salário para auxiliar no sustento de um novo obreiro.

Mais tarde, Nannie também trabalhou em Botucatu, onde dirigiu a escola evangélica fundada pelo Rev. George Landes, na época em que o Rev. Carvalho Braga pastoreava a igreja daquela cidade. Foi auxiliada por Clara E. Hough, Salvina Ribeiro e Lúcia de Moraes, encerrando o seu trabalho ali no final de 1893. Ao longo dos anos, os periódicos de missões *The Missionary* e *Brazilian Missions* publicaram muitos artigos escritos por ela falando sobre as suas atividades e sobre a obra missionária no Brasil. Ao longo da sua carreira, a dedicada missionária exerceu uma forte influência sobre alguns jovens aspirantes ao ministério, como Erasmo Braga e especialmente Franklin do Nascimento.

Nannie Henderson aposentou-se em 1894 e retornou à sua pátria. Residiu em Fredericksburg, na Virgínia, cidade onde muitos ex-missionários no Brasil ou seus cônjuges passaram os últimos anos de vida. Faleceu no dia 16 de abril de 1910, pouco antes da chegada do Rev. Álvaro Reis, o moderador da recém-criada Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil. Nannie ansiara ouvi-lo falar do Brasil antes de morrer. Ao sentir que a morte precedia a chegada daquele que lhe traria notícias da sua pátria de adoção, tomou da pena e preencheu um cheque de \$10 dólares para o Seminário de Campinas, mas não chegou a escrever a carta que o acompanharia. Suas últimas palavras foram “blood Jesus” (sangue Jesus).

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 183, 285s, 446, 469.
- Ferreira, *História da IPB*, I:116, 211, 248; II:127, 189.
- “Record of Missionaries of the Presbyterian Church in the United States (Southern)”, Board of World Missions, Presbyterian Historical Society (Montreat, Carolina do Norte), 38.
- Bear, *Mission to Brazil*, 14, 17, 22s.
- McIntire, *Portrait*, 7/21-24, 35.

Rev. William LeConte

Missionário em Campinas e Recife

William LeConte nasceu em Savannah, Geórgia, em 17 de fevereiro de 1846. Era o filho primogênito de Louis LeConte (do Condado de Liberty, Geórgia) e de Harriet Nisbet (de Athens, no mesmo estado). Tendo o pai falecido em outubro de 1852, a família mudou-se para Washington, D.C., ali residindo até janeiro de 1858. Nessa ocasião, a senhora LeConte levou os filhos para a Europa e por seis anos os educou em escolas da Alemanha, Suíça e Bélgica. William destacou-se grandemente nos estudos e em 1863 foi batizado na Igreja Livre de Bruxelas, no pastorado do Rev. Annet. No mesmo ano, sua família retornou aos

Estados Unidos. No início de 1864, ele obteve colocação em um navio confederado que havia sido equipado na Inglaterra e se dirigia para um dos portos do sul do Estados Unidos. O navio ficou detido por longo tempo nas proximidades de Bermuda, em virtude de uma epidemia de febre amarela a bordo, mas William foi preservado da perigosa doença. Ele então tentou ingressar na Confederação por terra através da Virgínia, mas, quando o fez, Richmond havia caído diante das tropas do norte. Indo para Augusta, Geórgia, trabalhou por alguns anos como funcionário de um banco e filiou-se à Primeira Igreja Presbiteriana.

Dedicando-se aos estudos nas horas vagas, LeConte preparou-se para um curso superior. Ingressou em 1868 na Universidade da Carolina do Sul e graduou-se no ano seguinte, matriculando-se no segundo semestre no Seminário de Colúmbia, onde concluiu os estudos em maio de 1872. Ofereceu-se como voluntário para o trabalho missionário estrangeiro da Igreja do Sul (PCUS) em 1871, sendo nomeado no dia 7 de março. Em abril de 1872, foi licenciado pelo Presbitério de Athens e trabalhou naquele verão em igrejas de Clarksville e Nacoochee. Sua ordenação ocorreu em setembro de 1872, na Igreja de Gainesville. Foi o primeiro missionário Igreja do Sul a vir para o Brasil depois dos casais pioneiros Morton e Lane e da educadora Arianna Henderson. Antes de seguir para o Brasil, compareceu ao Sínodo da Virgínia, reunido em Baltimore. Declinou um convite para falar àquele concílio sobre missões, limitando-se a pedir orações em favor do seu trabalho no campo missionário para o qual Deus o havia chamado.

Partiu para o Brasil no dia 23 de novembro de 1872 e aportou em dezembro, chegando a Campinas no mês seguinte. Em 14 de setembro de 1872, o Rev. Edward Lane havia escrito ao Comitê de Nashville solicitando encarecidamente o envio de um professor que tivesse talento para ensinar, boa formação clássica e que falasse e escrevesse fluentemente em francês e alemão, idiomas muito utilizados pelas classes altas da sociedade brasileira. LeConte foi arrolado pelo primitivo Presbitério de São Paulo, filiado à Igreja do Sul, em 17 de junho de 1873, em uma reunião realizada na “Hopewell Church”, em Santa Bárbara. Assistiu à inauguração do templo da Igreja do Rio de Janeiro, em fins de março e início de abril de 1874, pregando em uma das noites. Devido ao forte desejo de dedicar-se à obra da pregação, não quis exercer permanentemente as funções de professor no Colégio Internacional ou Instituto de Campinas. Assim sendo, solicitou insistentemente a sua transferência para a estação missionária de Pernambuco, onde o pioneiro John Rockwell Smith vinha trabalhando sozinho desde janeiro de 1873.

Por iniciativa do Dr. John Leighton Wilson, secretário do Comitê de Nashville, que se achava em visita a Campinas, LeConte foi para Recife em fevereiro de 1875, trocando de lugar com o Rev. John Boyle, que não havia se adaptado ao clima. Colaborou com o Rev. Smith no jornal *Salvação de Graça*, o primeiro jornal evangélico do norte do Brasil, cujo número de estréia veio a lume em outubro de 1875. O jornal, do qual saíram doze números, veio a ser suspenso com o afastamento e morte do missionário. LeConte deu aulas de diversas matérias, inclusive teologia, ao futuro pastor João Batista de Lima. Regressou gravemente enfermo aos Estados Unidos em julho de 1876, chegando ao seu país em 11 de agosto. Faleceu na casa de sua mãe, em Washington, no dia 4 de novembro do mesmo ano, aos 30 anos de idade.

Seus contemporâneos dizem que LeConte era um homem franzino, mas geralmente gozava de boa saúde. Muito inteligente e culto, destacava-se de modo especial na área lingüística. Além de conhecer francês e alemão, era um estudioso do grego e do hebraico. Embora tivesse um temperamento reservado, tinha grande paixão pela obra missionária e era inflexível no sentido de fazer aquilo que considerava o seu dever. Um antigo missionário no Brasil comentou: “À exceção do seu físico delgado, nenhum homem veio para o Brasil com maior promessa de ser útil”. Seja como estudante da língua portuguesa, professor, autor de artigos religiosos ou pregador do evangelho, a opinião geral era que o seu trabalho foi sempre muito bem feito e que ele foi um verdadeiro mártir, tendo dado a vida pela causa das missões. Seu nome foi perpetuado em uma sociedade missionária do Sínodo da Virgínia.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 113.
- Ferreira, *História da IPB*, I:167, 169s, 182, 214, 247.
- “Rev. William LeConte”, *The Missionary* (Dezembro 1876).
- “Rev. William LeConte”, *Minutes of the Synod of Virginia* (1877), 446s.
- *Memorial Volume of the Semi-Centennial of the Theological Seminary at Columbia, South Carolina* (Columbia: Presbyterian Publishing House, 1884), 315-317.
- Bear, *Mission to Brazil*, 14s, 33-35.
- McIntire, *Portrait*, 7/22.

Rev. John Rockwell Smith

Primeiro missionário presbiteriano no nordeste brasileiro e primeiro professor do Seminário Presbiteriano

John Rockwell Smith, obreiro da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos, nasceu em Lexington, Estado de Kentucky, em 29 de dezembro de 1846. Estudou na Universidade da Virgínia, em Charlottesville. Após formar-se em teologia no Seminário Union (1868-1871), em Hampden-Sydney, no Estado da Virgínia, foi licenciado pelo Presbitério de West Lexington em junho de 1871 e ordenado em 18 de dezembro de 1872. Trabalhou como licenciado em Winchester, no seu estado, de outubro de 1871 até abril de 1872. Desde 1871, foi aceito, ao lado do casal John e Agnes Boyle, como voluntário para o novo trabalho missionário a ser iniciado no norte do Brasil. A abertura desse trabalho foi viabilizada por contribuições das Igrejas Presbiterianas de Nova Órleans (Louisiana) e Mobile (Alabama).

No dia 15 de janeiro de 1873 Smith chegou a Pernambuco, onde realizou um notável trabalho pioneiro como missionário e educador. Iniciou os cultos em 10 de agosto do mesmo ano, tendo por auditório dez adultos e algumas crianças. Como ainda não manejava bem a língua, teve de ler o seu sermão sobre Lucas 4.16-22. No dia 30, registrou numa pequena agenda de bolso: “É um frágil começo”. Naquela época, o único outro trabalho evangélico no Recife era o dos congregacionais, dirigido por Manoel José da Silva Viana,

um diácono da igreja do Rev. Robert R. Kalley no Rio de Janeiro e colportor da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

Segundo o historiador Vicente Temudo Lessa, Smith foi o “Simonton do Norte”. Cercou-se de um seleto grupo de colportores-evangelistas que fizeram importante trabalho preparatório para missionários como ele próprio, DeLacey Wardlaw, George W. Butler, Joseph H. Gauss e William M. Thompson. Em outubro de 1875, criou o periódico *Salvação de Graça*, que teve curta duração, sendo publicados apenas doze números. Era impresso em Lisboa, porque nenhuma tipografia do Recife quis pegar o serviço. Nesse esforço, teve a importante colaboração do Rev. William LeConte, que, após breve estadia no Brasil, faleceu nos Estados Unidos em fins de 1876.

O Rev. Smith organizou a Igreja Presbiteriana de Recife em 11 de agosto de 1878, acompanhado pelo Rev. Alexander L. Blackford, que então viajava a serviço da Sociedade Bíblica Americana. Entre os doze membros fundadores, estavam três moços que depois abraçaram o ministério: João Batista de Lima, José Francisco Primênio da Silva e Belmiro de Araújo César. Esses jovens faziam parte de uma pequena classe para o estudo do Breve Catecismo. Desejando prepará-los para o ministério, Smith contratou-os como colportores ou evangelistas de tempo parcial, o que lhes proporcionou experiência prática e sustento financeiro durante os estudos. Além de Recife, Smith foi pioneiro em muitos outros lugares. Nos anos seguintes, ele também organizou as Igrejas de Goiana (21-11-1880), Paraíba, atual João Pessoa (21-12-1884), Pão de Açúcar (18-08-1887) e Maceió (11-09-1887), sempre debaixo de forte oposição dos adversários.

Em 1879, ocorreu em Pernambuco o famoso caso do “neófito”. Num dos jornais de Recife, começou a sair uma série de artigos caluniosos contra o protestantismo. No ano seguinte, tais artigos foram reunidos em um opúsculo intitulado “Perguntas respeitadas dirigidas ao sr. ministro da igreja evangélica nesta província por um neófito da mesma igreja.” O suposto neófito era na realidade o frei capuchinho Celestino de Pedávoli, que promovia intensa campanha contra os evangélicos. Através do folheto “O neófito desmentido”, o Rev. Smith deu uma resposta concisa e cabal ao pretendo membro do seu rebanho.

Durante vários anos, Smith teve de trabalhar praticamente sozinho, porque os poucos colegas que vieram ajudá-lo foram transferidos (casal Boyle) ou morreram (LeConte, Ballard F. Thompson). A chegada do casal Wardlaw, em 1880, permitiu que ele tivesse o descanso mui necessário, indo em 1881 visitar o trabalho no sul do Brasil. Enquanto ali estava, conheceu Susan Carolina Porter (1857-1921), com a qual se casou. Susan era filha de um casal do Alabama que veio para o Brasil logo após a Guerra Civil norte-americana. Logo que chegaram ao Rio de Janeiro, o pai, James D. Porter, morreu de febre amarela. A viúva, Susan Meggs Porter (1825-1890), mudou-se então para Campinas, onde abriu uma pensão para americanos e ingleses. Mais tarde, Dona Susan Porter e a filha Ella Virginia Porter foram para a capital, tendo sido arroladas na Igreja de São Paulo em 4 de março de 1887. A jovem Ella veio a casar-se com o missionário metodista Rev. Edmund A. Tilly (1860-1917). Outro filho dessa família, William Calvin Porter, também seria um valoroso obreiro presbiteriano no Nordeste do Brasil.

Com a transferência do casal Wardlaw para Fortaleza em outubro de 1882, Smith ficou novamente sozinho, mas a chegada do Dr. George Butler em fevereiro de 1883 permitiu que em novembro desse ano o casal Smith tivesse o seu “furlough” (férias e divulgação do trabalho) nos Estados Unidos. Foram as primeiras férias de Smith em onze anos. A Sra. Wardlaw e seus filhos foram com eles. Quando os Smith regressaram para o Brasil em setembro de 1884, trouxeram consigo o Rev. Joseph Henry Gauss e sua esposa. No mesmo ano, outro obreiro chegou para auxiliar no trabalho do Recife: William C. Porter, cunhado de Smith. No dia 11 de novembro de 1884, foi criada na Igreja de Recife a primeira Sociedade de Senhoras da Igreja Presbiteriana do Brasil.

O Rev. Smith possuía vasta cultura teológica, nutrida por sua rica biblioteca. Seus longos sermões, de cinquenta minutos pelo menos, eram profundamente doutrinários e firmemente calvinistas. Sua carreira como preparador de futuros ministros começou no Nordeste. Ele lecionava todas as matérias, inclusive o grego. Em 22 de maio de 1887, assistido pelos Revs. Blackford e Wardlaw, ordenou a sua primeira turma de três estudantes, os já citados João Batista de Lima, José Primênio e Belmiro César. Também foram seus alunos no nordeste os Revs. William C. Porter, Juventino Marinho da Silva e Manoel Alfredo Guimarães. Em 17 de agosto de 1888, os missionários Smith, Wardlaw e Butler, bem como os pastores recém-ordenados Lima, Primênio e Belmiro e o presbítero William C. Porter organizaram o Presbitério de Pernambuco.

Quando da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, em setembro de 1888, Smith foi o relator da comissão que recomendou a criação do Seminário Presbiteriano. Foram eleitos professores o Rev. Smith e o Rev. Blackford, que veio a falecer em 1890. Em 1891, a Universidade Central de Kentucky concedeu a Smith o título de Doutor em Divindade (D.D.). Em fins de 1892, Smith mudou-se para Nova Friburgo, no Estado do Rio, onde o seminário foi inaugurado no dia 15 de novembro. Os outros professores eram o Rev. John M. Kyle, pastor da igreja presbiteriana local, e o Rev. João Gaspar Meyer, pastor luterano. Havia apenas quatro alunos: Franklin do Nascimento, Manoel Alfredo Guimarães, Alberto Meyer e o futuro historiador Vicente Temudo Lessa. Além de teologia, o Rev. Smith lecionava inglês, história, geografia, aritmética e rudimentos de grego e hebraico.

No início de 1895, o Rev. Smith, sua família e os estudantes mudaram-se para São Paulo, para onde se transferiu o seminário, unindo-se ao Instituto Teológico criado dois anos antes pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira. Além de lecionar, o Rev. Smith colaborou com a 1ª Igreja Presbiteriana, onde pregava freqüentemente. No Sínodo de 1897, ele apresentou a controvertida “Moção Smith”, solicitando que as igrejas-mães norte-americanas ajudassem a igreja brasileira no trabalho de evangelização por métodos diretos, aplicando seus recursos na preparação de ministros e no sustento de escolas para os filhos dos crentes, e não em grandes colégios. Desde 1878 Smith havia adquirido a convicção de que os missionários não deviam envolver-se com escolas voltadas para fins seculares. Em 1906, essa posição iria influenciar a divisão da Missão Sul em Missão Leste, com sede em Lavras (favorável às escolas), e Missão Oeste, sediada em Campinas (contrária às mesmas).

Com a crise que resultou na divisão da igreja (1903), a família Smith passou a freqüentar a Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo. De 1903 a 1905, Dona Carolina foi presidente da Sociedade Auxiliadora de Senhoras (SAS), que participava da campanha para a compra do terreno da Rua Helvetia e a construção do templo (passou a denominar-se SAF em 1936). No início de 1907 o seminário transferiu-se para Campinas, onde o Rev. Smith findou a sua longa carreira como pastor e educador. Além de dirigir o seminário, ocupou as cadeiras de grego, teologia sistemática, teologia prática e governo eclesiástico. Em 1910, foi para os Estados Unidos em tratamento de saúde. De regresso, continuou a servir à igreja; além de trabalhar no seminário, pregava regularmente em dois lugares próximos à cidade. De 1904 a 1914, participou da comissão interdenominacional que, sob a direção do Dr. Hugh Clarence Tucker (1857-1956), secretário executivo da Sociedade Bíblica Americana, preparou uma nova tradução da Bíblia, a “Tradução Brasileira”, publicada em 1917.

Smith preparou mais de cinquenta homens para o ministério. Entre os seus últimos alunos estiveram Jorge Goulart, Galdino Moreira, Guilherme Kerr e José Carlos Nogueira. Quando um deles lhe observou que precisava descansar, o Rev. Smith respondeu: “Terei a eternidade inteira para descansar”. Devido a problemas de saúde, aposentou-se em dezembro de 1917. Poucos dias antes de morrer, em 9 de abril de 1918, disse ao acordar que sonhara estar distribuindo folhetos no interior do Brasil. Sua esposa, Dona Carolina, faleceu em 17 de novembro de 1921. O túmulo do casal no Cemitério da Saudade, em Campinas, tem os dizeres: “Pelejaram a boa peleja, guardaram a fé. Quem nos separará do amor de Cristo?”

O casal Smith teve quatro filhos e duas filhas. Dos filhos, três seguiram a carreira ministerial (James Porter, Robert Benjamin e William Kyle) e o outro foi médico (Rockwell Emerson). Sua filha Sarah Warfield Smith casou-se com o missionário Rev. Gaston Boyle (1882-1965). O primogênito, James Porter Smith, nascido no Recife em 19 de agosto de 1882, após estudar no Seminário Union, em Richmond, regressou ao Brasil em 1909. No mesmo ano, casou-se com Sadie Miller Hall, de Vila Americana, e em 1910 foi ordenado em Sorocaba. Pastoreou várias igrejas do Presbitério de São Paulo e lecionou no Seminário de Campinas de 1918 a 1930, sucedendo o seu progenitor. Escreveu o livro *An Open Door in Brazil* (Uma Porta Aberta no Brasil, 1925), um relato da obra missionária da Igreja do Sul em terras brasileiras. Regressando aos Estados Unidos, tornou-se professor de teologia no Seminário Union. Foi o último missionário da Missão Oeste a deixar a região de Campinas. Faleceu em Richmond no dia 31 de julho de 1940.

Seu irmão, Robert Benjamin Smith, nascido em Friburgo em 24 de agosto de 1893, estudou para o ministério nos Estados Unidos e veio para Pernambuco em 1923. Foi pastor em Areias e professor no Seminário do Recife. Regressou aos Estados Unidos em 1929. Pelo menos seis netos do Rev. John R. Smith também foram pastores. O Rev. Dr. Morton H. Smith, seu sobrinho-neto, com 78 anos, é professor de teologia bíblica e sistemática no Seminário Teológico Presbiteriano de Greenville, na Carolina do Sul. Ele foi o primeiro secretário executivo da Igreja Presbiteriana da América – PCA (1973-1988) e em 2000 foi eleito moderador da Assembléia Geral dessa igreja. É autor de muitos livros e ensaios, e ocasionalmente tem visitado o Brasil.

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 112s, 180a (foto), 156s, 215s, 282s, 287-90, 318, 356, 474s, 479s, 591, 669.
- Ferreira, *História da IPB*, I:154-160, 169, 181-83, 191s, 234-36, 285, 293, 300, 341, 369-71, 395-400, 420s, 577; II:49, 132, 154, 191, 277, 284, 366s.
- *The Foreign Missionary* (Outubro 1874), 140.
- Álvaro Reis, “Rev. Dr. John Rockwell Smith”, *O Puritano* (18-04-1918), 1.
- Herculano de Gouvêa Júnior, “Dr. John Rockwell Smith”, *O Puritano* (25-04-1918), 1 e 4.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- James Porter Smith. *An Open Door in Brazil: being a brief survey of the mission work carried on in Brazil since 1869 by the Presbyterian Church in the United States*. Richmond: Presbyterian Committee of Publication, 1925.
- *Norte Evangélico* (11-08-1928), 3, 12s.
- “Dr. James Porter Smith”, *O Puritano* (25-09-1940), 2.
- Guilherme Kerr, “Dr. John Rockwell Smith”, *O Puritano* (10-08-1952), 4; (25-08-1952), 2.
- Bear, *Mission to Brazil*, 7s, 33-40, 45s, 154s, 158s.
- Mac Knight Jones, *Soldado Descansa*, 217s.
- *Igreja Presbiteriana do Recife, Anais do Centenário* (1978).
- “Rockwell e Belmiro”, *Ultimato* (Agosto 1978), 16-18.

Rev. John Boyle

Primeiro missionário presbiteriano no Triângulo Mineiro e em Goiás

John Boyle nasceu em 1º de março de 1845 no Condado de Spencer, no norte do Estado de Kentucky. Era filho de William Boyle e Esther Glass Boyle. Estudou no Centre College de Kentucky e trabalhou como professor, ingressando em seguida no Seminário Teológico Union (1870), em Richmond, na Virgínia. Foi ordenado pelo Presbitério de Transylvania, no seu estado natal, em 6 de junho de 1872. Ele e sua esposa Agnes Woodson Morton Boyle, natural de Farmville (Virgínia), partiram de Nova York em 23 de março de 1873 e chegaram a Recife no dia 15 de abril, exatamente três meses após a chegada do Rev. John Rockwell Smith. Foram enviados ao Brasil pelo Comitê de Missões de Nashville, da Igreja Presbiteriana do Sul (PCUS), que os havia nomeado como missionários em 1871. Devido a dificuldades com o clima, transferiram-se em abril de 1875 para Campinas, onde Boyle auxiliou o Rev. Edward Lane no trabalho evangelístico e educacional. Ocupou a direção do colégio de meninas anexo ao Colégio Internacional. Foi arrolado pelo antigo Presbitério de São Paulo, filiado à PCUS, em 1877, último ano da existência daquele concílio.

No início de 1879, Boyle fixou residência em Mogi-Mirim, de onde evangelizou extensamente a região limítrofe com Minas Gerais. Naquela cidade residia um crente alemão chamado Jacob Filipe Wingerther, que era dedicado colportor e evangelista da

Missão de Nashville. Em 22 de agosto do mesmo ano, acompanhado de Wingerther, Boyle esteve pela primeira vez em Cabo Verde, Minas Gerais, pregando a cerca de 60 pessoas na sala da maçonaria, a convite do fazendeiro Antônio de Pádua Dias, que vinha lendo a Bíblia há algum tempo. A igreja local seria organizada pelo Rev. Miguel Torres, no sítio de Pádua Dias, em 22 de maio 1881. Outra cidade que Boyle visitou foi Cajuru, onde a única pessoa a acolhê-lo foi o chefe maçônico local, Miguel Rizzo, que veio a converter-se com a sua família. Seu filho do mesmo nome foi o ilustre pastor da Igreja Unida de São Paulo e o “príncipe do púlpito presbiteriano”. Em seu trabalho missionário, Wingerther havia feito longas viagens até o Triângulo Mineiro, trazendo a Boyle informações sobre as oportunidades evangelísticas daquela vasta região.

Em 1881 e 1882, Boyle fez as suas primeiras viagens de reconhecimento no Brasil Central, chegando até Uberaba. No ano seguinte, Wingerther foi até Paracatu e outra vez trouxe um relatório entusiástico sobre a receptividade do povo. Em meados de 1884, os dois obreiros visitaram, entre outros lugares, Araguari, Bagagem, Paracatu, Santa Luzia de Goiás e Formosa. Entre os primeiros conversos de Araguari estavam Querubino dos Santos e o casal Tertuliano e Maria Otília Goulart, pais do futuro Rev. Jorge Thompson Goulart. Os primos Tertuliano e Querubino haviam sido influenciados pela leitura da Bíblia e de um exemplar da *Imprensa Evangélica*, pelo qual souberam que um missionário americano, John Boyle, se oferecia para explicar o evangelho a quem o procurasse. Escreveram para Boyle em Mogi-Mirim. Este foi a Bagagem, de onde tinha sido enviada a carta, mas os moços haviam transferido residência para Araguari. Em Bagagem, Boyle encontrou um ferreiro que se convertera pela leitura da Bíblia e estava pronto para professar a fé, embora nunca tivesse ouvido falar em igrejas evangélicas. Seguindo para Araguari, encontrou os dois moços, recebendo-os por profissão de fé, junto com vários parentes, no domingo dia 13 de julho de 1884. Estes foram os primeiros crentes presbiterianos de todo o Triângulo Mineiro. A viagem de retorno de Luziânia a Mogi-Mirim durou quatro semanas e dois dias de cavalgada incessante.

Em 1885, Boyle foi aos Estados Unidos em gozo de férias (residiu em Danville, Kentucky) e obteve permissão para mudar-se para o interior do Brasil. Retornou no ano seguinte, trazendo consigo um novo missionário, Rev. George Wood Thompson. De agosto a outubro do mesmo ano (1886), os dois ministros visitaram os lugares em que Boyle havia pregado em 1884 e concluíram que Bagagem, uma cidade de garimpeiros, na qual Tertuliano e Querubino estavam residindo novamente, devia ser a nova base de operações. Em 14 de abril de 1887, Boyle participou da criação do Presbitério de Campinas e Oeste de Minas, sucessor do antigo Presbitério de São Paulo, extinto dez anos antes. Em julho, a família Boyle e o Rev. Thompson mudaram-se para Bagagem, hoje denominada Estrela do Sul (devido ao famoso diamante com esse nome lá encontrado), no norte do Triângulo Mineiro. A mudança foi uma verdadeira epopéia, narrada com detalhes em um relato enviado ao periódico *The Missionary*. Com isso, foi formalmente reconhecida a Missão do Interior do Brasil.

No ano seguinte (1888), Boyle voltou a visitar o campo de Goiás, fazendo uma viagem de mais de 1500 km. Atravessando os rios Paranaíba e São Marcos, pregou em Catalão, Caldas

Novas, Morrinhos, Santa Luzia, Formosa, Jaraguá, Entre Rios e Curralinhos, chegando até a antiga capital da província, Goiás Velho. Numa carta enviada ao periódico de missões, ele expressou o desejo de evangelizar o Vale do Tocantins e chegar até o Amazonas. No mesmo ano, participou da criação do Sínodo Presbiteriano, sendo eleito vice-moderador, e passou a integrar o novo Presbitério de Minas. Em janeiro de 1889, Boyle lançou o apreciado jornal *O Evangelista*, revivido mais tarde em Araguari por seu discípulo Querubino dos Santos e em Descalvado pelo Rev. Alva Hardie. Nas suas “Cartas ao Bispo de Goiás”, publicadas nesse periódico a partir de 1891, respondeu às acusações contidas no folheto antiprotestante “O Neófito”, publicado no Recife em 1879.

Enquanto Boyle viajava em Goiás, Thompson e Hugh C. Tucker, o secretário da Sociedade Bíblica Americana, foram de Paracatu até o rio São Francisco, desceram por esse rio até o litoral e chegaram a Pernambuco. Thompson regressou ao Triângulo Mineiro, quando soube que a febre amarela havia atingido alguns colegas em Campinas. Ele foi ajudá-los, acabou contraindo a doença e veio a falecer. No final de 1889, chegou ao Brasil para substituí-lo o Rev. Frank A. Cowan e no ano seguinte ele e Boyle fizeram novamente o circuito de Goiás. Em 1891, a Sra. Boyle foi para os Estados Unidos com três filhos que precisavam estudar, deixando Boyle e o casal Cowan em Bagagem. No dia 1º de setembro daquele ano, Boyle pregou na cerimônia de ordenação dos licenciados João Vieira Bizarro, Herculano Ernesto de Gouvêa e Bento Ferraz, em Mogi-Mirim, na companhia dos Revs. Edward Lane e Miguel Torres. Entre outros, Boyle encaminhou na vida cristã e nos estudos para o ministério os jovens Delfino dos Anjos Teixeira e Álvaro E. Gonçalves dos Reis, tendo recebido este último por profissão de fé em 1882, em Mogi-Mirim.

Boyle não perdia tempo. Em uma de suas viagens, passou por cerca de 40 cidades e vilas e só não pregou em duas delas por falta de local. Até 1890, quando a Igreja Católica deixou de ser a religião oficial, eram vedadas as manifestações evangélicas ao ar livre. Nas suas viagens evangelísticas, Boyle distribuía Bíblias e Novos Testamentos, um dos quais mais tarde foi parar nas mãos do Sr. Davi de Melo. Já desapontado com a vida dissoluta do único padre da região, Davi passou a ler a Bíblia aos domingos com um vizinho protestante. Eventualmente ele, a esposa Maria Isabel e as três filhas foram recebidos por profissão de fé pelo Rev. Charles R. Morton. Algum tempo depois, seu irmão Manoel de Melo e a esposa, recém-casados, também professaram a fé com o Rev. Morton. Foram os pais de Maria de Melo Chaves, autora do livro *Bandeirantes da Fé*. Com o passar do tempo, todos os outros irmãos Melo se converteram.

Em meados de 1892, com o fim da *Imprensa Evangélica*, Boyle foi convidado para se transferir para São Paulo e reiniciar a publicação desse periódico pioneiro. Todavia, preferiu continuar evangelizando no interior, a sua verdadeira vocação (“meu coração está no sertão, e no sertão hei de ficar”). Ele e o Rev. Samuel Gammon foram ao Rio de Janeiro para recepcionar o Dr. Matthew Hale Houston (1841-1905), secretário do Comitê de Nashville de 1883 a 1893. Boyle também aguardava a chegada da esposa Agnes, que afinal não veio. Seguiram até Lavras a fim de estudar a possibilidade da mudança do Colégio Internacional para aquela cidade mineira. No início de setembro, os três obreiros

participaram da reunião do Presbitério de Minas em Cabo Verde, cidade em que Boyle pregara pela primeira vez treze anos antes.

De volta a Bagagem, a última etapa da viagem de Boyle foi uma cavalgada de vinte e quatro horas seguidas, chegando em casa no dia 10 de setembro. Os amigos notaram que a sua saúde estava alterada. Sua atividade era febril: no jornal, na chácara e no Colégio Progresso Brasileiro, que havia fundado. O preparo de seus artigos para publicação em livro e um incêndio em sua propriedade, que exigiu esforço seu e dos amigos até a noite, levaram-no para a cama. Nos seus últimos dias, foi afligido pela dispnéia e por edemas. Orava pelos queridos ausentes e pelo trabalho, e cantava hinos, ora em português (“Na terra aos domingos Jesus descansamos”, *Hinário Evangélico* n° 69), ora em inglês (“O Lord, how many are my foes” = Senhor, quantos são os meus inimigos). Faleceu repentinamente no dia 4 de outubro de 1892, vitimado por um enfarte, tendo apenas 47 anos de idade. Seu túmulo de aspecto simples tem os dizeres de Apocalipse 14.13: “Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor”. Nesse mesmo ano aflitivo para o presbiterianismo brasileiro, já haviam falecido os Revs. Edward Lane e Miguel Gonçalves Torres. Em meados do ano seguinte, os Revs. Álvaro Reis e Caetano Nogueira Júnior organizaram formalmente as quatro igrejas fundadas por Boyle no Brasil Central: Bagagem, Paracatu, Santa Luzia de Goiás e Araguari. Hoje ainda podem ser vistas em Estrela do Sul, junto ao rio que corta a pequena cidade, as ruínas do antigo casarão em que viveu a família Boyle.

Além de publicar *O Evangelista*, no qual revelou seus dotes de polemista, Boyle deixou sermões em *O Púlpito Evangélico* e escreveu o opúsculo *A Índia e o Cristianismo*. Também deu importante contribuição à hinologia evangélica. Produziu o hinário *Hinos Evangélicos e Cânticos Sagrados*, com 604 hinos e várias doxologias, o que lhe custou treze anos de abnegados esforços. Trinta e sete dos hinos são de sua autoria, dentre os quais “Pátria minha, por ti suspiro”, “Pela fé avistamos além” e “Tributai, ó vós remidos”. O hinário foi publicado em 1888 pela Tipografia Laemmert, do Rio de Janeiro. Propôs-se a lançar, em seguida, a mesma coletânea com músicas, porém faleceu antes de realizar esse intento. Dezenove de suas produções figuravam nas edições antigas de *Salmos e Hinos*. O *Hinário Presbiteriano Novo Cântico* tem dois de seus hinos, “A minha alma está manchada” (n° 72) e “Sobre nuvem, fulgurante” (n° 295).

D. Agnes faleceu em 23 de março de 1902 em Fredericksburg, na Virgínia, onde era diretora de uma escola e abrigo de órfãos de missionários. Seus cinco filhos foram Gaston, Margaret Esther, Mary Venable, Woodson Morton e Lewis Holladay. Gaston Boyle, nascido em Mogi-Mirim em 31 de outubro de 1882, também foi missionário no Brasil, chegando a Campinas em 1908 para reaprender a língua. Casou-se em 1909 com Sarah Warfield Smith, filha do pioneiro John Rockwell Smith. Trabalhou inicialmente em Bragança (1909-1918), de onde penetrou fundo pela região montanhosa de Cambuí. Como seu pai, travou muitas polêmicas com os padres por meio de jornais e folhetos. Em seguida, trabalhou por vários anos no difícil campo de Itu, uma fortaleza jesuítica, no qual havia muitos pontos de pregação. Gaston retornou à pátria dos seus pais em 1933, falecendo muitos anos depois, em 9 de abril de 1965.

Seu filho mais velho, John Boyle (o mesmo nome do avô), veio mais tarde servir à Missão Leste (1938-1974). Chegou como obreiro leigo, residindo inicialmente em Lavras. Casou-se em 1942 com a missionária May Shepard Schlich, estudou no Seminário de Campinas e foi ordenado em 1950. O casal trabalhou em Paraguaçu Paulista, Formiga, Bambuí, Sete Lagoas e Ponta Porã. Ao se aposentarem, foram viver em Ubatuba, no litoral de São Paulo. Seu irmão Lewis Venable Boyle, nascido em Itu em 31 de dezembro de 1923, foi pastor de diversas igrejas nos Estados Unidos.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 113, 300, 338, 419-22, 641.
- Ferreira, *História da IPB*, I:158, 167, 192, 247, 248-54, 280, 285, 322s, 329, 334, 367s, 376-78, 488, 502-508; II:132, 315s, 367.
- Livro de Atas da Igreja de Cabo Verde (1881-1904), Arquivo Presbiteriano.
- Necrológio do Rev. John Boyle, *O Evangelista* (05-10-1892).
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- James Porter Smith. *An Open Door in Brazil: being a brief survey of the mission work carried on in Brazil since 1869 by the Presbyterian Church in the United States*. Richmond: Presbyterian Committee of Publication, 1925.
- Chaves, *Bandeirantes da Fé*, 22-28.
- Bear, *Mission to Brazil*, 15, 17-22, 138, 154-58.
- Braga, *Música Sacra Evangélica*, 326.
- McIntire, *Portrait*, 7/35, 70-76.
- *Ministerial Directory, PCUS (1861-1967)*, 59.
- “Personalial”, *Ultimato* (Agosto 1976), 7.
- Ribeiro, *IPB: Da Autonomia ao Cisma*, 74-118.
- Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 254s, 265-268.
- Waldete Tilmann Ribeiro da Silva e Jonas Alves da Silva, *Igreja Presbiteriana de Araguari: Uma Trajetória de Cem Anos (1893-1993)*. Araguari, 1993.
- Wilson Castro Ferreira. *Pequena História da Missão Oeste do Brasil*. Patrocínio: CEIBEL, 1996.

Rev. John Watkins Dabney

Educador e evangelista na região de Campinas

John W. Dabney nasceu na Virgínia em 20 de setembro de 1850. Seu pai era irmão do Dr. Robert L. Dabney, teólogo, professor e autor de compêndios teológicos. Foi esse líder quem sugeriu à Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos (PCUS) o estabelecimento de uma missão no Brasil. John foi professor na Virgínia por cinco anos e formou-se no Hampden-Sydney College em 1874. Foi nomeado missionário pelo Comitê Executivo da Igreja Presbiteriana do Sul em 9 de junho daquele ano e partiu para o Brasil em 23 de agosto, chegando a Campinas em outubro. Após lecionar por dois anos no Colégio Internacional e auxiliar o Rev. Edward Lane na Igreja de Campinas, regressou aos Estados Unidos em

setembro de 1876, em parte por razões de saúde, mas também para empreender os seus estudos teológicos no Seminário Union. Levou consigo dois estudantes brasileiros, um dos quais o futuro Rev. Flaminio Augusto Rodrigues, que iriam estudar em Hampden-Sydney.

Dabney foi licenciado e ordenado pelo Presbitério de East Hanover em 28 de abril de 1878 e casou-se com Kate Nelson Gregory, em Richmond, no dia 20 de junho. Sua nomeação foi renovada pelo Comitê de Nashville em 6 de janeiro de 1879. Ele e sua esposa embarcaram no dia 5 de fevereiro, chegando a Campinas em março. Com a sua chegada, o Rev. John Boyle mudou-se de Campinas para Mogi-Mirim. Dabney foi enviado com instruções específicas do Comitê Executivo para assumir a tesouraria do Colégio Internacional e aclarar a difícil situação financeira que ameaçava a existência da instituição. Meses depois, quando o Rev. George Nash Morton mudou-se para São Paulo, Dabney assumiu a direção do colégio. Como quase a metade dos professores e alunos acompanharam Morton na mudança para São Paulo, foi com muita dificuldade que o Colégio Internacional continuou o seu trabalho. A matrícula chegou ao seu ponto mais baixo em 1882, quando a escola tinha apenas cinquenta e um estudantes. A essa altura, havia ocorrido uma mudança na filosofia educacional da missão e o colégio tinha se voltado para o ensino da Bíblia e a preparação de obreiros. Em 1882 chegou a missionária Charlotte Kemper a fim de auxiliar na escola para meninas. Flaminio Rodrigues, tendo se formado em Hampden-Sydney, assumiu a escola para meninos em 1884, liberando Dabney para o trabalho evangelístico.

Desde que voltou ao Brasil, em 1879, Dabney vinha se dedicando ao ministério. Auxiliou o Rev. Edward Lane no pastorado da Igreja de Campinas, substituindo-o em suas ausências na assistência ao vasto campo. Em 18 de agosto daquele ano, pregou em Cabo Verde, Minas Gerais, e no dia seguinte em São Bartolomeu, sendo o pioneiro daquela região. O colportor Jacob Filipe Wingerther acompanhou-o nessa viagem. No dia 29 de abril de 1883, organizou a Igreja de Itatiba. Além de Campinas, pastoreou as Igrejas de Itapira (Penha), Itatiba e Mogi-Mirim; visitou Amparo, Bragança e Santa Bárbara, e residiu por cerca de dois anos em Jundiá. Foi um dos oradores na semana de trabalhos especiais que marcou a inauguração do templo da Igreja Presbiteriana de São Paulo, em janeiro de 1884. Esteve presente na criação do Presbitério de Campinas e Oeste de Minas em 14 de abril de 1887, mas só foi arrolado no ano seguinte, transferindo-se do Presbitério de West Hanover. Em setembro de 1888, participou da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Em março de 1889, sentindo-se esgotado e doente, recebeu a visita do colega George Wood Thompson, residente em Bagagem, no Triângulo Mineiro, que veio auxiliá-lo em suas atividades ministeriais. Na ocasião houve um surto de febre amarela e Thompson faleceu no dia 1º de maio com apenas 26 anos. Dabney escreveu a respeito do amigo dizendo que ele “serviu de modo belo e corajoso”. Menos de um ano depois, Dabney seria mais uma vítima fatal da mesma enfermidade. Em 2 de março de 1890, um domingo, pregou em Itatiba. No dia seguinte, ao retornar para Campinas, foi acometido pela febre amarela, vindo a morrer no dia 9 de março, aos 39 anos de idade. Morreu calmamente. Em resposta a uma pergunta do Rev. Lane, indagando se estava pronto para partir, replicou: “Sim, estou pronto há anos”. Pouco antes de expirar nos braços do colega veterano, disse: “Desde o início pedi a Deus que fizesse o que é melhor e não tenho dúvida de que ele está fazendo”.

Falou no sepultamento o Rev. Eduardo Carlos Pereira, que pouco depois escreveu na *Revista das Missões Nacionais* um belo tributo ao obreiro falecido. O Rev. Edward Lane, que acabara de chegar dos Estados Unidos, onde deixara a sua família, teve de voltar para lá levando a viúva e os cinco filhos do colega. Sua lápide no Cemitério da Saudade contém a passagem de Apocalipse 14.13, em inglês. Kate Dabney voltou a se casar e viveu por muitos anos em Charlotte, na Carolina do Norte.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 173, 354s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:215, 247s, 285s, 327, 329.
- “Rev. John W. Dabney”, *The Missionary* (Junho 1890).
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Bear, *Mission to Brazil*, 14, 16s, 24.
- McIntire, *Portrait*, 7/35s, 8/5.
- Bencostta, *Ide por Todo Mundo*, 102-106.

Rev. Ballard Franklin Thompson

Missionário em Recife

Ballard F. Thompson nasceu no Condado de Wilson, no Tennessee, em 10 de outubro de 1847. Em 1875, bacharelou-se no Stewart College, da Universidade Presbiteriana do Sudoeste, em Clarksville, no mesmo estado, e trabalhou como professor. Fez os estudos teológicos no Seminário Teológico Union, na Virgínia, onde ingressou em 1876. Foi licenciado pelo Presbitério de Nashville em 23 de abril de 1879 e ordenado em janeiro de 1880. Nomeado missionário em 1879, chegou a Recife em 26 de fevereiro de 1880 para auxiliar o Rev. John Rockwell Smith.

O Rev. William Calvin Porter, discursando no cinquentenário do Presbitério de Pernambuco (15 de agosto de 1938), disse que Ballard era forte e bem disposto. Aprendeu em pouco tempo o português. Uma tarde foi ao bairro da Madalena visitar uma família crente e as moças da casa o levaram ao sítio. Apesar de advertido, comeu goiabas aquecidas pelo sol da tarde. Disse: “Isto não me faz mal”. Morreu dentro de uma semana, no dia 27 de abril de 1880, vitimado por uma febre gástrica. Havia chegado ao Brasil há dois meses e tinha apenas 33 anos. A sua morte levou o colega de seminário e amigo DeLacey Wardlaw a oferecer-se para tomar o seu lugar, vindo o mesmo a trabalhar por muitos anos em Fortaleza.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 188.
- Ferreira, *História da IPB*, I:182s.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.

- Aglaia de Amorim Garcia Ximenes. “W. C. Porter: O Missionário de Cabelos Brancos”. Manuscrito não publicado, Arquivo Presbiteriano.

Rev. DeLacey Wardlaw

Pioneiro presbiteriano no Ceará

DeLacey Wardlaw era natural de Paris, Kentucky, onde nasceu no dia 5 de novembro de 1856. Era filho de T. DeLacey Wardlaw e Sarah Louise Fisher Wardlaw. Estudou no Colégio de Nova Jersey, em Princeton, e no Seminário Union (1878-1880), na Virgínia, onde foi colega de classe de Ballard F. Thompson. Este chegou a Recife em fevereiro de 1880 e faleceu repentinamente dois meses depois. Wardlaw prontamente ofereceu-se para tomar o lugar do amigo. Após ser ordenado pelo Presbitério de Nashville em junho de 1880, chegou a Recife em 26 de agosto, acompanhado de sua esposa, Mary Swift Hoge Wardlaw, natural da Virgínia. Trabalharam por algum tempo com o pioneiro Rev. John Rockwell Smith. No início de 1882, o casal sentiu a necessidade de viver em um lugar de clima mais ameno. Após uma breve viagem aos Estados Unidos, transferiram-se para o Ceará, chegando a Fortaleza no dia 27 de setembro de 1882. Era um domingo e o missionário realizou o seu primeiro culto à noite, na Praça dos Mártires, onde estava hospedado.

O Rev. Wardlaw batizou os treze primeiros membros em 8 de julho de 1883, data da organização inicial da Igreja de Fortaleza. Na época, houve polêmica pelos jornais, disso resultando a publicação de dois folhetos. Wardlaw escreveu um deles, *O Culto dos Santos*, em resposta a outro do mesmo título escrito pelo padre Constantino Gomes de Mattos. Transcorrido um ano, o Comitê de Missões determinou que ele passasse parte do tempo em São Luís do Maranhão, onde esteve de outubro de 1883 até abril de 1884, viajando em seguida para os Estados Unidos. Em julho de 1885, Wardlaw organizou a Igreja de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Em 22 de maio de 1887, participou da ordenação dos primeiros pastores presbiterianos brasileiros do Nordeste: Belmiro de Araújo César, João Batista de Lima e José Francisco Primênio da Silva. Nessa época, realizou reuniões evangelísticas em um teatro alugado em Natal, numa das quais havia mais de seiscentas pessoas.

Além de repetidas visitas a Mossoró, Wardlaw fez viagens pelo interior do Ceará, visitando Baturité e outros pontos, nos quais enfrentou destemidamente muitas perseguições. Numa dessas viagens, foi acompanhado pelo Rev. John R. Smith e pelo então presbítero William Calvin Porter, tendo os três obreiros enfrentado tremenda perseguição em Conceição de Baturité. Em Fortaleza, Wardlaw publicou artigos no *Libertador*, um jornal com tiragem de três mil exemplares distribuído em toda a província. Nos debates com o padre Constantino, contou com a colaboração de José Damião de Souza Melo, o primeiro crente presbiteriano de Fortaleza, que era jornalista e poeta. Em 1888, participou da organização do Presbitério de Pernambuco, em 17 de agosto, e do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 6 de setembro. A Igreja de Fortaleza foi formalmente organizada, mediante a eleição dos primeiros oficiais, em 6 de agosto de 1890.

Alguns anos depois, o Rev. Wardlaw teve um desentendimento com o Dr. Matthew Hale Houston, secretário do Comitê de Missões de Nashville, e foi demitido do seu posto de missionário. Citando o alto custo de vida e os poucos frutos do trabalho, Houston entendia que não deviam ser enviados novos missionários ao norte do Brasil, e sim à China e ao Japão. Em novembro de 1893, foi enviado para trabalhar no Ceará o Rev. William Calvin Porter, que ali ficou até 1895. No inverno de 1894, Porter e Wardlaw fizeram uma viagem missionária às cidades de Quixadá e Uruburetama. Ao regressarem, quase perderam a vida na travessia do rio Curu, que estava transbordando devido às chuvas; Wardlaw foi levado pela correnteza mais de um quilômetro rio abaixo. Numa visita do Dr. Houston a Fortaleza, Porter serviu de instrumento para a reconciliação dos dois obreiros.

Com a transferência do casal Porter para Natal, Wardlaw e a esposa ficaram sós, por algum tempo, divididos entre Fortaleza e Baturité, além de outros pontos. Em 1896, chegou ao Ceará para auxiliar Wardlaw o Rev. Reginald P. Baird, filho do Rev. James R. Baird, que havia trabalhado na colônia dos americanos em Santa Bárbara, no Estado de São Paulo. No ano seguinte, por causa de dificuldades surgidas no seu pastado, o Rev. Wardlaw foi desligado do Presbitério de Pernambuco e da Missão. A causa das dificuldades teria sido o fato de ele envolver-se com atividades comerciais, montando uma livraria. Viveu em Fortaleza por mais alguns anos, tratando de seus negócios particulares, e regressou aos Estados Unidos no segundo semestre de 1901. O Rev. Natanael Cortez narra um caso pitoresco. Wardlaw certa vez foi apupado por um grupo de meninos nas ruas da capital cearense: “Padre casado! Padre casado! Olha o padre casado!” O missionário, muito bem vestido, distribuiu uns níqueis entre os garotos e recomendou: “Olha meninos, continua, continua! Chama mim padre casado. Non chama padre amancebada, non”.

O Rev. Wardlaw faleceu no dia 20 de janeiro de 1934. Sua esposa faleceu no mesmo ano. Apesar das dificuldades em expressar-se em português, e embora tivesse se retirado nessas circunstâncias desagradáveis, o seu trabalho corajoso ficou como uma página inspiradora na história do presbiterianismo brasileiro. Mary Hoge Wardlaw escreveu em inglês o livro intitulado *Cândida ou Por um Caminho que ela não Conhecia: Uma História do Ceará*. Em 1941, o Rev. Natanael Cortez encontrou em Miami uma filha do casal Wardlaw.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 188, 215, 535-37.
- Ferreira, *História da IPB*, I:224-30, 297s, 452-54.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Bear, *Mission to Brazil*, 35, 40, 43s, 48.
- Natanael Cortez, *O Presbiterianismo no Norte do Brasil* (Recife, 1957), 9-11.
- Mary Hoge Wardlaw. *Cândida; or, By a Way She Knew Not: A Story From Ceará*. Richmond, s/d.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. De Lacey Wardlaw”, *Brasil Presbiteriano* (Março 1998), 20.

Charlotte Kemper

Grande educadora em Campinas e em Lavras

Charlotte ou Carlota Kemper foi a terceira missionária-educadora enviada ao Brasil pela Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos (PCUS), depois de Arianna Henderson e Mary Videau Kirk. Nasceu em Warrenton, no norte da Virgínia, não muito longe de Washington, em 21 de agosto de 1837, sendo neta de um coronel do exército prussiano emigrado para os Estados Unidos. Seus pais chamavam-se William Samuel Kemper e Sarah Humphreys Kemper. Lotty, como era conhecida dos íntimos, recebeu sólida educação em seu estado natal, tendo estudado nas cidades de Charlottesville e Richmond. Em 1847, seu pai foi nomeado diretor da Universidade da Virgínia, criada pelo grande estadista Thomas Jefferson. De temperamento um tanto introvertido, Charlotte era dotada de uma inteligência excepcional. Estudou álgebra, geometria, língua e literatura latina e grega, alemão, italiano, francês e mais tarde hebraico, além de piano, violão e canto.

A jovem experimentou os horrores e humilhações da Guerra Civil. Com a derrota dos confederados, todos os bens de valor da família foram confiscados. Um oficial de Elmira, Nova York, mandou, em sua presença, encaixotar o seu piano e o enviou para a esposa. Nos anos seguintes, trabalhou como professora particular e lecionou em algumas escolas, tendo ensinado por doze anos no Seminário Feminino de Augusta (mais tarde Mary Baldwin College), em Staunton, Virgínia. Recebeu forte influência da família Dabney, à qual pertenciam o ilustre teólogo e professor Robert L. Dabney (1820-1898) e o seu sobrinho John W. Dabney (1850-1890), que foi missionário no Brasil.

Em 1882, aos quarenta e cinco anos de idade, enquanto lecionava em Staunton, viu realizar-se o sonho de ser missionária educadora. O Comitê Executivo de Missões hesitou em aceitar uma missionária com aquela idade, mas, tendo em vista a sua excelente saúde, grande preparo, conhecimento de línguas e dedicação aos estudos, resolveu abrir uma exceção. Em resposta a um apelo do Rev. Edward Lane, Charlotte decidiu vir ao Brasil com ele e sua família para substituir a missionária Arianna (Nannie) Henderson, que se achava doente. Chegou a Campinas no início de fevereiro de 1882. Dirigiu a escola de moças ligada ao Colégio Internacional, em Campinas, foi a superintendente de compras da instituição e lecionou uma grande variedade de matérias. Afirmar-se que D. Pedro II, em visita ao colégio, manifestou grande admiração por seu raro talento.

Em dezembro de 1889, após um período de férias nos Estados Unidos, Charlotte regressou ao Brasil com o Rev. Lane e Mary Parker Dascomb, outra notável educadora que já atuava no país desde 1869. Do grupo também faziam parte dois novos missionários, os Revs. Frank A. Cowan e Samuel Rhea Gammon. Charlotte orientou este último no estudo da língua, foi revisora de seus sermões e artigos e desde então sempre esteve associada com ele na obra educacional. No início de 1892, a febre amarela reapareceu em Campinas. Lane insistiu que os demais obreiros fossem para outros lugares, porém ele e Charlotte permaneceram na cidade para cuidar dos enfermos e confortar os moribundos. No dia 18 de março, Charlotte foi acometida pela febre e quase pereceu. O Rev. Lane deu-lhe assistência até que ela se recuperasse e então no dia 22 ele mesmo ficou doente, vindo a falecer no dia 26 de março. Como nenhum ministro estava disponível para o funeral, Charlotte, ainda

convalescente, instruiu o jardineiro da chácara a memorizar o Salmo 23 para recitá-lo junto ao túmulo.

No final daquele ano, por causa da epidemia e das perdas sofridas, o Colégio Internacional foi transferido para Lavras, no sul de Minas Gerais, vindo a tornar-se mais tarde o Instituto Gammon, que vem prestando até hoje relevantes serviços à comunidade. Em Lavras, D. Carlota passou o restante da sua vida. Além de ser a tesoureira da Missão do Sul do Brasil (mais tarde, Missão Leste) e dirigir a nova escola, ela gastava muito tempo na visitação às famílias e no trabalho evangelístico. Passou a ser conhecida do pessoal da missão como “Aunt Lotty” (Tia Carlota), tamanha a sua bondade e solicitude. A “velhinha que andava depressa” sempre tinha palavras de carinho e incentivo para cada um. Chegou mesmo a ser conhecida na escola e na cidade como “Miss Bondade”. Em 1895, depois que o Rev. Gammon retornou dos Estados Unidos já casado com a sua prima Willie e montou a sua própria casa, D. Carlota passou a morar com eles, como se fosse um membro da família, e assim permaneceu até o final da sua vida. Parece que foi nessa ocasião que ela sofreu uma crise de paralisia que lhe deixou no rosto a sua marca permanente.

Seu carinho para com os candidatos ao ministério era proverbial e foram muitos os futuros líderes da igreja que passaram por suas mãos, como os Revs. José Ozias Gonçalves (1874-1922) e Pachoal Luiz Pitta (1889-1960). Quando faleceu Mary Baldwin, a patronesse e diretora do colégio em que havia lecionado nos Estados Unidos, Charlotte recebeu dela uma herança de dez mil dólares, que gastou na construção de igrejas e na manutenção de jovens estudantes. Essa pequena grande mulher colaborou decisivamente com o Instituto Gammon, cada vez mais conceituado na região, e com a igreja presbiteriana local, muitas vezes em meio a forte oposição. Durante vinte anos, foi responsável pelo preparo das Lições Internacionais da Escola Dominical, que eram utilizadas no Brasil, Portugal e outros lugares. Escreveu o livro “O Cego Bartimeu” e traduziu vários textos utilizados na escola de Lavras. Em 1908, em reconhecimento pelos seus esforços, a missão deu o seu nome à escola de moças (Colégio Carlota Kemper). O novo prédio, inaugurado em 1927, foi pago por uma doação, por ela recebida, das sociedades femininas das igrejas presbiterianas da Virgínia.

D. Carlota também era conhecida por sua versatilidade e grande cultura. Os hóspedes ilustres que entravam em sua casa estavam longe de supor que aquela mulher modesta que ali se achava, e os escutava silenciosa, seria capaz de dar-lhes lições em assuntos sobre os quais eles se julgavam mestres. Ela conhecia a fundo o latim, bem como o grego e o hebraico. Como passatempo, gostava de ler os clássicos latinos, resolver problemas de trigonometria e fazer cálculos. Ficaram célebres alguns episódios em que ela resolveu complicados problemas matemáticos que certos homens preparados estavam tendo dificuldades em solucionar. A história antiga e moderna era outra de suas especialidades. Foi considerada por muitos que a conheceram a mulher mais culta do Brasil. Sua biógrafa e colega mais jovem, Myrtle (Margarida) Sydenstricker, diz que, apesar do seu brilhantismo e vigor intelectual, ela era em tudo feminina: apreciava a beleza e as coisas delicadas. A aspereza ou a maciez da seda lhe agradavam. Nunca se vestia exageradamente, mas sempre se vestia bem; com simplicidade, mas com material de boa qualidade.

Quando sua velhice se acentuou e a subida da longa rua que levava à igreja se tornou fatigante para ela, o Dr. Gammon mandou vir dos Estados Unidos um carro, a fim de conduzi-la, e a outras pessoas fracas, ao culto e à escola dominical, que se realizavam no meio do dia. Foi com relutância que se submeteu a isso, temendo ser mal compreendida. De fato, quando um membro da igreja criticou o uso de cavalos no domingo, D. Carlota nunca mais utilizou o carro. Era conhecida por seu senso de humor, que a levava a fazer troça da sua própria aparência física, e por ser extremamente metódica. Era imperturbável em levar avante o seu programa de atividades: estudar nas horas caladas, dar aulas conforme os horários e, no mais, viver para os outros: instruindo, consolando, evangelizando, socorrendo. Quando a falta da vista começou a impedi-la de ensinar, passou a gastar grande parte do seu tempo em visitas.

Dez dias antes de ficar doente, D. Carlota percorreu as dependências do novo edifício do colégio que tinha o seu nome. Seu comentário foi: “O novo Kemper está pronto; a velha Kemper pode morrer”. Durante sua enfermidade final, viu-se rodeada de todos os que a amavam, tanto brasileiros quanto americanos. Seus “sobrinhos e sobrinhas” da Missão Leste vinham visitá-la, alguns por diversas vezes. A colega Rosa Mabel Maxwell ficou tratando dela durante cinco semanas. A consagrada missionária faleceu aos 90 anos, ao pôr-do-sol do domingo 15 de maio de 1927. Dona Carlota, em vida, foi honrada de muitas maneiras. A Prefeitura do Rio de Janeiro deu o seu nome a uma das ruas daquela capital. Sua maior contribuição foi a influência benéfica que exerceu sobre várias gerações de jovens brasileiros, bem como o seu eloqüente testemunho, com palavras e com a vida, acerca do poder do evangelho.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 338.
- Ferreira, *História da IPB*, I:212s, 329s, 363s, 489-98; II:134-36, 262-65.
- Júlio C. Nogueira, “D. Carlota Kemper”, *O Puritano* (28-05-1927), 1.
- Margarida Sydenstricker. *Carlota Kemper*, trad. Jorge Goulart. São Paulo: São Paulo Editora, 1941.
- Clara Moore Gammon. *Assim Brilha a Luz: A Vida de Samuel Rhea Gammon*, trad. Jorge T. Goulart, 2ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003 (1ª ed., Lavras: Imprensa Gammon, 1959). Título do original: *So Shines the Light*.
- Bear, *Mission to Brazil*, 22, 25, 107.
- Edward Lane III, “Footprints of Faith: Story of Edward Lane”.
- “Síntese biográfica da professora Charlotte Kemper”: www.gammon.br/GamCarlota.htm

Rev. Flamínio Augusto Rodrigues

Diretor do Colégio Internacional e pastor na região da Mogiana

Embora fosse brasileiro, Flamínio Rodrigues deve ser incluído entre os missionários da Igreja do Sul porque sempre esteve ligado à Missão de Nashville. Nasceu em Limeira no

dia 5 de agosto de 1856, sendo membro de uma família da elite paulista que aderiu à causa evangélica. Em 1870, ingressou no afamado Colégio Ipiranga, de Araraquara, onde também estudou Eduardo Carlos Pereira, que mais tarde viria a lecionar nesse educandário. Em 1874, acompanhado de dois irmãos mais novos, Flamínio ingressou no Colégio Internacional de Campinas e dois anos depois seguiu para os Estados Unidos em companhia do Rev. John W. Dabney, que era professor do Colégio Internacional e regressaria ao Brasil como ministro ordenado em 1879.

Flamínio estudou no Hampden-Sydney College, na Virgínia, onde obteve o grau de bacharel em letras em 1880. Dois anos antes, havia feito a sua profissão de fé. Voltando ao Brasil, passou a década de 1880 trabalhando como professor e diretor do Colégio Internacional. Inicialmente foi auxiliar do Rev. Dabney na direção do colégio. Em 1881, seguiu novamente para os Estados Unidos, casando-se com Fredrika Venable, na Virgínia. Os dois foram nomeados missionários da Igreja do Sul (PCUS) no ano seguinte. De 1884 a 1890, Flamínio assumiu integralmente a direção do Internacional, tendo sido o único brasileiro a desempenhar tal função durante a existência daquele colégio em Campinas.

Flamínio estudou teologia com o Rev. Edward Lane no Colégio Internacional. Em 1887, foi eleito presbítero da Igreja de Campinas e tomou parte na organização do Presbitério de Campinas e Oeste de Minas (14 de abril). Em 1888, participou da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil e do Presbitério de Minas, do qual mais tarde foi secretário permanente. Também estudou teologia no Seminário de Columbia (na época em Columbia, Carolina do Sul), durante parte de um ano, e mais tarde no Seminário Teológico Union, na Virgínia. Em 1889, durante uma epidemia de febre amarela em Campinas, perdeu o filhinho Fred.

Foi licenciado pelo Presbitério de Minas no dia 5 de setembro de 1892 e ordenado em 18 de setembro de 1893. Pastoreou as Igrejas de Campinas, Itatiba e Mogi-Mirim, bem como as congregações de Bragança Paulista, Jundiaí, Amparo, Descalvado e Monte-Mór. Foi o terceiro pastor brasileiro preparado pela missão de Campinas, depois de Delfino dos Anjos Teixeira e Álvaro Reis. Era muito ligado aos missionários norte-americanos, tendo se posicionado ao lado dos mesmos nas lutas da década de 1890. Em 1896 e 1897, assinou o protesto contra a Representação dos Presbitérios de São Paulo e Minas acerca do Seminário e do Mackenzie e foi um dos que se posicionaram contra a Moção Smith, sobre a prioridade da evangelização sobre a educação.

Em 1898, o Rev. Flamínio teve a dolorosa experiência de perder um filho adolescente. No dia 2 de abril, Flamínio Kemper Rodrigues, de 14 anos, estudante da Escola Americana, participava de uma excursão com um grupo de alunos e atirou-se no rio Tietê para salvar um menino que ali caía. Ambos pereceram. Seu túmulo, no Cemitério dos Protestantes, traz os seguintes dizeres bíblicos: “Ninguém tem maior amor que este: de dar a própria vida por seus amigos”. Seu nome do meio era uma homenagem à missionária Charlotte Kemper. Anos antes, outro filho do casal havia morrido de febre amarela em Campinas.

Quando do cisma presbiteriano de 1903, Flamínio ficou por cerca de um ano à frente do pequeno grupo de Campinas que permaneceu fiel ao Sínodo e passou a reunir-se em uma das salas do Colégio Internacional. A maior parte da igreja filiou-se ao movimento independente, sob a liderança do Rev. Bento Ferraz, conservando o templo mediante uma decisão judicial. Essa crise deixou o Rev. Flamínio abatido e amargurado. Ele foi um pastor dedicado e um bom pregador, porém deixou apenas um sermão publicado, no *Púlpito Evangélico* (1893). Era um homem culto, estudioso, amigo dos livros, porém reservado e modesto. Segundo Temudo Lessa, ele “foi um trabalhador humilde, que silenciosamente cumpriu a missão que lhe estava reservada”.

Flamínio Rodrigues teve um ministério de apenas catorze anos. Faleceu no dia 13 de agosto de 1907 na cidade de Fredericksburg, na Virgínia, para onde havia ido em gozo de férias no final de 1905. Três anos depois (1910), o Rev. Álvaro Reis, moderador da recém-criada Assembléia Geral, e sua esposa, foram recebidos por D. Fredrika em Fredericksburg, em cujo lar também encontraram a viúva do Rev. Reginald Baird. Um único sobrevivente da família, Virginius, viveu nos Estados Unidos. A casa da família Rodrigues em Campinas serviu por muito tempo como residência do Rev. John R. Smith, tendo sido vendida ao seminário pela metade do valor. Uma oferta de Dona Fredrika permitiu a criação de um fundo para a educação de seminaristas pobres, o que ajudou a muitos. Esse fundo permaneceu nas mãos da Missão Oeste, sendo criteriosamente administrado.

Bibliografia:

- Lessa, *Anais*, 208, 402, 437s, 572s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:285, 287, 411, 514s; II:32s, 35s, 126s.
- “Rev. Flamínio Augusto Rodrigues”, *The Missionary* (Novembro 1907), 543s.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Bear, *Mission to Brazil*, 16, 22s, 28.
- Bencostta, *Ide por Todo Mundo*, 102-106.
- Silva e Silva, Igreja Presbiteriana de Araguari, 58.
- Ferreira, *Pequena História da Missão Oeste*, 36-38.

Rev. Dr. George William Butler

O “médico amado” de Pernambuco

George W. Butler nasceu em Roswell, na Geórgia, em 12 de julho de 1854. Filho de família pobre, estudou as primeiras letras com a esposa do pastor presbiteriano de sua comunidade. Bacharelou-se no Davidson College, na Carolina do Norte, e depois se mudou para Nova York, onde começou a dedicar-se ao estudo da medicina. Dadas as dificuldades, transferiu-se para Baltimore, onde, em 1880, graduou-se pela Escola de Medicina Johns Hopkins, da Universidade de Maryland. Clinicou em Roanoke, Virgínia, de 1880 a 1882. Sentindo a vocação para a obra missionária, apresentou-se como candidato em 15 de agosto de 1882.

Embarcou para o Brasil em 31 de janeiro de 1883, chegando a Recife no dia 22 de fevereiro na dupla capacidade de professor e médico. Ajudado pelo Rev. John Rockwell Smith, logo aprendeu a língua e a maneira de viver do povo. No ano seguinte, teve de fazer uma viagem

aos Estados Unidos devido a um problema nos olhos. Nessa ocasião, foi ordenado pelo Presbitério de Maryland. Era uma exceção, visto que não tinha curso de seminário nem passara pelo período regular de licenciatura. No dia 27 de abril de 1884, casou-se com Mary Rena Humphrey, retornando ao Brasil apenas dois dias após o enlace matrimonial.

Após um estágio em Recife e o nascimento do primeiro filho, transferiram-se em 1885 para São Luís do Maranhão, onde chegaram no dia 15 de maio. Nessa cidade, a primeira pessoa convertida e batizada pelo Dr. Butler foi uma senhora da alta sociedade local, D. Maria Bárbara Belfort Duarte, esposa de um parlamentar e tribuno do império. O segundo grupo, composto de seis pessoas, foi batizado pelo missionário no dia 6 de junho de 1886, data a que se atribui a organização inicial da Igreja de São Luís, cujo templo foi inaugurado em 26 de julho do ano seguinte. Butler teve bons cooperadores em São Luís, entre os quais os cônsules da Inglaterra e de Portugal; também cercou-se de bons colportores e pregadores leigos. Obreiro consagrado e grande evangelista, o trabalho do Rev. Butler estendeu-se pelo interior do Maranhão, principalmente à cidade de Caxias, que visitou pela primeira vez em maio de 1886, e a Teresina, capital do estado vizinho do Piauí, onde fez conferências na mesma ocasião. Fez viagens missionárias pelos rios Itapicuru e Mearim e praticou a medicina entre a população carente. A organização definitiva da Igreja de São Luís ocorreu no dia 5 de abril de 1892, quando Butler encerrou o seu pastorado pioneiro naquela igreja.

Por conta de suas primeiras férias, foi aos Estados Unidos e ao regressar, em 29 de abril de 1893, fixou residência em Recife, substituindo-o em São Luís o Rev. Belmiro de Araújo César. Butler assumiu o pastorado em lugar do Rev. John Rockwell Smith, que havia seguido para Nova Friburgo a fim de lecionar no Seminário Presbiteriano. Em Recife, Butler iniciou a construção do novo templo, cujas obras prosseguiriam no pastorado do seu sucessor, Rev. Juventino Marinho. No ano seguinte, atendendo a apelos do Rev. Henry J. McCall, o casal Butler foi residir em Garanhuns, onde a obra evangélica fora iniciada recentemente, debaixo de violenta perseguição. No dia 6 de janeiro de 1895, o missionário batizou os primeiros conversos (quinze pessoas), entre os quais o futuro pastor Jerônimo Gueiros (1880-1953). Eventualmente, muitos membros dessa importante família iriam filiar-se à igreja presbiteriana. As perseguições continuavam: a casa do Dr. Butler, onde se realizavam os cultos, era constantemente apedrejada. Sua esposa tinha de colocar os filhos debaixo de uma mesa para protegê-los das pedras arremessadas no telhado. O grande adversário dos evangélicos foi um frade salesiano, frei Celestino de Pedávoli, cujo secretário, Constâncio Omero Omegna (1877-1927), converteu-se e veio a ser grande pastor, educador e musicista na Igreja Presbiteriana do Brasil.

Naquela época, houve uma epidemia de febre amarela em Garanhuns que ceifou a vida de mais de 800 pessoas. Butler desdobrou-se no atendimento aos enfermos. Quando cessou a epidemia, o missionário havia granjeado a estima e o respeito de todo o povo. Seu trabalho evangelístico produziu muitos frutos em toda a região e Garanhuns tornou-se um centro irradiador da fé evangélica. Butler construiu o templo local, fundou uma escola paroquial (origem do Colégio 15 de Novembro) e contribuiu para a criação de um curso teológico que mais tarde viria a ser o Seminário Presbiteriano do Norte. Nesse projeto, contou com a colaboração de dois valorosos obreiros, os Revs. George E. Henderlite e Martinho de

Oliveira. Em Garanhuns, Butler exerceu a medicina, mas, para não ser acusado de charlatanismo, levando a família, passou o ano de 1896 em Salvador. Após um período de estudos, no dia 17 dezembro de 1896 defendeu tese na Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia para poder clinicar no Brasil. A tese versou sobre o emprego do clorofórmio na medicina. Um relatório de 1896 diz que no último ano o missionário fizera, em viagens evangelísticas, quase 7000 km de trem, 500 km a cavalo, e prestara assistência médica a 1500 pessoas.

Após a sua volta da Bahia, Butler passou ainda um ano em Garanhuns e então se mudou para Canhotinho, distante cerca de 25 km dali, onde passou o restante da sua vida. Em fevereiro de 1898, ao visitar a cidade de São Bento do Una, encontrou forte oposição clerical. No dia 7, quando ele e seus companheiros saíam da cidade, um carteiro tentou matá-lo, mas o punhal atingiu o Sr. Manoel Correia Vilela (conhecido como Né Vilela), que morreu imediatamente. Anos mais tarde, o Dr. Butler transferiu para o novo templo de Canhotinho os restos mortais daquele amigo que morrera para salvá-lo. Até hoje as igrejas do Nordeste contam com membros dessa família, como é o caso do Rev. Maely Ferreira Vilela, professor no Seminário de Recife. Na localidade de Glicério (atual Paquevira) converteram-se as famílias dos Srs. Lourenço Alves de Barros, Eusébio Leitão e Antônio da Silva Romeu, das quais procederam muitos pastores.

Lourenço de Barros (1859-1905) foi ordenado ao ministério em 1901 e pastoreou a Igreja de Pão de Açúcar (Alagoas) e a de Manaus, por ele organizada em 18 de novembro de 1904, na companhia do Rev. William M. Thompson. Faleceu em 26 de abril do ano seguinte, vitimado pelo beribéri. Foi pai do Rev. João Alves de Barros (1887-1976), nascido em Rio Formoso (PE), que por sua vez foi progenitor do Rev. Dante Sarmiento de Barros. Da família Leitão, chegaram ao ministério os irmãos José Martins de Almeida Leitão e Davi de Almeida Leitão, seus sobrinhos Boanerges, Natanael e Uriel de Almeida Leitão, e o primo destes Milton de Almeida Leitão, que foram pastores no leste de Minas e no interior de São Paulo. Todos eles estudaram no Colégio 15 de Novembro, na época do Rev. Thompson. O único sobrevivente do grupo é o Rev. Natanael de Almeida Leitão, nascido em 1º de dezembro de 1922 e residente em Americana. O Rev. Uriel é o pai da conhecida jornalista Miriam Leitão, da Rede Globo de Televisão. Antônio da Silva Romeu foi o progenitor do Rev. Cícero Siqueira (1894-1963), que teve no Dr. Butler o seu grande mentor e incentivador.

Em janeiro de 1900, verificou-se a organização das duas igrejas que o missionário havia fundado em Pernambuco: no dia 21, Dr. Butler e Juventino Marinho organizaram a Igreja de Canhotinho e no dia 22, Juventino Marinho e William C. Porter organizaram a Igreja de Garanhuns. O trabalho missionário e médico de Butler continuou a expandir-se nas duas décadas seguintes. Sua fama de grande médico e cirurgião atraía pessoas de 500 km ao redor, a quem ele atendia mediante modesto pagamento ou gratuitamente, das 6 horas da manhã às 11 da noite. Quase todos os dias fazia cinco a dez operações, geralmente muito bem-sucedidas. Atendia a todos, até mesmo alguns de seus antigos perseguidores. O padre que provocara a perseguição em São Bento, da qual resultara a morte de Né Vilela, tempos depois foi obrigado a procurar o Dr. Butler. Este, com lágrimas nos olhos, disse que

gostaria de restaurar-lhe a saúde, mas a sua moléstia era incurável. De tal maneira correu a fama do médico missionário que até mesmo o padre Cícero, de Juazeiro, mandava-lhe doentes para tratamento.

Butler era admirado como evangelista e pregador, e também como um homem de oração – orava antes das operações e durante as mesmas. Além do grande templo de Canhotinho, inaugurado em 20 de julho de 1915, construiu um colégio e um hospital (ele os chamou de Fé, Esperança e Caridade). Trabalhou na construção do templo com as próprias mãos, assim como fizera em São Luís. O edifício ostentava dois torreões na fachada, o que de longe o identificava como igreja, coisa proibida na época do império. Havia florescentes congregações em Glicério, Quipapá, Quebrangulo e Tupi. Em tudo isso, o missionário teve o concurso da sua notável esposa (o Rev. William M. Thompson disse que D. Rena valia por uma multidão). Outros dois notáveis auxiliares foram Cícero Siqueira e Cecília Rodrigues, que se casaram no dia 2 de fevereiro de 1917, seis dias após a ordenação de Cícero.

Em agosto de 1918, o Rev. Butler deixou o hospital entregue a Humphrey, o filho médico, a igreja a Cícero, pastor auxiliar, e o colégio evangélico a Cecília, e viajou com a família para os Estados Unidos. A vocação missionária, porém, falou mais alto, e oito meses depois ele regressou sozinho ao Brasil. Os seus últimos sermões foram muito comoventes; em um deles, que versou sobre Hebreus 9.27-28, mostrou profundos conhecimentos científicos e impressionou o auditório. Terminou chorando. Sexta-feira, 23 de maio, foi à estação despedir-se do Rev. Henderlite, que se transferia para Recife, e voltou para casa doente. O “médico amado” faleceu em Canhotinho às 3 horas da tarde do dia 27 de maio de 1919, um dia em que choveu muito naquela região após uma longa estiagem. No dia seguinte, ao ser sepultado entre a igreja e o colégio, todo o comércio da cidade fechou as portas espontaneamente. Esse homem de Deus deixou solidamente implantada a fé evangélica no Agreste Pernambucano e estabeleceu em Garanhuns o grande centro irradiador onde se formaram pastores para todo o Norte e Nordeste do Brasil. O casal Butler teve sete filhos: George, Humphrey, Grace, Janet, Rena, Hilda e Helen. O Dr. Humphrey Butler faleceu em 1922.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 212, 278, 280, 568s, 653.
- Ferreira, *História da IPB*, I:231-34, 301-303, 445s, 460-68, 558s; II:98s, 184-89.
- Natanael Cortez, *Norte Evangélico* (25-06-1919).
- “Jubileu do Presbiterianismo no Norte do Brasil”, *Norte Evangélico* (11-08-1928).
- Natanael Cortez, *O Presbiterianismo no Norte do Brasil*, 1957.
- Bear, *Mission to Brazil*, 40-42, 48s, 51-53, 59-61.
- Juracy Fialho Viana. *Cecília* [biografia romanceada de Cecília Siqueira]. Recife: Missão Presbiteriana no Brasil, 1970.
- *Igreja Presbiteriana do Recife. Anais do Centenário*. 1978.
- Edijéce Martins Ferreira. *A Bíblia e o Bisturi* [biografia do Rev. George Butler]. 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987.
- Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 82-91.

- Domingos Borges de Pádua. *História da Igreja Presbiteriana de São Luís: 1886-1986*.
- Uriel de Almeida Leitão. *Testemunho de Fé*. Belo Horizonte: Cuatiara, 1992.
- Maria Anecy Calland Marques Serra. *Histórias da História da Igreja Presbiteriana de Caxias*. São Luís: Gráfica Universitária, 1995.
- Caleb Soares. *Januário dos Pés Formosos*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1996.
- Célio Siqueira. *Embaixador e Forasteiro: Biografia do Rev. Cícero Siqueira*. São Paulo: Cultura Cristã, 1996.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. Dr. George W. Butler”, *Brasil Presbiteriano* (Jan 1996), 18.
- Silvandro Cordeiro Fonseca. *Centenário da I. P. de Garanhuns: 1900-2000*.

Rev. Joseph Henry Gauss

Missionário em Recife e Maceió

Joseph Gauss nasceu no Condado de Chariton, Missouri, em 30 de agosto de 1855. Era neto do matemático e astrônomo alemão Carl Friedrich Gauss (1777-1855). Estudou no Westminster College e trabalhou como comerciante. Em seguida, cursou teologia no Seminário Teológico Union, no Estado da Virgínia, formando-se em 1883. Foi licenciado pelo Presbitério de Missouri em 7 de abril de 1882 e ordenado pelo Presbitério de La Fayette em 10 de maio de 1883. Pastoreou as Igrejas de Brownsville e Prairie, no mesmo presbitério. No dia 23 de outubro de 1882 casou-se com Annie McEldemy Gill, em Saint Louis.

Gauss chegou a Recife com a esposa no dia 13 de setembro de 1884. Vieram na companhia do Rev. John Rockwell Smith e sua família, que tinham ido aos Estados Unidos em gozo de férias. Parece que os acompanhou no navio um novo missionário da Igreja do Norte, o Rev. John Benjamin Kolb. Após passar algum tempo em Recife, Gauss acompanhou o Rev. Smith numa visita a Maceió em janeiro de 1885. Não houve oposição e um pequeno grupo de interessados pediu que o missionário fosse residir ali. Algum tempo depois, Gauss e sua família fixaram residência na capital alagoana, onde em 2 de maio de 1885 ele passou a publicar o jornal *O Evangelista*, mais tarde revivido pelo Rev. John Boyle. Gauss deparou-se com dificuldades e, após uma breve estadia em Maceió, retornou para o Recife. No outono de 1886, regressou aos Estados Unidos, em parte por razões de saúde e em parte para fazer um apelo por mais auxílio para o campo missionário.

Após o seu retorno, pastoreou as Igrejas de Odessa, em La Fayette (1887-1889) e Carondelet, em Saint Louis (1889-1912). Foi superintendente do Instituto Bíblico Brookes, em Saint Louis, a partir de 1912. Escreveu o livro *A Autoridade da Bíblia Sustentada pela História da Bíblia* e os folhetos “Evolução e Revelação”, “O que Alguns Cientistas têm dito Acerca da Evolução” e “Os Autógrafos Inspirados da Bíblia – Os Escritos Originais dos Profetas e Apóstolos – Necessitamos Deles?” O Westminster College conferiu-lhe o grau de Doutor em Divindade em 1903. O casal Gauss teve cinco filhos: Esther (1883), Henry (1885), Frank (1887), Paul (1889) e Annie (1891).

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 236s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:234.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Bear, *Mission to Brazil*, 40s.

Rev. William Calvin Porter

Dedicado pastor em vários estados do Nordeste

William C. Porter nasceu em Tuskegee, Alabama, em 6 de junho de 1855, no seio de uma família que veio a experimentar os dias angustiosos da Guerra Civil (1861-1865). James Porter, seu pai, visitou o Brasil e resolveu trazer para cá a família, uma vez terminada a guerra. Não fizeram parte de nenhuma das caravanas de imigrantes da época. James vendera seus bens e tinha recursos, mas morreu de febre amarela logo que chegou ao Rio de Janeiro. Um patrício “cuidou” dos seus negócios e deixou a viúva desamparada. A conselho de compatriotas, D. Susan Meggs Porter (1825-1890) foi com os filhos para Campinas, onde abriu pensão para americanos e ingleses. O contato com os missionários do Colégio Internacional fez bem à família. A filha Susan Carolina estudou ali e veio a casar-se com o Rev. John Rockwell Smith, o pioneiro presbiteriano do Nordeste. Em 1872, o filho William (“Willy”) professou a fé com o Rev. George N. Morton. Estudou com os Revs. Morton e Edward Lane no Colégio Internacional e também foi professor nessa instituição, junto com suas irmãs Susan Carolina e Ella Virginia, que foram “professoras adjuntas” da escola para moças (Catálogo do Instituto de Campinas, 1877). William auxiliou o Rev. Morton em seu colégio em São Paulo, tendo também prestado exames de português e inglês no curso anexo da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Em 1884, foi para o Recife, a fim de ajudar o seu cunhado John R. Smith na obra de evangelização. Pregou como missionário ajudante em todos os pontos de penetração do Nordeste. Visitou Goiana, Paraíba (João Pessoa), São Lourenço da Mata e outros lugares, experimentando perseguições. Jovem ainda e de cabelos alvos, ficou conhecido como “o missionário dos cabelos brancos”. Tendo chegado ao Brasil ainda criança, falava português sem sotaque. Fez seus estudos para o ministério com o Rev. Smith. Em 20 de maio de 1887, foi ordenado presbítero da Igreja do Recife. Nessa condição, foi um dos fundadores do Presbitério de Pernambuco, em 17 de agosto de 1888, sendo eleito secretário temporário. No mês seguinte, tomou parte na reunião de organização do Sínodo Presbiteriano. Nessa época, já era candidato ao ministério. William Porter foi ordenado ao ministério no dia 26 de setembro de 1889, na Paraíba, com o colega Juventino Marinho da Silva. Após a ordenação, tomou conta da Igreja de Recife, na ausência de Smith, e continuou a visitar muitos pontos do interior.

Em 1890, foi aos Estados Unidos (chegou em 28 de outubro), vindo a se casar com Katherine Ives Hall, natural da Geórgia, que ele havia conhecido quando menina em Campinas e depois voltara ao seu país para estudar música e educação religiosa. Ela

também pertencia a uma família americana que havia emigrado para o Brasil, indo estabelecer-se em Santa Bárbara. O casamento ocorreu no dia 18 de agosto de 1891 em Amherst, Massachusetts. Durante a sua permanência nos Estados Unidos, William escreveu artigos para o periódico *Brazilian Missions*. De regresso ao Brasil, o casal trabalhou inicialmente em Recife, cuja igreja foi pastoreada pelo Rev. Porter até janeiro de 1893. Kate contraiu impaludismo e teve de ir para os Estados Unidos, onde o esposo foi buscá-la depois de restabelecida. Ao retornar, encontrou a situação alterada: ele deveria ir para o Ceará e o Rev. George Butler fora removido do Maranhão para Recife. Em 15 de outubro de 1893, Porter e Juventino Marinho organizaram a Igreja Presbiteriana de Areias, em Recife. No mesmo ano, acompanhado pelo colega Juventino, Porter esteve em Natal pela primeira vez. Durante oito dias, realizaram cultos com o auxílio de dois crentes locais, não experimentando qualquer oposição.

Em 18 de novembro de 1893, o casal Porter desembarcou em Fortaleza, sendo recebido pelo Rev. DeLacey Wardlaw. Os dois missionários visitaram as localidades de Baturité, Uruburetama e Quixadá, enfrentando uma grande enchente no rio Curu e algumas perseguições. Wardlaw havia sido demitido da função de missionário por um rompimento com o Dr. Matthew Hale Houston, o secretário do Comitê de Missões da Igreja do Sul. Numa visita de Houston a Fortaleza, Porter serviu de instrumento para a reconciliação dos dois obreiros. A situação de Porter melhorou quando Houston foi substituído na secretaria executiva do Comitê de Nashville pelo Dr. S. H. Chester. Este permitiu que o missionário se transferisse de Fortaleza para Natal.

Em janeiro de 1895 o casal aceitou um convite para visitar Natal, onde Porter havia estado pela primeira vez em 1893. Em virtude do interesse demonstrado pelo povo, a visita acabou se estendendo por quatro meses. Apesar de uma epidemia de varíola em que morriam diariamente de dez a quinze pessoas, as prédicas foram muito concorridas, com auditórios de até 400 pessoas, e se converteram vários elementos de destaque, como um advogado, um coronel e um major. No dia 8 de abril houve as primeiras recepções à igreja: 33 adultos e 18 crianças. No mês seguinte (11-05-1895), o Sr. Alexandre James O'Grady doou um terreno para o templo e veio a lume o primeiro número do jornal presbiteriano *O Século*. O Rev. Porter foi seu redator por muitos anos, assinando uma coluna editorial intitulada "Reflexões" sob o pseudônimo "Senex". Mais tarde, o jornal passou a ser o órgão do Presbitério de Pernambuco, servindo como redator o Rev. Jerônimo Gueiros. Em 1º de fevereiro de 1909 passou a ser publicado em Garanhuns, tendo o nome mudado para *Norte Evangélico*. O casal Porter acabaria ficando dezenove anos em Natal, exceto dois períodos de férias nos Estados Unidos (1902-1903, 1909-1910) e uma estadia de um ano em Campinas (1907-1908).

A organização oficial da Igreja de Natal, com a presença do Rev. George E. Henderlite e do presbítero Minervino Lins, vindos da Paraíba, ocorreu no dia 3 de fevereiro de 1896, com 153 membros. Infelizmente, o professor Joaquim Lourival Soares da Câmara, um dos principais fundadores da igreja, dela se separou levando nove membros. Acusou o Rev. Porter de idolatria porque vira em sua casa quadros que lhe pareceram de santos. Tratava-se, contudo, de estudos de Katherine, que era pintora. O templo foi inaugurado em 1898.

No mesmo ano, converteram-se João Fernandes Café e sua esposa Florência Amélia, pais do futuro deputado federal e presidente da república João Café Filho. Ao longo dos anos, Porter também desenvolveu intensa atividade no interior do estado, iniciando congregações em Angicos, Arês, Assu, Baixio, Brejinho do Soter, Caiada, Caicó, Canguaretama, Ceará-Mirim, Currais Novos, Curumatau, Flores, Goianinha, Macaíba, Mossoró, Nova Cruz, Penhas e São Miguel. Em vários desses lugares houve intensa oposição contra o trabalho evangélico. No dia 22 de janeiro de 1900, Porter acompanhou o Rev. Juventino Marinho no ato de organização da Igreja Presbiteriana de Garanhuns.

No ano em que o casal Porter radicou-se no Rio Grande do Norte, Katherine fundou, a pedido de pais crentes, o Colégio Americano de Natal, uma das primeiras escolas evangélicas do norte do Brasil. O próprio Rev. Porter fez as mesinhas do jardim da infância, bancos e quadros-negros, provendo a escola do material necessário. A fundação oficial ocorreu no dia 11 de janeiro de 1897. As duas primeiras diretoras foram as missionárias Rebecca Morrisette, que veio a casar-se com um presbítero da Igreja de Natal e teve de deixar a escola, e Eliza Moore Reed, mais tarde fundadora da Escola Evangélica de Recife. Também colaborou como professora a jovem Kate Eugenia Hall, prima de Katherine e futura esposa do Rev. Alva Hardie. A escola tornou-se afamada pela excelência do seu ensino e chegou a ter setenta alunos, entre eles o menino João Café Filho. Sua alma era a incansável Katherine, que, todavia, deparou-se com uma série crescente de dificuldades: oposição dos clericais, falta de recursos e problemas de saúde. Sem ter o apoio da missão norte-americana, a escola encerrou as suas atividades em 1907.

Depois do breve pastorado do Rev. João Francisco da Cruz (1901-1902), assumiu a Igreja de Natal, no dia 30 de janeiro de 1903, o Rev. Jerônimo Gueiros, recentemente ordenado. No ano seguinte ele criou o Externato Natalense, destinado a receber os alunos que concluíam os seus estudos primários no Colégio Americano. No primeiro semestre de 1903, ao voltar de suas férias na pátria, o casal Porter foi recepcionado no porto por um grande grupo de crentes e amigos, seguindo-se um esplêndido banquete descrito com detalhes nas páginas do periódico *The Missionary*. O Rev. Porter continuava em plena atividade, ajudando na igreja da capital, publicando *O Século* e evangelizando amplamente o interior. Em 1907, por razões de saúde, o casal mudou-se para o sul do Brasil, ficando a Igreja de Natal sob os cuidados de Jerônimo Gueiros.

No sul, o Rev. Porter foi membro da Missão Oeste por um ano, até o seu retorno para Natal em 1908. Mais tarde trabalhou em Pernambuco, na capital e no interior. Em Recife, cooperou na igreja e no Colégio Evangélico. Em 1917, o casal foi para a Paraíba, fixando-se em João Pessoa. Katherine, muito doente de arteriosclerose, já quase nada podia fazer. Porter entregou-se à evangelização do interior, repetindo o que fizera no Rio Grande do Norte. Só em abril de 1917 pregou cinquenta vezes (seus sermões eram profusos de ilustrações). Visitou Cabedelo, Junco, Barra de Santa Rosa, Sapé, Mumbuca e outros locais. O casal tinha uma filha adotiva, Lila, que foi educada no Brasil e nos Estados Unidos e sempre soube honrar os pais, assistindo-os na enfermidade. Aposentaram-se em 1929.

O Rev. Porter passou os últimos anos de sua vida na capital paraibana. Mostrou-se triste por ver que a Missão e o Presbitério não davam atenção aos trabalhos que iniciara. O vigário de Caicó, que o combatera, tornou-se seu amigo e foi visitá-lo nos últimos dias. Em 1938, por ocasião do jubileu do Presbitério de Pernambuco, o velho missionário leu uma resenha histórica comovente. Surdo e doente, com mais de oitenta anos, disse que ainda podia orar pelo povo evangélico do Brasil. Faleceu no dia 31 de janeiro de 1939 e sua esposa em 21 de julho de 1941. Através dos anos, reuniram documentos históricos sobre a obra missionária no Brasil, a valiosa “Coleção Calvin Porter”, mantida no Arquivo Presbiteriano, em São Paulo. A Sra. Aglaia de Amorim Garcia Ximenes escreveu um rico histórico sobre esse valoroso missionário, intitulado “W. C. Porter: O Missionário de Cabelos Brancos”.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 314, 316, 321, 335s, 356, 474.
- Ferreira, *História da IPB*, I:285, 296-98, 301, 421, 449-52, 548-54, 555-57; II:42, 100-103, 210, 329, 360s.
- “A Brazilian Dinner”, *The Missionary* (Junho 1903), 264s.
- “Rev. William Carver [sic] Porter”, *O Puritano* (25-02-1939), 2.
- Jones, *Soldado Descansa*, 217s.
- Bear, *Mission to Brazil*, 41-55.
- Ximenes, “O Missionário de Cabelos Brancos”.

Rev. George Wood Thompson

Abnegado pioneiro no Brasil Central

George Thompson nasceu em Bolivar, Tennessee, em 13 de fevereiro de 1863. Era filho de D. Lucy C. Thompson e do Rev. Philip Thompson, que foi pastor em Louisville, Kentucky, e faleceu em 1871. George professou a fé com apenas treze anos. Estudou na Universidade Presbiteriana do Sudoeste, em Clarksville, no Tennessee, onde graduou-se em junho de 1882. Em seguida, cursou o Seminário Teológico de Columbia, na Carolina do Sul, onde se formou em maio de 1885, tendo sido licenciado pelo Presbitério de Nashville em 1884 e ordenado em abril de 1885. Trabalhou por um ano em Waverly, Tennessee. Partiu de Newport News (Virgínia) em 8 de junho de 1886, chegando ao Rio de Janeiro em 4 de julho, acompanhado do Rev. John Boyle, que estivera de férias nos Estados Unidos com a família e obtivera permissão para residir no Brasil Central. No mesmo ano, os dois missionários visitaram os pontos do Triângulo Mineiro em que Boyle havia pregado em 1884 e decidiram que Bagagem (atual Estrela do Sul), deveria ser a nova base de operações.

Thompson deixou uma descrição detalhada dessa viagem. Disse ter acompanhado Boyle para sentir o gosto do seu futuro trabalho e para ver se chegariam a um acordo quanto às cidades a serem escolhidas como novos centros missionários. Saíram de Mogi-Mirim no dia 11 de agosto de 1886, seguindo de trem até Casa Branca. Ali, Antônio Rangel, colportor e guia de tropa que os acompanhava, providenciou animais de sela e carga. Levaram uma semana até o rio Grande, pernoitando nos pousos dos tropeiros, e outra semana até Bagagem. Ficaram uma semana na casa do Sr. Tertuliano Goulart, que havia sido batizado

com a família pelo Rev. Boyle, em 1884. Seguiram então para Santa Luzia de Goiás, onde ficaram outra semana, hospedados com o Sr. José Inácio, pai de uma numerosa família. Onze pessoas foram recebidas por profissão de fé, crianças foram batizadas e celebrou-se a Ceia do Senhor. Na volta passaram por Paracatu (“a cidade inteira vibrou com as mensagens de vida eterna”) e novamente por Bagagem. Tomaram o trem em Batatais, regressando a Mogi-Mirim após dez semanas de viagem.

Nos meses seguintes, Thompson colaborou com Boyle em Mogi-Mirim, Campinas, Itatiba e outros locais. Foi membro fundador do Presbitério de Campinas e Oeste de Minas, organizado em 14 de abril de 1887, sendo seus colegas de presbitério os Revs. Edward Lane, John Boyle, John W. Dabney e Delfino dos Anjos Teixeira. Boyle e Thompson foram nomeados para consultar a Assembléia Geral da Igreja do Sul se o recém-formado presbitério deveria filiar-se a algum sínodo norte-americano ou aceitar as propostas do Presbitério do Rio de Janeiro para formar um sínodo no Brasil. Em junho de 1887, Thompson e a família Boyle fizeram a longa viagem de mudança para Bagagem. Tomaram o trem até Franca e depois viajaram por três semanas em carroças e carros de boi até o seu destino. Os dois missionários visitaram diversos pontos do Triângulo Mineiro e de Goiás. Thompson continuou a estudar português e a pregar até onde o conhecimento da língua lhe permitia.

Um dos locais visitados por Thompson no leste do Triângulo Mineiro foi Lagoa Formosa de Patos, onde foi hospedado por Saint-Clair Justiniano Ribeiro, bisavô paterno do Rev. Boanerges Ribeiro (1919-2003). Toda a família veio a converter-se, dando início a uma igreja presbiteriana. O mesmo ocorreu em São Francisco das Chagas do Campo Grande, hoje Rio Paranaíba, perto da nascente desse importante rio, onde Thompson pregou na fazenda de Cristiano da Rocha, um dos patriarcas locais, bisavô materno do Rev. Boanerges. Thompson informou que foi precedido nessa região pela Bíblia e por exemplares do jornal *O Evangelista*, recebidos por membros dessa família e por eles lidos e aceitos. A família Ribeiro, da qual procederam alguns pastores destacados (além de Boanerges Ribeiro, seu pai Adiron Justiniano Ribeiro Sobrinho e o irmão deste, Américo Justiniano Ribeiro), tem dado importantes contribuições à Igreja Presbiteriana do Brasil.

No ano seguinte, Thompson fez uma viagem histórica pelos rios Preto, Paracatu e São Francisco até o mar, chegando a Pernambuco. Essa viagem foi descrita pelo seu companheiro de viagem, Rev. Hugh Clarence Tucker (1857-1956), missionário metodista e agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil desde 1877, no livro *The Bible in Brazil* (A Bíblia no Brasil, 1902). Tucker fizera um grande roteiro pelo interior, passando por Bagagem, onde observou o trabalho dos missionários presbiterianos e pregou a pedido deles a grandes auditórios. Thompson o acompanhou a Paracatu, onde foram recebidos festivamente e pregaram nas ruas a centenas de pessoas. Seguiu-se então a viagem pelo rio São Francisco. Thompson chegou a contrair malária, mas recuperou-se plenamente. De Recife, desceu para o Rio de Janeiro, onde participou da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, em setembro de 1888. Logo depois, voltou para Bagagem gozando de boa saúde.

Em março do ano seguinte, foi refazer-se do cansaço junto aos companheiros da Missão em Campinas e especialmente auxiliar o Rev. John W. Dabney, esgotado pelo excesso de trabalho. Havia uma epidemia de febre amarela na cidade e Thompson desdobrou-se na assistência aos enfermos e no trabalho usual da missão. Nessa altura, já estava pregando muito bem em português. Como Charlotte Kemper devesse ir para os Estados Unidos e estivesse bastante enferma e muito fraca para viajar só, foi levá-la ao Rio de Janeiro, onde nessa época também lavrava a febre amarela. Ao regressar a Campinas, a 13 de abril, encontrou todos os missionários doentes, exceto a novata Kate Eliza Bias, que convalescia. Um dos filhos do então presbítero Flaminio Augusto Rodrigues faleceu nessa época.

Depois de dar assistência a muitas pessoas, inclusive a Dabney, o próprio Thompson foi acometido pela febre no dia 20. Apesar da assistência do Dr. Horace Manley Lane, vindo de São Paulo, e de outros médicos, bem como do Rev. Tucker, que viera do Rio de Janeiro, Thompson veio a falecer na madrugada do dia 1º de maio de 1889, com apenas 26 anos. Parece que somente Tucker e o presbítero Rodrigues acompanharam o féretro. Pressentindo o fim, Thompson disse que sentia morrer apenas por causa de sua mãe, nos Estados Unidos, mas Deus a consolaria. Foi assim o primeiro dos missionários de Campinas a ser levado pela febre amarela. Os missionários fizeram gravar no seu túmulo um versículo que expressava a sua dedicação em favor dos colegas: “Ninguém tem mais amor do que este: de dar alguém a própria vida pelos seus amigos”.

O Dr. Horace Lane deu testemunho acerca da coragem e abnegação de Thompson, que, mesmo sabendo dos riscos que corria, não fugiu ao seu dever cristão. Em julho de 1889, o *Púlpito Evangélico* publicou um sermão do finado missionário sobre o Filho Pródigo (“O amor de Deus para os pecadores”). Para substituí-lo na “Missão do Interior”, foi enviado no mesmo ano o Rev. Frank A. Cowan, o qual, tendo saúde precária, pouco pode fazer. Pouco tempo após a morte de Thompson, nasceu em Araguari um menino que recebeu o seu nome e veio a ser um conhecido pastor presbiteriano e professor do Seminário de Campinas: Jorge Thompson Goulart (1889-1967).

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 269, 313, 315, 342.
- Ferreira, *História da IPB*, I:248, 250-53, 285, 322s, 381.
- “Rev. G. W. Thompson”, *The Missionary* (Julho 1889), 251.
- *The Missionary* (1886), 101; (1889), 25, 37; (08-1895), foto.
- *Brazilian Missions* (09-1888), 70; (06-1889), 41; (07-1889), 52; (01-1890), 3.
- Hugh C. Tucker. *The Bible in Brazil*. Nova York: Fleming H. Revell, 1902.
- Bear, *Mission to Brazil*, 20s.
- McIntire, *Portrait*, 7/73-75.
- Boanerges Ribeiro. *Ser Pastor no Brasil*. São Paulo, 1999.
- Ferreira, *Pequena História da Missão Oeste*, 39s.

Rev. William Lucas Bedinger

Missionário entre os colonos americanos de Santa Bárbara d'Oeste

William Bedinger nasceu no Condado de Boone, Estado de Kentucky, no dia 16 de julho de 1856. Estudou no Colégio Hampden-Sydney, na Virgínia, e na Universidade Central de Kentucky. Ingressou no Seminário Teológico Union em 1880 e formou-se em 1883. Foi licenciado pelo Presbitério de Louisville em dezembro do mesmo ano e ordenado em janeiro de 1885. Como licenciado, trabalhou em Carrollton, Kentucky. Após a ordenação, exerceu o pastorado nas Igrejas de Beulah, Cordyon e Ridgewood, no seu estado natal. Foi nomeado missionário no dia 5 de julho de 1887.

Chegou ao Brasil em setembro de 1887 e realizou a maior parte do seu trabalho entre os colonos americanos de Santa Bárbara d'Oeste, em São Paulo. Era inclinado à agricultura. Excursionou a cavalo pelos municípios da região, assim como o faziam os colegas Edward Lane, John Dabney e Samuel Gammon. Em setembro de 1888, participou da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, no Rio de Janeiro. Integrou, ao lado dos Revs. Eduardo Carlos Pereira, Belmiro de Araújo César, Donald C. McLaren, Antônio Bandeira Trajano, e dos presbíteros Flamínio Augusto Rodrigues e Manoel da Costa, a primeira comissão permanente do Plano de Missões Nacionais. No dia 31 de janeiro de 1889, participou, ao lado do Rev. Delfino Teixeira, da organização da Igreja Presbiteriana de São João da Boa Vista, no interior paulista. Regressou aos Estados Unidos em 1895. O *Púlpito Evangélico* publicou um sermão seu em abril de 1889.

Bedinger pastoreou muitas igrejas em seu país: Woodlawn e East Lake, no Alabama, por três meses (1895); McHenry e Rockport, em Kentucky (1895-1898); La Fayette, New Harmony e Lebanon, no Alabama, e West Point, na Virgínia (1898-1899); Appomattox, Walker's, Union, Evergreen e Stonewall, na Virgínia (1901-1903); Frankford e Lacy, na Virgínia Ocidental (1903-1912); Pratt City, Springville e Atalla (1912-1915), no Alabama. A partir de 1916, foi missionário distrital em Huntsville, Alabama, e serviu diversos pontos do Presbitério do Norte do Alabama, na medida em que a saúde precária o permitia. Escreveu o livro *Soul Food* ("Alimento para a alma"). Faleceu em sua residência em Huntsville no dia 18 de dezembro de 1932. Deixou a esposa Mary M. Bedinger, quatro irmãos, uma irmã e outros parentes.

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 292, 469.
- Ferreira, *História da IPB*, I:293, 329, 337.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- *Minutes of the Synod of Alabama* (1933), 1102.

Kate Eliza Bias Cowan

Valorosa missionária educadora no oeste, sul e leste de Minas Gerais

Kate E. Bias nasceu em Red Sweet Springs, Condado de Alleghany, na Virgínia, em 19 de julho de 1857. Era a terceira filha de Mary Kate Gatewood e Cesario Bias. Entre 1863 e 1865, seu pai vendeu a sua propriedade e mudou-se sucessivamente para Fincastle, Charlotte e Richmond, onde foi proprietário da “Valentine House” até o seu falecimento em junho de 1866. Logo depois, a viúva mudou-se com os cinco filhos (Warwick, Margaret, Kate, James e Florence) para sua casa nas montanhas, “Belle Vue”, no Condado de Bath, na Virgínia. Ela veio a falecer em março de 1874. Pouco meses depois, em junho desse ano, Kate fez a sua profissão de fé na Igreja de Windy Cove, pastoreada pelo Rev. George L. Brown. Depois de deixar Richmond, sua educação teve prosseguimento na casa materna através de professores particulares, à exceção de três anos passados em uma escola particular ligada à família do seu tio James W. Warwick (Warm Springs, Condado de Bath) e um semestre no Colégio Feminino de Montgomery (Christiansburg, Virgínia). Por algum tempo, Kate lecionou em diversas escolas particulares nos Estados da Virgínia, Tennessee e Ohio.

Desde pequena, Kate interessou-se por missões estrangeiras, especialmente na China. Em setembro de 1888, ocorreu a grande mudança em sua vida. Viajando para Ohio a fim de lecionar, enquanto aguardava um trem atrasado em Millboro Depot conheceu o Dr. Robert L. Dabney e sua esposa, que esperavam o mesmo trem. No transcurso da conversa, a Sra. Dabney exclamou: “Você é exatamente a pessoa que estamos procurando para auxiliar Miss Kemper no Brasil”. Eles lhe falaram das grandes necessidades do Brasil e lhe contaram a história da vida do Dr. Edward Lane. Kate levava em sua bolsa o número mais recente da revista *The Missionary*, onde leu uma carta do Rev. John Dabney. Viajaram juntos até Clifton Forge, onde Kate passou a noite em um hotel. Em toda a sua vida, nenhum assunto a havia deixado tão empolgada. Alguns anos depois, ela declarou: “Antes de me recolher eu havia dedicado a minha vida ao Brasil e desde então nunca me arrependi da minha decisão”.

Kate viajou todo o dia seguinte para Lynchburg sem pensar em outra coisa, receosa de que, por causa de seu rosto sorridente, as pessoas pensassem que ela estava desequilibrada. Seus amigos e parentes acharam que se tratava de uma idéia romântica, mas ela imediatamente escreveu ao seu pastor pedindo orientação e uma carta de recomendação. A seguir, solicitou a sua nomeação ao Comitê de Missões Estrangeiras, visitou o pastor da Primeira Igreja de Lynchburg e acompanhada por ele visitou um médico para obter referência sobre a sua saúde. Em resposta ao seu pedido, foi nomeada missionária poucas semanas depois, em 12 de outubro de 1888, devendo partir em pouco tempo. A coisa mais difícil foi dizer adeus à avó idosa, mas ela a despediu de boa vontade.

Em 22 de dezembro, embarcou para o Brasil em Newport News, no navio Finance, acompanhada da missionária Elmira Kuhl, da Igreja do Norte. Chegou a Santos no dia 22 de janeiro de 1889 e a Campinas no dia 23, na companhia do Rev. John Dabney. Auxiliou a educadora Charlotte Kemper na escola para moças anexa ao Colégio Internacional, em Campinas, até 1891. Viveu os dias aflitivos das epidemias de febre amarela que vitimaram alguns de seus colegas e ela mesma foi acometida desse mal no mesmo ano da sua chegada. Lamentou a morte do pequeno Fred Rodrigues (filho do Rev. Flaminio Augusto Rodrigues)

e dos Revs. George Thompson, John Dabney, Edward Lane e John Boyle. Nas “Reminiscências” que escreveu, deixou informações tocantes sobre o falecimento do jovem Rev. Thompson, ocorrido em 1º de maio de 1889: “Eu estava (convalescente) em meu quarto. O Sr. T. (Thompson), no antigo quarto de Miss Kemper, do outro lado da saleta. De madrugada ouvi barulho, como de mesas arrastadas, e compreendi o que acontecera, mas ninguém me procurou. Pus as meias e abri silenciosamente a porta; vi-o estendido em uma mesa. Voltei para a minha cama, chorando por causa da grande perda que acabávamos de sofrer, e por sua boa mãe tão distante. Enfraquecida como me achava, pareceu-me vê-lo levado ao céu...”

No dia 4 de fevereiro de 1892, Kate casou-se com o missionário Frank A. Cowan, que havia chegado ao Brasil no final de 1889 e estava trabalhando em Bagagem, no Triângulo Mineiro. A cerimônia, realizada na casa do Rev. Flaminio Rodrigues, foi oficiada pelos Revs. Edward Lane e Samuel Gammon. Após a morte de Cowan no dia 2 maio de 1894, em Lavras, Kate deu continuidade ao trabalho do seu esposo. Seguiu para Araguari, onde colaborou com um novo missionário, o Rev. Charles Read Morton. Abriu em 1895 uma pequena escola, na qual foi seu aluno o menino Jorge Thompson Goulart, futuro pastor e professor do Seminário de Campinas, filho do crente pioneiro Tertuliano (Tula) Goulart, companheiro do Rev. John Boyle. Em 1896, escrevendo ao periódico de missões da sua igreja, *The Missionary*, Kate comentou que não havia outra escola evangélica em um raio de 600 km. Tinha vinte e dois alunos, sendo que três meninas, filhas de crentes da zona rural, viviam com a missionária.

Kate viajou centenas de quilômetros a cavalo no Triângulo Mineiro, ensinando e evangelizando. Em 1900, mudou-se para Santa Luzia de Goiás (Luziânia), onde também iniciou uma escola. Numa carta a *The Missionary* em 1903, em que narrou uma viagem a Paracatu, disse que podia ser chamada a missionária equestre do Brasil. Desde 1890, tinha viajado mais de 2500 km a cavalo, inicialmente na companhia de Boyle, Cowan ou Morton, mas agora somente com amigos brasileiros. Em 1907, após retornar de suas férias nos Estados Unidos, transferiu-se para a recém-criada Missão Leste, de Lavras, com a qual trabalhou até 1928. Colaborou eficazmente com o Rev. Aníbal Nora (1877-1971) em Alto Jequitibá e, depois de um breve estágio em Lavras, foi para Piumhi, onde era pastor o Rev. Paschoal Luiz Pitta. Ali a corajosa obreira escreveu a sua página final de consagração ao Brasil (1915-1928), completando quarenta anos de serviço missionário.

Embora fosse uma pessoa muito sociável e apreciase a companhia dos amigos e colegas, ela decidiu trabalhar em lugares isolados, muito distantes das outras estações da Missão, e passou anos a fim sem ouvir a sua língua natal ou ver outro missionário. Onde não havia pastor para manter unido o rebanho, onde um pastor ou missionário raramente chegava, ela manteve pequenos grupos de cristãos, conduziu mulheres e crianças em fiel serviço a Cristo, incentivou os homens a imitarem o seu próprio exemplo e preencheu muitas vidas de amor e alegria. Deixou grandes amizades nesses lugares remotos, sendo lembrada com gratidão por muitos anos. Após a sua aposentadoria, continuou a corresponder-se com as suas amigas brasileiros, que a amavam como se ela fosse a sua própria mãe. Uma delas escreveu ao saber da morte da missionária: “Tudo o que eu olho me faz lembrar dela. Existe

um vazio em meu coração que ninguém mais pode preencher. Sinto que nunca vou ter alegria novamente”.

Tendo se aposentado em setembro de 1928, aos 71 anos de idade e 40 de serviço no Brasil, Kate voltou para os Estados Unidos. Residiu a maior parte do tempo com uma irmã em Lynchburg. Gostava de freqüentar as conferências realizadas no acampamento de verão da Igreja do Sul e se mantinha informada sobre a vida da sua igreja. Sofreu um acidente automobilístico em fins de 1938, quando ia para uma reunião de oração de quarta-feira, o que contribuiu para o declínio da sua saúde. Faleceu em Lynchburg, na Virgínia, no dia 14 de dezembro de 1939, aos 82 anos e três meses de idade, e foi sepultada em Warm Springs, a cidade da sua infância. Nenhuma outra missionária fez, sozinha, uma obra tão constante. Foi sempre uma missionária residente, integrada com os brasileiros, incomparável educadora e evangelista.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 468.
- Ferreira, *História da IPB*, 329, 505s; II:77, 203s, 364.
- “Record of Missionaries of the Presbyterian Church in the United States (Southern)”, Presbyterian Historical Society (Montreat, Carolina do Norte), 135.
- Kate B. Cowan, “A Trip to Paracatu”, *The Missionary* (Abril 1903), 164-66.
- Kate B. Cowan, “Reminiscências, 1888-1909”, Arquivo Presbiteriano (ver Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 126).
- “Mrs. Kate Bias Cowan”, *Christian Observer* (17-01-1940), 22.
- Clara G. M. Gammon, “Mrs. Kate Bias Cowan”, Memorial Sketches (Vol. A-G), Executive Committee of Foreign Missions/Board of World Missions, PCUS.
- “D. Catarina B. Cowan”, *O Puritano* (10-03-1940), 3.
- Bear, *Mission to Brazil*, 23, 26, 28, 106.

Rev. Frank A. Cowan

Pastor no Triângulo Mineiro

Frank Cowan era natural da Geórgia. Estudou na Universidade Presbiteriana do Sudoeste, em Clarksville, no Tennessee, de 1882 a 1885. Foi licenciado em 12 de maio de 1887 e ordenado em 22 de abril de 1889, pelo Presbitério de Atlanta. Durante a licenciatura, trabalhou em Jonesboro, na Geórgia. Chegou ao Brasil no navio *Advance* em 24 de dezembro de 1889, acompanhado do Rev. Samuel R. Gammon e dos veteranos Edward Lane, Charlotte Kemper e Mary P. Dascomb, que regressavam de suas férias. O Rev. John Boyle foi buscá-lo em Campinas, levando-o para conhecer o seu campo. Cowan veio substituir o Rev. George Wood Thompson, que havia falecido em 1º de maio do mesmo ano. Ele e o colega Gammon foram arrolados pelo Presbitério de Minas, reunido em Rio Claro, no dia 28 de agosto de 1890. Foi-lhe designado o campo do Triângulo Mineiro e de Goiás, como companheiro do Rev. Boyle, fixando residência em Paracatu.

Em 1891, devido aos seus problemas de saúde, Cowan seguiu para os Estados Unidos, mas em janeiro seguinte já estava em Campinas, onde se casou com a professora Kate Eliza Bias em 4 de fevereiro de 1892. Algum tempo depois, o casal seguiu para Bagagem, no Triângulo Mineiro. Kate Bias havia chegado ao Brasil em 1888, tendo trabalhado inicialmente em Campinas, como auxiliar de Charlotte Kemper na escola para moças anexa ao Colégio Internacional.

Com a morte repentina do Rev. Boyle em 4 de outubro de 1892, Cowan ficou sozinho à frente do vasto campo missionário, apesar da sua saúde precária. Em 25 de abril de 1893, anunciou o desaparecimento do jornal *O Evangelista*, que havia sido fundado pelo Rev. Boyle há pouco mais de quatro anos. Entre junho e agosto do mesmo ano (1893), os Revs. Álvaro Reis e Caetano Nogueira Júnior organizaram quatro igrejas pioneiras nesse campo: Bagagem (18-06), Paracatu (02-07), Santa Luzia de Goiás (16-07) e Araguari (05-08). Agravando-se a tuberculose do Rev. Cowan, Gammon foi a Bagagem e o levou para Campinas e depois para Lavras, uma viagem extremamente penosa para um enfermo tão debilitado. Durante a ausência de Gammon, que havia seguido para os Estados Unidos em 14 de março, o Rev. Cowan faleceu em Lavras no dia 2 de maio de 1894. Por muitos anos, as alunas do Colégio Kemper depositaram flores no seu túmulo, no Dia de Finados. Cowan deixou um sermão no *Púlpito Evangélico* de setembro de 1892.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 338, 342, 350, 449, 468.
- Ferreira, *História da IPB*, I:323, 328s, 378, 492s, 502, 505s.
- *Brazilian Missions* (Julho 1890), 84.
- *The Missionary* (1896), 313.
- Clara Gammon, *Assim Brilha a Luz*, 31, 44, 63s.
- Bear, *Mission to Brazil*, 21s, 26.

Rev. Samuel Rhea Gammon

Grande evangelista e educador em Lavras, Minas Gerais

Samuel Gammon nasceu no dia 30 de março de 1865 em Bristol, no Vale Apalache do sudoeste da Virgínia (“um dos lugares mais encantadores da terra”), na fronteira com o Estado do Tennessee. Naquele ano terminou a Guerra Civil e a família, que como tantas outras havia perdido os seus bens, enfrentou as dificuldades do período de reconstrução. O menino Samuel, o terceiro de cinco irmãos, levava as verduras da chácara dos pais ao mercado vizinho. Seus pais, Audley Anderson Gammon e Mary Faris Gammon eram presbiterianos descendentes dos escoceses-irlandeses que colonizaram aquela região. Ainda criança, Sam, como era chamado, filiou-se à Liga da Esperança, uma sociedade para a promoção da temperança. Quando tinha seis anos, a família mudou-se para uma localidade próxima, Montgomery, onde o pai abriu um pequeno comércio. O menino começou a freqüentar uma pequena escola rural, revelando-se um aluno estudioso e amigo dos professores. Criado em ambiente doméstico profundamente religioso, professou a fé aos

doze anos em uma pequena igreja em Maple Grove. Do nobre tronco dos Gammon, Rhea e Anderson vieram nada menos de trinta pastores e nove missionários.

Aos dezesseis anos (1881), Samuel matriculou-se no King College, em Bristol, Tennessee, onde teve de trabalhar parte do tempo para prover o seu sustento. Nos últimos anos, conseguiu melhorar o seu orçamento lecionando aritmética e álgebra para as turmas inferiores. Tendo bom aproveitamento, foi escolhido para ser orador da turma e recebeu medalhas como melhor aluno de filosofia e letras. Seu discurso de formatura baseou-se nas palavras de Goethe ao morrer: “Quero luz!”. Ao final do curso, optou pela carreira ministerial, ingressando no Seminário Hampden-Sydney, na Virgínia, anexo ao colégio do mesmo nome, uma instituição presbiteriana fundada em 1776, o ano da independência americana. Dois fatores impulsionaram o jovem Gammon para a obra missionária. Primeiro, o advento do Movimento Voluntário Estudantil, que surgiu sob os auspícios do evangelista Dwight L. Moody em 1886 e chegou a Hampden-Sydney em 1888. Em 1889, ano da formatura de Gammon, uma grande onda de interesse por missões varreu os Estados Unidos. Foi quando o Rev. Edward Lane, missionário pioneiro em Campinas, visitou o seminário e falou aos estudantes sobre a grande oportunidade para o trabalho missionário no Brasil aliado à obra educacional.

Gammon foi ordenado pelo Presbitério de Abingdon em 10 de maio de 1889, na Igreja de Rock Spring, no sudoeste da Virgínia. Mantido pela 2ª Igreja Presbiteriana de Alexandria, que era pastoreada por seu primo Jim Vance, embarcou no navio *Advance* em 23 de novembro. Chegou ao Rio de Janeiro no dia 24 de dezembro e a Campinas no dia 27, acompanhado do colega Frank A. Cowan e dos veteranos Edward Lane, Mary Parker Dascomb e Charlotte Kemper, que voltavam de suas férias. Passou o natal no lar do colega John W. Dabney, que veio a falecer dois meses e meio depois. Em Campinas, Gammon foi diretor do Colégio Internacional e assumiu temporariamente a direção da missão. Ficou alojado no edifício do colégio, onde residia D. Charlotte Kemper, diretora das meninas, assistida por Kate Eliza Bias. Charlotte foi sua orientadora no estudo do idioma, revisora de seus artigos e sermões, e sempre esteve ligada a ele na obra educacional. O trabalho escolar não impediu que ele logo começasse a pregar, primeiro em inglês, aos patrícios da colônia de Santa Bárbara, e depois em português, como os Revs. Lane, Dabney e William L. Bedinger, que viajavam a cavalo pelos municípios vizinhos.

Sua primeira aula, em 27 de janeiro de 1890, foi para sete meninos. Menos de três semanas depois, começaram os rumores da febre amarela. Como os médicos impusessem a suspensão das aulas, Gammon partiu com o Rev. Álvaro Reis para uma excursão evangelística. Três dias depois, recebeu a notícia da morte de Dabney. Aproveitando a visita do Rev. John Boyle a Campinas, os missionários do Colégio Internacional discutiram a conveniência da mudança da escola em virtude da ameaça da epidemia. Nas férias do final de 1891, Lane, Gammon e o novo obreiro David G. Armstrong visitaram o campo de Boyle com sede em Bagagem, no Triângulo Mineiro, mas julgaram que a região não era aconselhável para o seu trabalho educacional. De volta a Campinas, Gammon tomou conta do jornal *Púlpito Evangélico*.

Em 1892, a febre retornou. Quatro semanas depois de aberta a escola, foi necessário fechar o internato e avisar os pais a fim de que viessem buscar os filhos. Vários missionários foram para outros lugares, ficando na cidade apenas Gammon, Lane e Charlotte Kemper. Gammon insistiu com o Dr. Lane para que se retirasse e o deixasse em Campinas. O Dr. Lane a isso se opôs e recomendou que ele aproveitasse a oportunidade para escolher um lugar no sul de Minas para onde a escola pudesse ser transferida. Gammon seguiu, pois, para aquela região, em companhia do Rev. George W. Chamberlain, concluindo que a velha cidade de Lavras do Funil, na Serra da Mantiqueira, parecia atender a todas as exigências. O Rev. Lane faleceu vitimado pela febre em 26 de março. Alguns meses depois, Gammon esteve novamente em Lavras acompanhado do Rev. Boyle e do Dr. Matthew H. Houston, o secretário executivo do Comitê de Nashville, tendo os três participado da reunião do Presbitério de Minas em Cabo Verde. Em setembro, Gammon seguiu para os Estados Unidos a fim de tratar junto à viúva Lane da transferência da propriedade do colégio, que estava em nome do obreiro falecido. Além disso, procurou despertar mais vocações missionárias para o Brasil em Hampden-Sydney, fez levantamento de fundos para os seus empreendimentos e ficou noivo da sua prima Willie Brown Humphreys.

Na sua ausência, o casal Armstrong, as professoras Charlotte Kemper, Sallie Chambers e Eliza Moore Reed, e quatro alunos transferiram-se para Lavras, onde o Rev. Gammon haveria de passar a maior parte dos 35 anos restantes da sua vida. A sede do trabalho era uma chácara que Gammon havia comprado no extremo da cidade, quando da visita com o Dr. Houston. Tão logo chegou a Lavras, no dia 8 de julho de 1893, Gammon dedicou-se ao trabalho evangelístico, tanto na cidade (seu primeiro sermão foi sobre 1 Coríntios 2.2) como nas localidades de Cana Verde e São João Nepomuceno. Um dos primeiros alunos foi o futuro pastor José Ozias Gonçalves. Outro colaborador foi Francisco Augusto Deslandes, o único crente professo que os missionários encontraram em Lavras, tendo se convertido em Ouro Preto. Tornou-se eficiente auxiliar da Missão como colportor e evangelista. Gammon fazia as suas viagens montado em “Souza”, o fiel cavalo que o transportou durante cerca de vinte anos. Seu companheiro de viagens por muitos anos foi Guilherme, um ex-escravo convertido.

Nos dois primeiros anos em Lavras, Gammon manteve estreito contato com o trabalho de Campinas, apesar da distância. Cuidava das propriedades, dava assistência pastoral a Santa Bárbara e visitava pontos de pregação. Em Lavras, quando a estação chuvosa não lhe permitia viajar, ocupava o tempo pregando, visitando e lendo livros de história da igreja e de controvérsia, a fim de preparar-se para os inevitáveis confrontos com o catolicismo. Numa das idas a Campinas, foi a Bagagem para atender a interesses da família Boyle e levou para Lavras o Rev. Frank A. Cowan, que estava gravemente enfermo. Em Lavras, foi adquirido um sobrado no centro da cidade, cujo terreno haveria de abrigar os edifícios do grande colégio que surgia.

Convocado pela Missão para tratar dos assuntos referentes a Campinas e Lavras, Gammon seguiu novamente para os Estados Unidos no dia 14 de março de 1894. Ao desembarcar do navio Coleridge em Nova York ocorreu um fato pitoresco, pois as autoridades o confundiram, devido à semelhança do nome, com o almirante Saldanha da Gama, que havia

chefiado a revolta da armada. Esteve em muitos lugares, visitando amigos e tratando de interesses da causa (propriedades de Campinas, finanças, novos obreiros). Manteve frutíferos contatos com o Comitê de Nashville e com a Assembléia Geral da Igreja do Sul. No dia 27 de junho de 1894, casou-se com a prima Willie em Newberne, passando a lua-de-mel em visita a parentes e amigos. O casal veio para o Brasil no final de setembro, trazendo em sua companhia a voluntária Blanche Dunlap. Durante a viagem, Gammon lecionou português às duas novatas. Transcorridos dois anos desde que a missão se transferira para Lavras, Gammon tinha passado na cidade, até o início de 1895, apenas noventa dias.

Na época das chuvas, também se dedicava a escrever. Produziu um *Catecismo para Conversos*, que chegou a oito edições, bem como comentários sobre várias epístolas do Novo Testamento (Pedro, Judas e Tiago) e artigos e sermões para o *Púlpito Evangélico*. No colégio, lecionou psicologia, lógica, história da filosofia, grego e matérias bíblicas. Também lecionou pedagogia no Curso Normal. Gammon chamava a atenção das pessoas pela sua aparência, cavalheirismo, cultura e simpatia. Tinha uma constituição física impressionante, não tendo perdido o porte e a elegância até o fim da vida. Destacava-se também por sua profunda espiritualidade e grande capacidade de trabalho. Gostava de construir e de fazer reformas. Adquiriu fama de arquiteto, de modo que muitas pessoas amigas, principalmente de Nepomuceno, faziam questão de que ele fizesse a planta de suas casas. Quando construídas, ensinavam que ele fosse o primeiro hóspede. Gammon tinha sempre uma agenda repleta de atividades: longas viagens, reuniões de concílios, serviços de colportagem, encomendas de literatura, aulas de catecismo e muito mais.

O trabalho de Lavras enfrentou muita oposição dos elementos clericais. Em 1896, os frades insuflaram uma multidão que quase atacou os evangélicos; também tentaram destruir a escola e impedir o povo de ir aos cultos. O padre local procurou indispor os seus fiéis e os alunos da escola contra os missionários. Apesar disso, a escola prosperou e o trabalho conquistou a simpatia de muitas pessoas da cidade. Com a visita do novo secretário executivo do Comitê de Nashville, Dr. S. H. Chester, foi inaugurada uma política de maior atenção às necessidades dos campos missionários. Depois de um período de carência de obreiros, começaram a chegar auxiliares em maior número: Horace e Emma Allyn, Margaret Youell, Alva Hardie e Ruth B. See. Mais tarde viriam o casal Augustus F. Shaw, Genevieve Marchant, Benjamin Hunnicutt, o casal Charles C. Knight, Martha Glenn, o casal John M. Sydenstricker, o casal Augustus L. Davis, as professoras Hattie G. Tannehill e Rosa Mabel Davis, e outros mais.

Um momento especial ocorreu em 9 de julho de 1899, quando o templo presbiteriano de Lavras foi consagrado durante a reunião do Presbitério do Rio de Janeiro naquela cidade. Gammon havia sido o arquiteto, construtor e levantador de fundos. No dia 13 de maio de 1900, acompanhado do Rev. Álvaro Reis, Gammon organizou a Igreja de Piumhi, aquela que se tornou a sua “igreja de Filipos”, pelas grandes alegrias que lhe deu. Uma das primeiras crentes daquele lugar foi D. Maria França, irmã do Rev. Miguel Torres. Em julho, o missionário foi eleito moderador do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil. Assumiu em meados de 1901 a direção do Seminário Presbiteriano, em São Paulo, na ausência do Rev. John R. Smith, que estava de férias nos Estados Unidos, transferindo-se com a família para

a capital paulista. Substituiu-o no campo de Lavras o Rev. José Ozias Gonçalves, vindo de Casa Branca. Gammon fez melhoramentos no edifício do seminário e cooperou para restabelecer as boas relações da instituição com o Mackenzie. Ao retirar-se da direção do seminário, foi substituído pelo jovem professor Erasmo Braga.

Em 13 de maio de 1902, Gammon viajou de férias para os Estados Unidos e recebeu do King College o título de “Doutor Honoris Causa” em teologia. Em 1926, essa instituição lhe concederia o título de Doutor Honoris Causa em direito. Em 1903, de volta a Lavras, efetivou a compra da chácara, até então alugada, onde funciona até hoje o Instituto Gammon. No mesmo ano, apresentou na reunião do Sínodo a famosa proposta ou substitutivo sobre a questão maçônica, cuja aprovação resultou no afastamento do Rev. Eduardo Carlos Pereira e seus simpatizantes, os fundadores da Igreja Presbiteriana Independente.

Além da obra evangelística, Gammon e seus companheiros dedicavam-se à educação. A escola para moças fora aberta em 1893, quando da mudança da missão para Lavras. Inicialmente denominada Instituto Evangélico, mais tarde recebeu o nome de Carlota Kemper. Em 1904, mediante autorização da igreja norte-americana, foi inaugurada a escola para meninos, com vários cursos profissionalizantes. Dona Willie Gammon fundou em 1905 a Sociedade “Covenanters”, agremiação em que os candidatos ao ministério exercitavam os seus talentos. Em 1908, com a vinda do Dr. Benjamin Hunnicutt, seria criada a Escola Superior de Agricultura e em 1910 a Escola Normal, que provocou uma grande reação católica, lançando tropeços ao reconhecimento oficial. Divergências quanto ao lugar da educação na obra missionária, levaram a Missão do Sul a dividir-se no ano de 1906 em Missão Leste (com sede em Lavras) e Missão Oeste (com sede em Campinas).

Gammon viajava incansavelmente por todo o oeste de Minas, pregando o evangelho. Algumas vezes foi acompanhado por jovens que vieram a tornar-se eficientes pastores, como José Ozias Gonçalves e Paschoal Luiz Pitta. Também estudaram em Lavras os futuros ministros Jorge Thompson Goulart, Teodomiro Emerique, Américo Cardoso de Menezes, Galdino Moreira e Guilherme Kerr. Outro estudante de outrora que ainda hoje serve a igreja com eficiência é o Rev. Oswaldo Soeiro Emrich (nascido em 07-12-1917 e ordenado em 1940), pastor emérito da Igreja Presbiteriana de Curitiba, cujos pais, Oswaldo Tertuliano Emrich (1888-1977) e Eraydes Soeiro Emrich (1896-1974), trabalharam na Escola de Agricultura e exerceram outras funções no instituto e na igreja. O Dr. Oswaldo (pai), irmão do Rev. Teodomiro Emerique, foi o primeiro aluno da Escola Agrícola que obteve bolsa para estudar nos Estados Unidos.

Gammon ia pela Estrada de Ferro Oeste de Minas até Pitangui e depois a cavalo por vários lugares, até as cabeceiras do rio São Francisco. Além de Cana Verde e Nepomuceno, visitou muitos outros locais, tais como Congonhal, Carrancas, Três Pontas, Perdões, Campo Belo, Candeias, Formiga, Arcos, Porto Real, Pains, Pimenta, Piumhi e Bambuí, chegando até a Serra da Canastra e Mata da Corda. Era conhecido por toda parte naquela vasta região. Em alguns lugares, encontrou traços da passagem não só de Eduardo Carlos Pereira, mas de Miguel Torres, como em Piumhi, onde Dona Gersoni França, de Caldas, levava a semente

do evangelho. O folheto de Miguel Torres, “A religião evangélica perante o público”, foi o instrumento das primeiras conversões.

Entre os muitos colaboradores do Rev. Gammon estava o coronel José Custódio da Veiga, patriarca de uma das mais destacadas famílias presbiterianas do sul, oeste e centro de Minas Gerais. Nascido em Nepomuceno em 22 de dezembro de 1861, converteu-se em 1883 no distrito de Cana Verde, município de Campo Belo, ouvindo o jovem pregador Rev. Eduardo Carlos Pereira, procedente de Campanha. José Custódio foi o instrumento para a conversão do seu pai, Francisco Custódio da Veiga (que professou a fé com o Rev. Gammon em 1898, em Lavras), bem como de toda a sua família e de famílias aparentadas – Garcia, Correia e Ribeiro, entre outras. Foi grande fazendeiro e vereador em Lavras, representando o então distrito de São João Nepomuceno. Contribuiu para a criação e oficialização do Ginásio de Lavras e acompanhou os missionários em viagens evangelísticas por toda a região. Foi presbítero por muitos anos e membro fundador do Presbitério Sul de Minas, em Lavras, em 12 de março de 1910. Faleceu aos 92 anos no dia 11 de fevereiro de 1954. O Rev. Arnaldo de Oliveira Veiga, seu bisneto, é o atual pastor da Igreja Presbiteriana de Nepomuceno.

Em 17 de junho de 1908, a primeira esposa de Gammon, Willie, conhecida pelos brasileiros como Guilhermina, faleceu em Rural Retreat, na Virgínia. Dois anos e meio mais tarde, em 28 de fevereiro de 1911, ele casou-se com uma nova missionária, Clara Gennet Moore, que mais tarde iria escrever uma inspiradora biografia do marido, *Assim Brilha a Luz*. Por sua vez, o Rev. Gammon escreveu o livro *The Evangelical Invasion of Brazil; or, A Half Century of Evangelical Missions in the Land of the Southern Cross* (A Invasão Evangélica do Brasil ou Meio Século de Missões Evangélicas na Terra do Cruzeiro do Sul), publicado em 1910. No mesmo ano, Gammon foi escolhido para presidir a Comissão de Missões Estrangeiras da igreja nacional, cuja primeira reunião verificou-se no dia 16 de dezembro. No dia 14 de outubro de 1911, finalmente foi organizada a Igreja Presbiteriana de Lavras.

A década de 1910 foi marcada por um grande crescimento das instituições educacionais presbiterianas em Lavras, o que custou muito trabalho e forte desgaste físico ao Rev. Gammon. Ao longo dos anos, mediante seus apelos, muitos novos obreiros vieram juntar-se à Missão Leste, ocupando uma grande quantidade de campos em toda a região (Piumhi, Nepomuceno, São João Del Rei, Caxambu, Varginha e outros lugares). Em 1916, Gammon participou com Erasmo Braga, Álvaro Reis e Eduardo C. Pereira, do Congresso da Obra Cristã na América Latina, no Panamá. Foi grande incentivador do movimento cooperativo das igrejas evangélicas brasileiras, liderado pelo Rev. Erasmo, especialmente no que diz respeito ao Seminário Unido e à Federação Universitária Evangélica, da qual foi presidente. Em 1918, durante o surto de gripe espanhola, abriu um hospital de emergência no colégio para atender às vítimas, tendo como enfermeiras as missionárias que viviam em Lavras, incluindo a sua esposa. Ele transitava pela cidade em seu coche, recolhendo doentes e transportando-os para o devido tratamento.

Em 1928, após saber que estava com câncer, Gammon teve a oportunidade de ouvir o grande missionário da Índia, Dr. Stanley Jones, no Rio de Janeiro, interpretado por Erasmo Braga. Desejando voltar para Lavras, o Dr. Lisânias de Cerqueira Leite, pastor e

engenheiro, diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, pôs à sua disposição o carro oficial e obteve o mesmo favor da Estrada de Ferro Oeste de Minas. Na madrugada do dia 4 de julho de 1928, dia da independência americana, o Rev. Gammon faleceu em um desvio da estrada de ferro em Barra Mansa, no Estado do Rio. No dia seguinte foi decretado feriado em Lavras e boa parte da população foi aguardar a chegada do corpo na estação ferroviária. Naquele ano, a diretoria das escolas evangélicas de Lavras havia decidido mudar o nome da instituição para Instituto Gammon, o que muito sensibilizou o homenageado. Em 1933, o seu busto foi inaugurado em uma praça da cidade.

O Dr. Gammon teve seis filhos. Do primeiro casamento nasceu Mary Elizabeth, que veio a casar-se com o Rev. Augustus Lee Davis, vindo para o Brasil como missionários em 1919. Do segundo casamento, nasceram cinco filhos: Alice Gennet, Audley Anderson, Willie Humphreys (Billy), Joseph Moore e Richard Rhea. Com exceção de Audley, todos nasceram em Lavras. Alice e Billy também trabalharam como missionárias, respectivamente nos anos de 1934-1940 e 1940-1963. Joseph e Richard foram pastores nos Estados Unidos.

Billy Gammon, nascida em 1º de julho de 1916, depois de fazer os cursos primário e secundário na Escola Carlota Kemper e no Instituto Gammon, estudou nos Estados Unidos. Bacharelou-se no Flora MacDonald College e em 1940 obteve o grau de mestrado em educação na Universidade Drew, em Madison, Nova Jersey, com a tese “Contribuição dos colégios evangélicos para o desenvolvimento da educação no Brasil”. Retornando ao país em que nasceu, foi cedida pela Missão Leste para ser a secretária geral da mocidade da IPB, cargo que ocupou a partir de 1946, tornando-se a grande líder da juventude presbiteriana do Brasil. Em 1958, passou a trabalhar como secretária executiva do departamento de mocidade da Confederação Evangélica do Brasil. Foi preleitora em diversas conferências no Brasil e no exterior e publicou artigos em *Mocidade*, *Cruz de Malta*, *Revista da Mocidade* e *Brasil Presbiteriano*, além dos programas para as uniões de mocidade, em publicação periódica.

Nos tumultuados anos 60, tornou-se professora de língua inglesa e de literatura inglesa e americana no Centro Universitário de Brasília, atual Universidade de Brasília. Em 1971, obteve na Universidade da Virgínia o grau de mestre em literatura americana. Além de atuar no meio estudantil, realizou um abnegado trabalho social entre a população carente da cidade satélite de Ceilândia. Vitimada por um atropelamento, faleceu no hospital no dia 2 de setembro de 1974, depois de dias de internamento e esperanças para todos. Chegou a falar ao telefone com amigos do Rio, depois de operada, para dizer que ia se recuperando, que estava bem. Foi sepultada em Lavras, a sua cidade natal, no dia 24 de setembro. Com a presença dos seus irmãos Alice Gammon Coriolano e Audley Gammon, foram-lhe prestadas homenagens póstumas em Lavras (24-09), em Brasília (03-10) e no Rio (01-12), lugares onde residiu por mais tempo, deixando muitos amigos.

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 338, 622, 666s.

- Ferreira, *História da IPB*, I:328-330, 411, 488-502, 575; II:48s, 79-81, 85, 132s, 217, 223, 240, 243, 265-68, 291, 316s, 405.
- Samuel R. Gammon. *The Evangelical Invasion of Brazil; or, A Half Century of Evangelical Missions in the Land of the Southern Cross*. Richmond: Presbyterian Committee of Publication, 1910.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- “Dr. Samuel Gammon”, *O Estandarte* (26-07-1928), 13s.
- Edward E. Lane, “A History of the West Brazil Mission”, 1936.
- Margarida Sydenstricker, *Carlota Kemper*.
- Clara Moore Gammon. *Assim Brilha a Luz: A Vida de Samuel Rhea Gammon*. Trad. Jorge T. Goulart. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003 (1ª ed., Lavras: Imprensa Gammon, 1959). Título do original: *So Shines the Light*.
- Maria de Melo Chaves. *Bandeirantes da Fé*. Belo Horizonte, 1947.
- Bear, *Mission to Brazil*, 23, 25-28, 30s, 104-112, 213-215.
- *Ministerial Directory, PCUS (1861-1967)*, 193.
- Abdênago Lisboa, *História da Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte* (Belo Horizonte: Editora Canaã, 1974), 159-167.
- “Billy Gammon”, *CEI, Documento 59* (Novembro 1974), Edição Especial.
- Eudaldo Lima, *Romeiros do Meu Caminho* (Brasília, 1981), 241-248.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. Dr. Samuel Rhea Gammon”, *Brasil Presbiteriano* (Jan 1998), 20.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Billy”, *Brasil Presbiteriano* (Abril 2000), 21.
- “Síntese biográfica do Rev. Dr. Samuel Rhea Gammon”: www.gammon.br/GamSRG.htm

Sallie H. Chambers Cooper

Missionária em Fortaleza, Campinas, Lavras, Bahia e São Paulo

Sallie (Sarah) H. Chambers nasceu em Dover, Massachusetts, em 1866, mudando-se mais tarde para Lexington, Missouri. Formou-se no Seminário Elizabeth Aull, em Lexington, em 1883, e lecionou matemática no Staff College. Ainda jovem, filiou-se à Igreja Presbiteriana. Chegou ao Brasil em julho de 1890, como missionária da Igreja do Sul (PCUS), atuando inicialmente como professora em Fortaleza. Trabalhou por alguns meses ao lado de outra jovem missionária recém-chegada, Carrie M. Cunningham, que veio a falecer em uma epidemia de varíola em abril de 1891.

Devido a problemas de saúde, no mesmo ano Sallie foi transferida para Campinas, a fim de lecionar no Colégio Internacional. No final de 1892, quando, em virtude da febre amarela, a escola teve de mudar-se para Lavras, no sul de Minas, acompanhou para aquela cidade o casal David e Harriette Armstrong e as missionárias Charlotte Kemper e Eliza M. Reed. No ano seguinte, sofreu uma estafa e precisou ir para os Estados Unidos. Em Lavras, foi diretora do curso primário e normal, e do internato para meninas, o futuro Colégio Carlota Kemper. Desligou-se da missão em 1897, ano em que conheceu o jovem Carl William

Cooper, com quem se casou no ano seguinte. Residiram por algum tempo em Nova York e vieram para o Brasil em 1902.

Em dezembro de 1903, os Cooper fixaram residência em Wagner, a 13 km de Ponte Nova, na Bahia, onde Carl (Carlos) trabalhou como evangelista. Em maio do ano seguinte foi organizada pelo Rev. Woodward Finley a Igreja de Wagner, com membros procedentes da Igreja de Orobó (atual Rui Barbosa). O casal Cooper retirou-se em 1906, vindo a nova igreja a desaparecer. Foi em Wagner que os Cooper, sem filhos, adotaram uma menina cuja mãe havia enlouquecido. A idéia da criação de um orfanato surgiu na mente do casal em 1907, pouco antes de irem descansar brevemente na pátria. Mudando-se para São Paulo, fundaram em 1909 o orfanato “Blossom Home” (Lar das Flores, nome inspirado em Números 17.8), que depois foi transferido para a cidade de Suzano, na região leste da Grande São Paulo.

Como os Cooper eram filiados à Missão Evangélica da América do Sul e depois à União Evangélica Sul-Americana (UESA), o orfanato ficou ligado por algum tempo a essas organizações, até que se tornou independente. Desde o início, foi uma “missão de fé”, dependendo de doações voluntárias vindas de vários países além do Brasil (Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, etc.). Uma das contribuintes regulares era a Igreja Unida de São Paulo, cujos membros faziam passeios ocasionais ao orfanato. Em 1913 foi criado o periódico de divulgação *Echoes from the Blossom Home for Orphans* (Ecos do Lar das Flores para Órfãos). Pelas mãos do abnegado casal passaram cerca de 400 crianças, entre elas a futura missionária Lóide Bonfim Andrade, que trabalhou por muitos anos na Missão Evangélica Caiuá, em Dourados, Mato Grosso do Sul, ao lado do seu esposo, Rev. Orlando Andrade. Os irmãos de D. Loide (Julieta, Chester, Franklin e Daniel) também estiveram sob os cuidados do casal Cooper e um deles foi adotado como filho.

Por causa do seu trabalho, Sallie ou Sarah, como era conhecida, era chamada de “Mother” (mãe) e Carlos de “Daddy” (papai). Em 1937, o casal Cooper entregou o seu orfanato ao Exército da Salvação, ao qual Carlos Cooper pertencera na mocidade. Fundaram duas igrejas evangélicas, em Suzano e Jundiapéba. A igreja de Suzano foi precursora da atual Igreja Presbiteriana Unida dessa cidade, pastoreada pelo Rev. Heber Carlos de Campos Júnior. Dona Sarah Cooper faleceu em Suzano no dia 31 de maio de 1950 e o Sr. Carlos aos 99 anos em 1969. O “Lar das Flores” existe até hoje, sendo o bairro adjacente também conhecido por esse nome.

D. Loide Bonfim ficou conhecida no Brasil e no exterior pelo seu incansável trabalho em prol dos indígenas do Mato Grosso. Nasceu em Caetité, na Bahia, no dia 24 de dezembro de 1917. Foi para São Paulo com os pais, Alexandre S. Bonfim e Rita Angélica Teixeira Bonfim, que faleceram pouco depois (1927). Os órfãos foram acolhidos bondosamente pelo casal Cooper, em Suzano. Loide havia cursado até a terceira série na fazenda, em seu estado natal. Indo para o Lar das Flores, fez a quarta série e depois o ginásio e o colegial na Escola Anglo-Brasileira, em São Paulo. Em Suzano, conheceu diversos missionários que trabalhavam entre os índios de Mato Grosso. Ainda adolescente, foi trabalhar como professora entre os índios terenos e depois cursou o Instituto Bíblico Eduardo Lane, em

Patrocínio. Em 1938, passou a trabalhar com a Missão Evangélica Caiuá, fundada em 1928 pelos missionários Albert Sydney Maxwell e Rosa Mabel Davis Maxwell (da Missão Leste), tendo vários colaboradores brasileiros de diferentes denominações. Em 1942, Loide estudou inglês e fez estudos de enfermagem em Anápolis, Goiás. Em novembro daquele ano, casou-se com o Rev. Orlando Andrade, natural de Lavras, que havia estudado no Instituto JMC, em Jandira, e no Seminário de Campinas. Ele conheceu Loide quando participava de trabalhos evangelísticos em Suzano.

O casal Andrade foi para a Missão Caiuá, onde substituíram os Maxwell na liderança da missão, ali trabalhando por 43 anos (1942-1985). Dotada de grande dinamismo, Loide foi ao Texas em 1954 (junho-dezembro) e fez uma campanha muito bem-sucedida em favor da Missão. Em 1963 foi inaugurado o Hospital e Maternidade Porta da Esperança. Nos anos 70, Loide formou-se em direito pelas Faculdades ABC Paulista e Uberaba. Trabalhou como professora de inglês, advogada, técnica em enfermagem, pesquisadora da cultura indígena e coordenadora de vários projetos na área da saúde. Como vice-diretora de campo da Missão, visitava as aldeias, evangelizava, assistia os índios enfermos e administrava a obra. Por diversas vezes representou a Missão Presbiteriana no Brasil em conferências nos Estados Unidos, tendo visitado dezesseis estados e falado a grandes auditórios. No final da sua carreira, foi inaugurado o Instituto Bíblico Filipe Landes para a formação de evangelistas indígenas. O Instituto Lingüístico de Verão concluiu a tradução do Novo Testamento para a língua caiuá em 1985. D. Loide faleceu em Dourados no dia 28 de setembro de 1990. É patronesse de uma cadeira da Academia Douradense de Letras e seu nome foi dado a uma escola municipal daquela cidade. O casal Andrade deixou três filhas: Sara, Mary Slessor e Myrtes.

Outro órfão acolhido pelo casal Cooper foi Reinaldo Iapequino, cujos tinham vindo da Itália. Reinaldo passou a maior parte da sua infância e adolescência no Lar das Flores. Formando-se técnico agrícola, foi trabalhar na Missão Caiuá, a convite do Rev. Orlando Andrade, lá permanecendo por muitos anos. Casou-se com Zéria Soares Branquinho, com quem teve um filho ao qual deu o nome do seu benfeitor. Trata-se do Rev. Carlos Cooper Iapequino, nascido em 1953, pastor presbiteriano em Guarapari (ES). Quando foi para o seminário, Carlos recebeu dos pais uma carta do Sr. Cooper, escrita na época do seu nascimento, consagrando-o para a obra de Deus como seu futuro substituto. Na última vez que o velho obreiro esteve em Dourados, disse ao menino Carlos que sentia “uma saudade muito grande do céu”.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 350.
- Ferreira, *História da IPB*, I:302, 489, 498.
- Bear, *Mission to Brazil*, 23, 26, 46s.
- Basílio Castro, “Nota Histórica do Evangelho em Ponte Nova e Adjacências”, *Norte Evangélico* (11-08-1928), 35.
- “Orfanato Blossom Home”, *O Estandarte* (01-12-1934), 5.
- “Sarah Chambers Cooper”, *O Estandarte* (31-07-1950), 14.

- *Echoes from the Blossom Home for Orphans*, Jornais Evangélicos, Vol. 9, Coleção Temudo Lessa.
- Gammon, *Assim Brilha a Luz*, 54s.
- Ruth Tucker, “*Até aos Confins da Terra*”: *Uma História Biográfica das Missões Cristãs* (São Paulo: Vida Nova, 1996), 521-524.
- “Loide Bonfim Andrade”, *Brasil Presbiteriano* (Outubro 1990).
- Lori Alice Gressler, *Memória de Dourados: Ruas, Edifícios e Logradouros Públicos* (Dourados: Prefeitura Municipal, 1996), 205s.

Rev. William McQuown Thompson

Missionário no Maranhão, na Amazônia e em Garanhuns

William M. Thompson nasceu no dia 4 de dezembro de 1864 em Riverside, Condado de Rockbridge, na Virgínia. Era filho de John McQuown Thompson e Agnes Hamilton Thompson. Sua infância transcorreu nos anos difíceis posteriores à Guerra Civil e ele teve de trabalhar arduamente no campo desde pequeno, especialmente após a morte do pai, quando estava com apenas oito anos. Desejoso de estudar, após cuidar dos animais e da lavoura caminhava 12 km até a escola mais próxima. Teve dois irmãos, Charles e John, que foram crentes durante toda a vida, tendo sido presbíteros e superintendentes das escolas dominicais de suas respectivas igrejas. Estudou na Universidade Washington e Lee, em Lexington, e no Seminário Teológico Union (1887-1890), no mesmo estado. Foi ordenado pelo Presbitério de Lexington no dia 10 de maio de 1890.

Acompanhado da esposa, Kate Bridgefort Guthrie, com a qual se casou em 12 de junho de 1890, embarcou para o Brasil em Newport News, no seu estado natal, quando viu o mar pela primeira vez. Chegou ao Maranhão em 21 de novembro de 1890 para auxiliar e mais tarde substituir o Rev. Dr. George W. Butler, que, depois de um período de descanso na pátria, seria transferido para Pernambuco em 1893. Os dois missionários planejaram a construção de uma lancha para as viagens evangelísticas nos rios do Maranhão e do Piauí, mas não chegaram a utilizá-la. A experiência demonstrou que era preferível pagar o transporte nos barcos de carreira. O Rev. Thompson residiu em São Luís por vários anos na qualidade de missionário, estando a igreja local, desde o final de 1893, sob os cuidados do Rev. Belmiro de Araújo César. Em São Luís nasceram seus primeiros filhos: Prentice (03-05-1891), que morreu na França durante a I Guerra Mundial, e Lílían, nascida em 22 de janeiro de 1895.

A chegada de um novo missionário, Carlyle R. Womeldorf, em julho de 1895, possibilitou que Thompson se voltasse mais para o interior do estado. No mesmo ano, viajou para Caxias acompanhado de um colportor, com o qual fez distribuição de literatura na subida do rio Itapicuru. Houve tamanha perseguição em Caxias que o missionário, em vez de seguir para Teresina, como tencionava, permaneceu ali para a defesa dos crentes. O colportor provavelmente era Francisco Filadelfo de Souza Pontes, que já havia pregado em Caxias em março de 1894. Acompanhado pelo Rev. Belmiro César, Thompson organizou a Igreja de Caxias no dia 22 de setembro de 1895. Em meados do ano seguinte, fixou

residência nessa cidade, na época a segunda do Maranhão, onde permaneceu até 1905. Realizou viagens missionárias ao Piauí e ao centro do Maranhão, indo até Barra do Corda. Enviou um colportor pelo Rio Parnaíba até Amarante e São Francisco, cidades vizinhas dos dois estados. Em janeiro de 1902, batizou os primeiros crentes piauienses, em Teresina. Em Caxias, o casal Thompson teve o seu terceiro filho, Franklin, nascido em 1900.

Thompson auxiliou os Rev. Womeldorf na organização da Igreja Presbiteriana de Belém no dia 9 de novembro de 1904 e o Rev. Lourenço de Barros na organização da Igreja de Manaus em 18 de novembro do mesmo ano. Em Manaus, foram recebidos quarenta e três membros maiores e batizadas diversas crianças, bem como foram eleitos dois presbíteros e um diácono. Quando o Rev. Womeldorf deixou Belém e voltou para os Estados Unidos, Thompson residiu na capital paraense por alguns anos (1905-1908). Seu campo ia desde Manaus, a 1600 km de Belém pelo rio Amazonas, até Teresina, a 1000 km em outra direção. Certa vez ele subiu o rio Solimões até 600 km acima de Manaus. Em 1908, seguiu de férias para os Estados Unidos, realizando estudos de pós-graduação no Seminário Teológico Union, em Richmond. Regressando ao Brasil, deu continuidade ao seu trabalho evangelístico em Belém e Manaus.

Em 1910, Thompson foi transferido para Garanhuns, onde residiu por muitos anos. Foi professor de matemática na escola da missão, o Colégio 15 de Novembro, de 1910 a 1913 (Kate ou Catarina lecionava inglês), e diretor da mesma até 1921, quando foi substituído pelo Rev. Dr. George W. Taylor. Em 1919, o colégio tinha 140 alunos matriculados e contava com a colaboração da professora Eliza M. Reed. Thompson voltou a ocupar a direção após a morte do Rev. Taylor, ocorrida em 1º de janeiro de 1936. Além das aulas, cuidava da administração e recebia os alunos em casa, tendo na esposa Kate uma mãe para a sua imensa família de estudantes, a muitos dos quais acudiu em horas de necessidade. Destacou-se como professor de línguas vivas e mortas. Embora o seu único professor de português tenha sido o Dr. Butler, ele veio a tornar-se um grande conhecedor do idioma pátrio, ensinando-o a brasileiros. Revelou uma perfeita identificação com o Brasil.

Thompson caracterizava-se pela dedicação ao trabalho, sendo muito austero no que se refere à obediência às leis e respeito às autoridades. Sua honestidade e probidade eram inatacáveis e a sua pontualidade tornou-se proverbial em Garanhuns. Chegou a ponto de algumas pessoas que moravam nas proximidades da sua residência marcarem as horas todos os dias quando ele passava em direção ao colégio, sempre às quinze para as oito. Outros, residentes na tradicional Rua do Recife (atual Dr. José Mariano), diziam: “São quatro horas da tarde. O Dr. Thompson já vai passando para o correio”. Isso ele fazia diariamente para apanhar a sua correspondência na Caixa Postal nº 15 e enviar cartas para os muitos amigos, parentes e autoridades da sua missão nos Estados Unidos. Jamais deixou de responder a uma carta, de quem quer que fosse. D. Kate era educadora por formação e incomodava algumas pessoas por sua grande franqueza. Todavia, os alunos eram unânimes em afirmar que era extremamente caridosa.

A partir de 1911, Thompson ficou a cargo da gráfica da missão e do periódico *Norte Evangélico*, em substituição ao Rev. Jerônimo Gueiros. Um relatório daquele ano dizia que

ele era um editor nato e que não havia nada que não fizesse bem, quer se tratasse de ensinar, pregar ou dirigir um jornal. Foi ainda o fundador e editor do jornal *Expositor*, semelhante ao *Púlpito Evangélico*, voltado para a igreja e para a escola dominical (1914). A partir de 1915, passou a escrever as lições de escola dominical para adultos, o que fez por muitos anos. Também lecionou no Seminário ao lado do Rev. George Henderlite e pastoreou a Igreja de Garanhuns. Aos 60 anos, era professor da escola dominical da igreja e pregava duas vezes por mês. Dirigia o colégio com suas centenas de alunos e dirigia o internato do mesmo. Também dirigia a Casa Publicadora “Norte Evangélico”, escrevia para esse periódico, para o *Expositor* e outras publicações, e era o tesoureiro do Presbitério de Pernambuco. Contava com o respeito e o carinho de toda a cidade de Garanhuns.

Foi membro fundador do Presbitério do Sul de Pernambuco, em 1927, sendo o único missionário americano ao lado de sete pastores nacionais. Recebeu o grau honorário de Doutor em Divindade (D.D.) da Universidade Washington e Lee. Após quase cinquenta anos de serviços, o casal aposentou-se em 1939. Nos anos seguintes, o 15 de Novembro criou em sua homenagem o Clube Agrícola W. M. Thompson. Seu filho Franklin Thompson, casado com Ruth Furtado Gueiros (filha do Rev. Antônio Gueiros), residia na Virgínia. Quando soube do agravamento do estado de saúde dos sogros, Ruth voltou para o Brasil com os filhos em dezembro de 1950, sendo seguida pelo marido em abril de 1951. Dona Kate faleceu em 1953 e o Rev. Thompson no dia 8 de março de 1955, aos 90 anos de idade. Franklin foi professor do Colégio 15 de Novembro. Sua irmã Lillian residiu na Virgínia com a sua família.

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 351.
- Ferreira, *História da IPB*, I:302-304, 454s; II:104s, 110, 112, 136s, 210, 217, 252, 327s.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Cortez, *O Presbiterianismo no Norte do Brasil*.
- *Norte Evangélico* (11-08-1928).
- “Resumo Histórico”, *Recordações do 15* (Garanhuns, 1944), 5. Arquivo Presbiteriano.
- J. M. Wanderley, “Rev. Dr. William M. Thompson”, *Norte Evangélico* (abril de 1955), 1s, 4.
- Bear, *Mission to Brazil*, 46s, 54, 63, 67, 78.
- Domingos Borges de Pádua. *História da Igreja Presbiteriana de São Luís: 1886-1986*.
- Serra, *História da Igreja Presbiteriana de Caxias*, 23s.
- Leitão, *Testemunho de Fé*, passim.
- Silvano Cordeiro Fonseca. *Centenário da I. P. de Garanhuns: 1900-2000*.

Rev. James Dick

Missionário em Recife e Fortaleza

James Dick era natural da Escócia, onde nasceu no dia 21 de abril de 1861. Foi criado como presbiteriano, porém mais tarde filiou-se à igreja batista. Estudou no East London Institute, do Dr. Grattan Guinness, voltado para a preparação de missionários. Chegou ao Nordeste do

Brasil em 1890, acompanhado da esposa, Annie Dick, como missionário da organização congregacional “Help for Brazil”. Inicialmente auxiliou o Rev. James Fanstone (1851-1937), pastor da Igreja Pernambucana, em Recife. Esse missionário foi pai do Dr. James Fanstone (1890-1987), fundador do Hospital Evangélico Goiano, em Anápolis.

Retornando à igreja presbiteriana, Dick filiou-se em 1891 à Missão de Nashville, da Igreja Presbiteriana do Sul. O Presbitério de Pernambuco, reunido em Recife no dia 15 de agosto de 1891 e presidido pelo Rev. DeLacey Wardlaw, recebeu-o como membro. O presbitério designou-lhe o Rio Grande do Norte, onde não havia trabalho regular, mas ele acabou indo para o Ceará, a fim de auxiliar o Rev. DeLacey Wardlaw. Numa visita a Quixadá, teve de interromper o sermão em virtude de ataques dos adversários.

O Rev. Dick faleceu em Fortaleza no dia 21 de abril de 1892, no mesmo dia em que completou 31 anos, vitimado pela epidemia de varíola que também havia ceifado a vida da missionária Carrie Cunningham no ano anterior. A viúva do Rev. Dick retornou para a Escócia, pátria de ambos.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 363, 416.
- Ferreira, *História da IPB*, I:302, 365s, 453.
- *The Missionary* (Fevereiro 1892), 60-63; (Junho 1892), 213.
- James Fanstone. *Missionary Adventure in Brazil: The Amazing Story of the Anapolis Hospital*. Heathfield, Sussex, Inglaterra: Errey's Printers, 1972.

Rev. Dr. James Joseph Harrell

Missionário em Fortaleza

O Dr. Harrell era natural de Lumberton, na Carolina do Norte, onde nasceu em 3 de junho de 1857. Estudou medicina na Universidade da Carolina do Norte. Já era médico quando entrou para o Seminário Teológico Union, em 1887, tendo sido colega dos futuros Revs. William M. Thompson e George E. Henderlite. Foi ordenado pelo Presbitério de Orange em maio de 1890.

Chegou ao Nordeste brasileiro no início de 1891, acompanhado da esposa Maggie McIver, indo o casal estabelecer-se em Fortaleza. Todavia, não conseguiram adaptar-se ao clima e tiveram de retirar-se poucos meses depois. Harrell nem chegou a participar da reunião do Presbitério de Pernambuco em agosto daquele ano. Voltou a trabalhar no ministério em seu país, onde pastoreou muitas igrejas: Filadélfia e Robinson, no Presbitério de Mecklenburg (1891-1898); Igreja Memorial Williams, no mesmo presbitério (1899-1904); Westminster Retreat e Fair Play, na Carolina do Sul (1904-1908); Woodruff e Center Point, na Carolina do Sul (1908-1910); Bethesda, na Carolina do Sul (1910-1912); McColl, no Presbitério de Pee Dee (1912-1920); e Bessemer City e Long Creek, no Presbitério de Kings Mount. O Rev. Harrell faleceu no dia 28 de dezembro de 1925.

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 363s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:302.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Bear, *Mission to Brazil*, 224

Rev. David Gibson Armstrong

Missionário em Campinas e em Lavras

David G. Armstrong Jr. nasceu em Salem, Virgínia, em 3 de fevereiro de 1868. Formou-se no Colégio Roanoke, no mesmo estado, em 1885. Trabalhou como professor e engenheiro ferroviário, estudando a seguir no Seminário Teológico Union (Hampden-Sydney), onde se graduou em 1891. Foi licenciado pelo Presbitério de Montgomery no primeiro semestre e ordenado em setembro de 1891.

Chegou ao Brasil no mesmo ano, acompanhado de sua esposa, Harriette Taylor Armstrong, natural da Carolina do Sul, com a qual havia se casado em Charleston no dia 8 de julho. Trabalharam inicialmente em Campinas, por pouco tempo. Em novembro de 1892, em virtude da epidemia de febre amarela naquela cidade, os missionários transferiram-se para Lavras. Armstrong liderou o grupo de nove pessoas que seguiu para o sul de Minas: o casal Armstrong, as professoras Charlotte Kemper, Sallie H. Chambers e Eliza Moore Reed, e quatro estudantes, um dos quais o futuro Rev. José Ozias Gonçalves. Harriette, conhecida entre os brasileiros como Henriqueta, tornou-se diretora do internato das meninas trazidas de Campinas.

Numa viagem pelo interior de Minas, em companhia do colportor Francisco Augusto Deslandes, o Rev. Armstrong chegou à localidade de Pimenta, entre Formiga e Piumhi, e dispôs-se a fazer uma conferência. O sacerdote local instigou o povo, que apedrejou o missionário e interrompeu a reunião. Armstrong ficou bastante ferido e as autoridades o submeteram a exame de corpo de delito. Ainda assim conseguiu realizar uma conferência muito concorrida.

Depois do examiná-lo em suas convicções, o Presbitério do Rio de Janeiro arrolou-o por transferência do Presbitério de Montgomery em 13 de janeiro de 1894. Em virtude de problemas de saúde da esposa, o Rev. Armstrong retirou-se definitivamente logo após a terceira reunião do Sínodo, em 1894. Regressando aos Estados Unidos, deu continuidade ao seu trabalho pastoral. Em 1895, serviu por três meses a 1ª Igreja Presbiteriana Escocesa de Charleston, na Carolina do Sul. Pastoreou ainda as Igrejas Presbiterianas de Albany (1895-1897) e Inman Park, em Atlanta (1897-1901), ambas na Geórgia. Faleceu no dia 23 de agosto de 1901.

Harriette Armstrong voltou ao Brasil em 1907 com o propósito de continuar a obra que o seu companheiro havia interrompido por causa dela. Trabalhou com a Missão Leste em dois períodos, 1907-1925 e 1936-1947. Missionária de excepcional habilidade, foi organista,

regente de coros, professora de música e diretora de internatos, destacando-se por sua bondade e seu incansável zelo evangelístico e espiritual. Em 1913, ela e Ruth Bosworth See abriram uma escola paroquial na pequena cidade de Bom Sucesso, que em 1921 foi transferida para Campo Belo. Em 1925, quando Harriette teve de afastar-se por problemas de saúde, o seu nome foi dado à escola (Escola Evangélica Harriette Armstrong). Sua sucessora foi a missionária Susan Cockrell. Mais tarde a Missão Leste transferiu o “Colégio Armstrong” à IPB; a escola pertence ao Presbitério Oeste de Minas desde 2002. No final de suas carreiras, Harriette e Ruth, as duas companheiras inseparáveis, trabalharam em Formiga, inicialmente auxiliando o Rev. John Marion (Mário) Sydenstricker, tendo ambas se aposentado em 1947. Doente e enfraquecida, Harriette retornou aos Estados Unidos, onde faleceu em 1948.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 364, 462, 469, 629.
- Ferreira, *História da IPB*, I:487, 489.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Bear, *Mission to Brazil*, 23, 26, 106, 108, 119, 137.
- Gammon, *Assim Brilha a Luz*, 58, 66, 110.

Eliza Moore Reed

Missionária e educadora no Sul e no Nordeste

Eliza Reed era natural de Pleasant Hill, Estado de Missouri, onde nasceu em 1857. Por treze anos foi uma das principais professoras do Instituto Estadual para Surdos e Mudos, em Fulton, no seu estado. Foi nomeada missionária pelo Comitê de Missões da Igreja do Sul (PCUS) em 13 de julho de 1891, partindo para o Brasil em setembro. Trabalhou inicialmente no Colégio Internacional, em Campinas. No final do ano seguinte, acompanhou os quatro colegas e os quatro estudantes que se mudaram para Lavras em virtude da epidemia de febre amarela em Campinas. Os colegas eram o Rev. David G. Armstrong, sua esposa Harriette e as missionárias Charlotte Kemper e Sallie Chambers. A viagem foi feita de trem, durante cinco dias, sendo que os últimos seis quilômetros foram percorridos a cavalo, indo a bagagem em um carro de boi. Eliza e Sallie lecionaram na nova escola, cujas aulas começaram no dia 1º de fevereiro de 1893.

Em 1894, Eliza transferiu-se para a Missão do Norte do Brasil, com a qual iria trabalhar até 1926. Inicialmente, residiu em Recife, onde colaborou com a missionária Winona Evans numa escola que esta havia iniciado em 1894. No ano seguinte, quando Winona casou-se com um missionário inglês, Rev. Henry John McCall, Eliza ficou à frente da escola. No final de 1895, ela visitou Garanhuns, cidade em que o trabalho presbiteriano estava dando seus primeiros passos. Inicialmente, em 1894, trabalhara ali o Rev. McCall, que fora para Garanhuns buscando melhorias para a sua saúde. Pouco depois, ele foi substituído pelo Rev. George W. Butler, que já havia trabalhado em São Luís e Recife. Em novembro de 1895, Eliza esteve naquela cidade e testemunhou as tremendas perseguições movidas pelos

frades contra os protestantes. Ela enviou várias cartas sobre esses episódios ao periódico *The Missionary*. Em 1896, regressou aos Estados Unidos por razões de saúde.

Em janeiro de 1897, foi oficialmente instalado o Colégio Americano em Natal. Sua fundadora havia sido a Sra. Katherine Hall Porter, esposa do pastor local, Rev. William Calvin Porter, e a primeira professora foi a missionária Rebecca Morrisette. Quando esta se casou com um presbítero da Igreja de Natal, indo residir no interior, Eliza, que já havia retornado ao Brasil, assumiu a direção da escola, em agosto de 1899. Sob sua hábil liderança, o Colégio Americano tornou-se a melhor escola da cidade, tendo atraído alunos de muitas famílias ilustres. Apesar da forte oposição sofrida, prestou excelentes serviços por vários anos, encerrando as suas atividades em 1907.

Em 1904, o Comitê de Missões de Nashville resolveu abrir um colégio em Recife e para lá transferiu Eliza Reed. O Colégio Americano de Pernambuco foi fundado pela educadora no dia 1º de agosto daquele ano, iniciando suas atividades com dezoito alunos. Eliza convidou para ajudá-la na escola evangélica do Recife algumas ex-alunas que haviam se destacado no Colégio de Natal. Entre elas estava Cecília Rodrigues (1885-1968), que mais tarde casou-se com o Rev. Cícero Siqueira (1894-1963) e foi secretária nacional do trabalho feminino e grande educadora em Alto Jequitibá, leste de Minas. Os outros alunos iniciais foram Olga Nóbrega, Maria Carolina, Jacinto de Melo, Noemi Marinho, Otoniel Marinho, Helcias Marinho, Judite Andrade, Samuel Andrade, George Henderlite, Langdon Henderlite, Maria de Souza Leão, Angelita de Souza Leão, Diógenes de Souza Leão, Augusto Costa, Corina Carneiro, Leonilda Amaral e Agnes Cooper. Cecília Siqueira e Maurício Wanderley, outro discípulo de Eliza, escreveram poemas exaltando as qualidades da mestra.

Em 1905 Eliza anunciou com entusiasmo a abertura do segundo ano escolar, em 30 de janeiro, com 24 alunas, incluindo brasileiras, inglesas e holandesas. Havia alunas de famílias católicas e evangélicas: presbiterianas, episcopais, batistas e congregacionais. Uma epidemia de varíola causou sérias apreensões em 1906. Eliza dizia que Sidônia de Carvalho e Cecília Rodrigues eram excelentes auxiliares e que tudo se encaminhava para melhor. Além dos cultos devocionais cada manhã, estudavam com empenho as lições bíblicas internacionais através de “The Earnest Worker”. A mestra ensinava as lições às alunas-mestras brasileiras e deliciava-se em ver como liam e traduziam bem o inglês.

Quando enferma, Eliza teve que seguir para os Estados Unidos, e a escola ficou nas mãos das moças brasileiras. Em 1906 chegou a missionária Margaret Moore Douglas, que mais tarde assumiu a direção. Discutiu-se na Missão, em 1911, se não seria o caso de fundir o colégio de Recife com o de Garanhuns, visto que a idade de Miss Reed não lhe permitia continuar ali. Foi então que Margaret Douglas se dispôs a assumir a direção, cargo que ocuparia até 1940, consolidando aquela instituição. Com o passar dos anos, o trabalho educacional de Eliza Reed tornou-se afamado em Recife e eventualmente seu nome foi dado à escola: Colégio Americano Eliza M. Reed. Anos depois, quando se adquiriu uma sede própria para a escola (1920), um novo nome foi dado à instituição em memória da sogra do benemérito norte-americano – Colégio Evangélico Agnes Erskine –, nome esse que se mantém até hoje. Das muitas jovens formadas na escola, algumas se tornaram

esposas de pastores, outras trabalharam como professoras em diversos lugares do Nordeste ou se destacaram em diferentes atividades.

Em 1913, Eliza seguiu para os Estados Unidos em gozo de férias prolongadas. Quando retornou a Pernambuco, em 1916, foi residir em Garanhuns, dedicando-se ao ensino e à produção de literatura. Lecionava em duas escolas dominicais, uma pela manhã e outra à tarde, e escreveu lições de escola dominical para crianças e adolescentes. Colaborou com o Rev. George Henderlite na educação dos futuros pastores, tanto em Garanhuns quanto depois em Recife. Outra importante contribuição dessa missionária foi a organização e o desenvolvimento do trabalho feminino no Presbitério de Pernambuco. Para tanto, promoveu encontros em diversas igrejas, bem como escreveu, traduziu ou adaptou numerosos panfletos referentes a esse trabalho e os distribuiu entre as sociedades auxiliaadoras. Eliza M. Reed faleceu repentinamente no dia 12 de maio de 1926, em Recife, após mais de trinta anos de serviços no Brasil.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 439.
- Ferreira, *História da IPB*, I:465s, 489, 550, 553; II:106-108, 137, 250s, 274, 362.
- Clara Gammon, *Assim Brilha a Luz*.
- Ximenes, “O Missionário de Cabelos Brancos”.
- *Colégio Evangélico Agnes Erskine – Cinqüentenário* (Recife, 1954). Arquivo Presbiteriano.
- Bear, *Mission to Brazil*, 23, 26, 50s, 71s.
- Siqueira, *Embaixador e Forasteiro*, 89-100.

Rev. Alexander Henry

Missionário em Nova Friburgo e Lavras

Alexander Henry nasceu no dia 8 de abril de 1865. Graduou-se na Universidade Cristã, no Kansas, em 1885. Em seguida, estudou teologia no Seminário Teológico Union, na Virgínia, e no Seminário Presbiteriano de Chicago (McCormick). Foi ordenado em 1890 pelo Presbitério de West Lexington e casou-se no dia 8 de outubro do mesmo ano com Wilhelmina Berryman. Exerceu o ministério em Roslyn e Chalum, Washington (1889); Midway, Kentucky (1890-1891), e Franklin, Kentucky (1891). Trabalhou como missionário nacional em Beattyville, Kentucky, de 1891 a 1893.

O missionário chegou ao Brasil com a esposa em julho de 1893. Começou em Nova Friburgo e depois trabalhou em Lavras e em São João Del Rei, em companhia do casal Grillbortzer, regressando ao seu país em 1895. Permaneceu pouco tempo no Brasil, não havendo nas fontes praticamente nenhuma informação sobre o seu trabalho.

Após retornar aos Estados Unidos, o Rev. Henry pastoreou as Igrejas de Crittenden e Lebanon, Kentucky (1895-1897). Foi destituído do ministério a seu pedido por volta de 1898. Do primeiro casamento, teve quatro filhos: Catherine Clifton, Frank Berryman,

Emma Yeaman e Robert Alexander. Contraiu segundas núpcias com Betty H. Ratcliffe em 6 de junho de 1913 e veio a falecer com quase 87 anos no dia 29 de fevereiro de 1952.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 439, 493.
- Bear, *Mission to Brazil*, 126, 222.
- *Ministerial Directory, PCUS (1861-1967)*, 241.
- *General Catalogue, Presbyterian Theological Seminary, Chicago* (Chicago, 1939).

Rev. George Adam Grillbortzer

Missionário no sul de Minas Gerais

George A. Grillbortzer era natural de Alexandria, na Virgínia, onde nasceu no dia 4 de dezembro de 1859. Mais tarde seu sobrenome foi mudado para Grille. Era filho de John Adam Grillbortzer e Dorothy Roth. George foi escriturário, repórter, inspetor de telefones e secretário da Associação Cristã de Moços. Estudou na Universidade Presbiteriana do Sudoeste, em Clarksville, Tennessee, onde se formou em 1890. A seguir, ingressou no Seminário Teológico Union, na Virgínia, graduando-se em 1893. Foi licenciado no dia 6 de maio de 1892 pelo Presbitério de Cherokee e ordenado em 14 de abril de 1893 pelo Presbitério de East Hanover. No dia 16 de maio, casou-se com Hannah Frances Moran no Condado de Loudoun, na Virgínia.

O Rev. Grillbortzer chegou ao Brasil com a esposa em 1893. Trabalhou em Lavras e São João Del Rei. O casal regressou aos Estados Unidos em 1896 devido a problemas de saúde. São escassas as informações sobre o seu trabalho no Brasil.

Em seu país, o Rev. Grillbortzer pastoreou um grande número de igrejas, a saber: Springfield e Patterson's Creek, no Presbitério de Winchester (1895-1902), Indianola, Mississippi (1902-1903), Bealeton e Lichtfield, na Virgínia (1903-1904), Leesville (1904-1905), Iuka, em Mississippi (1905-1906), Jackson, em Louisiana (1906-1910), Valley Creek e Centre Ridge, no Presbitério de Tusca (1911-1912), Roanoke, no Alabama (1912-1913), Madison, no Alabama (1913-1919), Dawson e Pleasant Hill, no Presbitério de Macon (1919-1923). Devido a problemas de saúde, passou a residir em Washington, Distrito de Colúmbia, em 1924, aposentando-se em 1934. Faleceu nessa cidade no dia 29 de setembro de 1945.

Com a primeira esposa, falecida em 7 de novembro de 1907, o Rev. Grillbortzer teve cinco filhos: George Jr., Clinton, Lucy, David e John. Em 17 de setembro de 1913, casou-se em segundas núpcias com Helen Annie Kingsbery, em Quitman, Geórgia. Casou-se pela terceira vez em 15 de novembro de 1922, em Georgetown, Carolina do Sul, com Annie Manigault Lucas.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 439, 520.

- Bear, *Mission to Brazil*, 222.
- *Ministerial Directory, PCUS (1861-1950)*, 263.

Rev. George Edward Henderlite

Missionário na Paraíba e em Pernambuco, pioneiro do Seminário do Norte

George E. Henderlite nasceu em Marion, Condado de Smyth, Virgínia, no dia 1º de junho de 1863. Era filho de George W. Henderlite e Rachel A. Killinger. Dos cinco filhos do casal, quatro foram ministros presbiterianos e a filha casou-se com um pastor luterano. Na adolescência, George freqüentou a escola de Marion, passando as férias no campo a pescar, caçar ou trabalhar em uma fazenda. Com a morte do pai em 1882, o jovem passou a encarar a vida com maior seriedade. Nos anos seguintes trabalhou em uma farmácia e depois em um batalhão de engenharia. Nesse meio de tempo, converteu-se em um avivamento metodista e filiou-se à igreja presbiteriana. Em 1884 ingressou no King College, em Bristol, Tennessee, onde varria o chão e acendia lareiras para pagar os estudos. Foi colega de estudos de outros dois futuros missionários no Brasil: Samuel R. Gammon e Edmund A. Tilly (metodista).

Após bacharelar-se no colégio em 1887, ingressou no Seminário Teológico Union, vindo a graduar-se em 1890. Passou aquele verão nas montanhas da Carolina do Norte, em companhia da família do Rev. John Rockwell Smith, o que solidificou a convicção de que estava sendo chamado para o trabalho missionário no exterior. Foi licenciado pelo Presbitério de Abingdon em 1890 e ordenado pelo Presbitério de Winchester em 1º de maio de 1891, trabalhando na Igreja de Woodstock, no seu estado natal, por três alegres anos (1890-1893). Foi nomeado missionário em 3 de março de 1893 e em 1º de junho casou-se com Mattie Robins Moseley, natural de Buckingham, na Virgínia, filha do presbítero Langdon C. Moseley. Mais tarde George escreveu: “O Senhor me deu por esposa uma mulher muito piedosa e abnegada”. Seguindo para Nova York, o casal partiu para o Brasil em 1º de agosto, chegando no mesmo mês. Henderlite foi recebido pelo Presbitério de Pernambuco em julho de 1894, por transferência do Presbitério de Winchester.

Depois de estudar português em Recife, mudou-se para a capital da Paraíba em 14 de outubro de 1894, onde substituiu o Rev. Belmiro de Araújo César, que foi transferido para São Luís do Maranhão. Trabalhou não somente em João Pessoa, mas no interior do estado. Nesse período, uma das pessoas por ele beneficiadas foi a jovem Cecília Rodrigues (1886-1968), da cidadezinha de Lucena, a quem encaminhou nos estudos. Ela e seus pais foram recebidos por profissão de fé e batismo em 1897. Depois de estudar em Garanhuns e Natal e lecionar em Recife e Garanhuns, Cecília veio a casar-se com o Rev. Cícero Siqueira e foi uma notável líder do trabalho feminino no Brasil. Na Paraíba, Henderlite começou a exercer a sua outra vocação, iniciando a instrução dos futuros pastores Manoel Francisco do Nascimento Machado, Martinho de Oliveira e Manoel Alfredo Guimarães.

No dia 3 de fevereiro de 1896, Henderlite acompanhou o Rev. William Calvin Porter na organização da Igreja Presbiteriana de Natal. Naquele ano, a Igreja de João Pessoa,

organizada pelo Rev. John R. Smith em 1884, tinha sessenta e quatro membros comungantes e já havia passado por várias sedes. No pastorado de Henderlite, foi comprado o antigo teatro Santa Cruz, onde se reuniu o Presbitério de Pernambuco em 1897. Demolido o teatro em 1899, no mesmo local se construiu o templo, que foi consagrado na noite de 17 de junho de 1900, por ocasião de nova reunião do presbitério. Achavam-se presentes mais de 600 pessoas e ocupou o púlpito o Rev. Martinho de Oliveira. Havia pequenos núcleos de crentes em Lucena, Mandarau, Cachetu, Engenho do Tabu, Santa Rita, Usina São João, Barra de Santa Rosa, Souza e Pombal, alguns deles dirigidos por evangelistas. No final da estadia de Henderlite, foram colaborar naquele campo, por pouco tempo, os Revs. Manoel Machado e João Francisco da Cruz. O primeiro aderiu ao movimento independente e o segundo, depois de breves pastorados, passou à carreira jurídica. Henderlite trabalhou na Paraíba até 1901.

Voltando a Pernambuco, foi o continuador do trabalho do Rev. John R. Smith no preparo de jovens para o ministério. Indo para Garanhuns, colaborou com o Rev. Martinho de Oliveira, o fundador do Seminário do Norte, por quem nutria grande admiração, sucedendo-o após a sua morte em 1903. Assumiu o pastorado da Igreja de Garanhuns e a direção da incipiente escola teológica, da qual por muito tempo foi o sustentáculo. Teólogo, exegeta, mestre das Escrituras, Henderlite educou gerações de ministros. Houve época em que todos os obreiros do norte eram seus ex-alunos. Entre seus primeiros discípulos estiveram Antônio Almeida, João Marques da Mota Sobrinho, Antônio Gueiros e Alfredo Ferreira. O missionário alugou uma casa para a sua família, onde, auxiliado pela esposa, hospedava os poucos alunos como internos. Ele e os estudantes visitavam os muitos pontos de pregação no interior, o que dava aos jovens experiência na prática da pregação.

Henderlite informou em 1905 que os estudantes faziam o melhor curso possível dentro das circunstâncias. Todos tinham de dominar os *Esboços de Teologia*, de Archibald Alexander Hodge, e conheciam quase de cor o livrinho *O Evangelho Ensinado por Calvino* (“The Gospel as Taught by Calvin”), do Rev. R. C. Reed (1851-1925), professor do Seminário Teológico de Columbia. Tomando “Esboços de História da Igreja” como síntese e orientação, completaram todo o curso que lhes foi imposto. Fizeram análise de metade dos livros da Bíblia, reunindo o melhor material de comentários em inglês. Um desdobramento da escola de Henderlite foi o Colégio 15 de Novembro, um curso anexo fundado por ele com a colaboração da sua esposa Mattie, do Rev. Jerônimo Gueiros, Cecília Rodrigues e Soriano Furtado. As aulas tiveram início nos primeiros dias de abril de 1908. Com esse corpo docente caminhavam simultânea e paralelamente os cursos de humanidades e teologia.

De 1908 a 1911, colaborou com Henderlite na obra educativa em Garanhuns um ex-aluno, o Rev. Jerônimo Gueiros e, a partir de 1910, o Rev. William M. Thompson. Nesse período, depois de muitas discussões, o seminário foi encampado pelo Presbitério de Pernambuco, que elegeu uma diretoria para o mesmo em 1911. No primeiro semestre de 1912, Henderlite esteve em Campinas como professor substituto, lecionando Exegese do Novo Testamento. No correr dos anos, outros alunos seus no Nordeste foram Benjamim Marinho, José Martins, Natanael Cortez, Cícero Siqueira e Antônio Teixeira Gueiros. Thompson dava

noções de física, química e ciências; Cecília ensinava português, Eliza Reed ensinava inglês e Henderlite ministrava todas as matérias teológicas. Durante todo esse tempo, o seminário também recebeu incentivo e inspiração da parte do Rev. Dr. George Butler, que faleceu em 1919.

O seminário funcionou em Garanhuns até 1920, quando foi transferido para Recife. Foi uma ocasião triste para Garanhuns, para a igreja e para o Colégio 15 de Novembro o dia em que o casal Henderlite deixou a Antioquia Pernambucana. O Dr. Henderlite e seu ex-aluno, Rev. Antônio Almeida, providenciaram a transferência para a capital, onde seria possível formar um corpo docente mais numeroso e mais eficiente. O Rev. Almeida foi enviado a Richmond, Virgínia, para fazer um curso de especialização no Seminário Teológico Union, estudando especialmente hebraico, matéria que ensinou no seminário até 1947. Em 1921, a instituição passou a denominar-se Seminário Evangélico do Norte, por ter a cooperação dos congregacionais. Em 1924, foi oficialmente reconhecido pela Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, reunida em Recife.

Após trinta anos no Brasil, o Rev. Henderlite aposentou-se em setembro de 1923, regressando ao seu país. Trabalhou por um ano como missionário nacional em Comanche, no Texas. Encerrou o seu ministério pastoreando as Igrejas de Jamestown, Davis Memorial e Appomattox, no Presbitério de West Hanover, na Virgínia. Deixando o ministério ativo em 1931, fixou residência em Farmville, onde faleceu no dia 11 de fevereiro de 1946 e a sua esposa em 1948. Publicou comentários sobre Romanos, Gálatas, Efésios, Filipenses, 1 João e Apocalipse, bem como folhetos sobre o modo do batismo, o batismo de crianças e outros temas, todos os quais utilizava em suas aulas. Gostava de tirar a sua teologia da própria Bíblia. Era pré-milenista e formou discípulos. Uma de suas obras nessa área foi *O Premilenismo ensinado no Evangelho segundo Mateus*. Recebeu de sua alma mater, o King College, o título de Doutor em Divindade (D.D.). O casal Henderlite teve três filhos e duas filhas: George Edward Jr. (que morreu jovem), Robert Edward, Langdon Moseley, Rachel K. Wilson e Martha E. Plunkett.

Em 1931, veio trabalhar em Pernambuco o seu filho Langdon Moseley Henderlite. Langdon nasceu em 4 de junho de 1898 em Marion, na Virgínia. Bacharelou-se no King College em 1920 e no Seminário Evangélico do Norte em 1923. Também estudou no Seminário Union, na Virgínia, em 1924. Foi licenciado em 17 de abril e ordenado em 24 de setembro de 1924 pelo Presbitério de Winchester. Casou-se em 17 de junho de 1924 com Courtney Edmond Frischkorn (falecida em 1951), com a qual teve três filhos. Pastoreou igrejas em Gorman, na Virgínia Ocidental, Blaine e Baynard (1924-1926); Ocean View, Norfolk, na Virgínia (1926-1931). Recebeu o Doutorado em Divindade do King College em 1942. Fez parte da mesa instaladora da Missão Presbiteriana da Amazônia, em 1950. No dia 15 de junho de 1953, casou-se em segundas núpcias, em Recife, com a missionária Mary Virginia Smith, que chegou ao Brasil em 1948 e serviu até 1983. O Rev. Langdon faleceu no dia 11 de janeiro de 1970.

Bibliografia:

- Lessa, Annaes, 439, 466s.

- Ferreira, *História da IPB*, I:421, 446-48, 460-62, 559; II:99s, 108-111, 115, 188s, 274, 362, 410, 429.
- “Record of Missionaries of the Presbyterian Church in the United States (Southern)”, Presbyterian Historical Society (Montreat, Carolina do Norte), 224.
- George E. Henderlite. *O Premilenismo Ensinado no Evangelho Segundo Mateus*. 2ª ed. corrigida. Recife, 1921.
- George E. Henderlite. *Notas sobre as Epístolas de São Paulo aos Romanos e aos Gálatas*. Recife: North Brazil Presbyterian Mission, 1954.
- “Death of Rev. George E. Henderlite, D.D.”, *Christian Observer* (Louisville, Kentucky, 27-02-1946), 11.
- “Rev. Dr. George E. Henderlite”, *O Puritano* (25-05-1946), 5, 7.
- “Rev. George Edward Henderlite”, *Minutes of the West Hanover Presbytery* (15-10-1946), 15.
- Bear, *Mission to Brazil*, 63, 224.
- *Ministerial Directory, PCUS (1861-1967)*, 239.
- “Rev. Langdon Henderlite”, *Brasil Presbiteriano* (Junho 1970), 6.
- Siqueira, *Embaixador e Forasteiro*, 83-88.

Rev. Carlyle Ramsey Womeldorf

Missionário no Maranhão e no Pará

Carlyle Womeldorf nasceu no dia 11 de agosto de 1864 perto de Timber Ridge, nas cercanias de Lexington, Condado de Rockbridge, no vale da Virgínia. Algumas fontes lhe dão erroneamente outros prenomes, como “Charles” e “Calvin”. Era um dos doze filhos de William Tolbert Womeldorf e Catherine H. Shaner, ambos de ascendência germânica. O pai era um fazendeiro e homem de negócios descrente (faleceu em 1894), mas a mãe caracterizava-se pela sua piedade. Dos sete aos dezesseis anos, Carlyle fez os seus estudos primários e secundários em escolas públicas, mas dos dezessete aos vinte e três anos trabalhou na fazenda com o pai. A seguir, estudou por um ano em uma escola clássica da sua cidade, na Universidade Washington e Lee (1888-1891) e no Seminário Teológico Union, em Hampden-Sydney, onde se graduou em 1894. Sentiu o desejo de ser missionário bem cedo na vida, muito antes de tornar-se um cristão professo. Foi aceito pelo Comitê de Missões em 12 de março de 1894 e ordenado pelo Presbitério de Lexington em 14 de maio. No dia seguinte casou-se com Ada Florence Kennon, em Lexington. Trabalhou por breve tempo como missionário do seu presbitério em Alpena, Horton, Job e Harman, nas montanhas da Virgínia Ocidental.

Foi nomeado missionário pelo Comitê de Missões de Nashville em 12 de março de 1894 e partiu para o Brasil em 13 de junho de 1895. Chegou no mês seguinte, em companhia da esposa, e residiu no Maranhão até março de 1903. Naquele estado já se encontravam dois obreiros presbiterianos, William M. Thompson e Belmiro de Araújo César. O Rev. Thompson havia chegado a São Luís em 1890 para substituir o pioneiro George Butler, que iria para Recife. Após a chegada do casal Womeldorf, Thompson concentrou os seus esforços na cidade de Caxias e outros pontos do interior. O Rev. Belmiro César havia se

transferido para a capital maranhense em dezembro de 1893, a fim de pastorear a igreja local.

Em outubro de 1895, Womeldorf escrevia de São Luís contando das boas impressões tidas com a recepção cordial dos crentes maranhenses, bem como da reunião do Presbitério de Pernambuco, ali realizada logo depois de sua chegada. O novo missionário fez viagens pelo interior do estado e abriu trabalhos em São Bento e Anil. Em certa ocasião, fez uma excursão missionária ao Ceará, indo por Camocim até Sobral e Ipu. Visitou também a cidade de Teresina, capital do Piauí. Nesse período, dedicou-se a atividades literárias, produzindo folhetos, um hinário de 32 páginas e artigos para periódicos. Seus pensamentos, porém, estavam voltados para Belém e o Vale do Amazonas. Em 1900, ao seguir de férias para os Estados Unidos, apresentou os seus planos ao Comitê de Missões de Nashville.

Womeldorf havia sido designado para residir no Pará em 1896. Chegou mesmo a visitar Belém e a realizar os primeiros atos pastorais, mas a sua transferência só se efetivou alguns anos depois. Em 1901, regressando ao Brasil, foi convidado pela pequena congregação daquela cidade para uma visita. Os integrantes da congregação eram em sua maioria presbiterianos que haviam vindo do Rio de Janeiro e de vários estados do Nordeste. Liderava o pequeno grupo o Sr. Pedro Araújo Costa, que escreveu ao então Presbitério de Pernambuco solicitando assistência pastoral para o pequeno mas próspero núcleo de crentes. O missionário foi até lá e batizou doze pessoas. No ano seguinte, foi duas vezes a Belém e recebeu outros 24 membros. Também seguiu para Manaus, onde havia um pequeno grupo de 22 crentes. Através da sua visita, outros 22 foram acrescentados à comunidade.

De março de 1903 até abril de 1905, Womeldorf residiu na capital do Pará, cuja igreja foi organizada por ele e o Rev. William Thompson no dia 9 de novembro de 1904, com setenta e três membros adultos e trinta crianças. Womeldorf foi empossado no pastorado e houve a eleição e ordenação de dois presbíteros e dois diáconos. A comissão de organização nomeada pelo Presbitério de Pernambuco era composta pelos Revs. William Thompson e Belmiro César, mas aparentemente este último não pôde comparecer. Nos seus últimos relatórios, Womeldorf não escondia as dificuldades com que se deparava. A enfermidade da esposa, os rigores do clima, a epidemia de varíola, a penetração do movimento independente, a impossibilidade de encontrar obreiros nacionais para ajudá-los, tudo conspirava contra a nova igreja. O seu filho mais velho sugeriu que, devido ao clima, para cada ano passado em Belém, eles deviam passar cinco nos Estados Unidos. Womeldorf acrescentou, todavia, que os crentes eram espirituais, tinham ânsia de aprender e não se poupavam na evangelização.

Devido aos problemas de saúde da esposa, o Rev. Womeldorf retirou-se do Brasil em 1905, depois de dez anos na Amazônia, passando a residir novamente em Lexington, Virgínia. Nos anos seguintes, a Igreja de Belém ficou sob os cuidados dos Revs. William Thompson, Langdon Henderlite e João Marques da Mota Sobrinho. Womeldorf gostaria de ter voltado ao Brasil segundo o seu desejo expresso, mas o Comitê de Missões não permitiu que o fizesse por razões de saúde. Patrocinado pelos comitês de missões nacionais e estrangeiras,

pastoreou por muitos anos uma igreja mexicana em El Paso, no Texas (1907-1920). A seguir, fundou uma igreja para mexicanos em Houston, no mesmo estado (1921-1928). Aposentando-se, retornou à sua cidade, residindo inicialmente na antiga propriedade da família perto de Timber Ridge e depois nos arredores de Lexington, onde faleceu aos 91 anos no dia 6 de dezembro de 1955. Foi sepultado no Cemitério Stonewall Jackson. O casal Womeldorf teve cinco filhos homens, Eugene, Leslie, Archie, Carlyle e Garland, sendo que os três primeiros nasceram no Brasil. Archie ou Airlie morreu no Brasil.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 485.
- Ferreira, *História da IPB*, I:304, 453-56; II:104s.
- “Record of Missionaries of the Presbyterian Church in the United States (Southern)”, Presbyterian Historical Society (Montreat, Carolina do Norte), 245.
- C. R. Womeldorf, “A Good Year at Pará”, *The Missionary* (Abril 1905), 167.
- W. M. Thompson, “Pará”, *The Missionary* (Abril 1905), 164.
- *Norte Evangélico* (11-08-1928), 16-17.
- *Ministerial Directory, PCUS (1861-1950)*, 750.
- “Rev. Carlyle R. Womeldorf”, *Christian Observer* (28-03-1956), 22.
- “Memorial to Rev. Carlyle Ramsey Womeldorf”, *Minutes of the Lexington Presbytery* (24-05-1956), 15.
- Bear, *Mission to Brazil*, 47, 49s, 54, 224.
- Salomão Azulay. *Igreja Presbiteriana de Belém: Lembrança dos seus 90 anos*. Belém, 1994.

Rev. Charles Read Morton

Missionário no Triângulo Mineiro e em Casa Branca

Charles Morton nasceu no dia 20 de maio de 1865 em Compostella, Condado de Charlotte, na Virgínia. Estudou no Instituto Militar da Virgínia, em Lexington, e no Seminário Teológico Union, anexo ao Colégio Hampden-Sydney, no mesmo estado, onde se formou em 1894, tendo sido colega do Rev. Carlyle R. Womeldorf. Foi ordenado pelo Presbitério de Roanoke em junho de 1894. Chegou ao Brasil em agosto de 1895, acompanhado da jovem esposa de vinte e um anos, Mary Thompson Morton. Trabalharam inicialmente em Lavras. Em dezembro de 1895, foram para Araguari, campo que havia sido pastoreado pelo Rev. Frank Cowan, falecido em 1894. Naquela cidade havia uma escola dirigida pela viúva desse missionário, Kate Bias Cowan, que depois foi para Santa Luzia de Goiás (atual Luziânia).

Morton viajou extensamente pelo Triângulo Mineiro, recebendo muitas pessoas por profissão de fé em diversos lugares. Reviveu a tradição evangelística itinerante do pioneiro John Boyle e foi o primeiro a pregar em Patos de Minas, Carmo do Paranaíba, Arapuá e Rio Paranaíba, além de diversos pontos em Goiás. Numa de suas pregações no Córrego da Onça, perto de Bagagem (Estrela do Sul), ficou conhecendo um homem chamado Davi de Melo, que vinha lendo a Bíblia e fora evangelizado por um paroquiano do Rev. Boyle. Morton foi até a casa de Davi, passou três dias lendo e explicando as Escrituras, e recebeu à

comunhão da igreja o hospedeiro, sua esposa Maria Isabel e as três filhas do casal, na presença dos vizinhos convidados para a ocasião. Davi enfrentou muitas dificuldades em virtude da resistência dos pais, as quais contribuíram para influenciar o seu irmão recém-casado, Manoel de Melo, que também vinha lendo a Bíblia e veio a se converter, tendo se estabelecido em uma propriedade rural perto de Monte Carmelo. O casal foi recebido por profissão de fé pelo Rev. Morton no dia 15 de julho de 1898 e Manoel veio a ser um esteio do evangelho naquela região.

Mais tarde, os outros cinco irmãos Melo também se converteram com as suas famílias, contribuindo para o surgimento de igrejas presbiterianas em Douradoquara, Água Limpa, Monte Carmelo, Abadia dos Dourados e Perdizes. Maria de Melo Chaves, a filha mais velha de Manoel de Melo, conta essa história inspiradora no livro *Bandeirantes da Fé*, publicado em 1947. Seu irmão Zaqueu de Melo, nascido em 1914 em Monte Carmelo, foi pastor presbiteriano, deputado estadual e professor por muitos anos na cidade de Londrina, Paraná, onde fundou em 1945 o Instituto Filadélfia, atual Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL), ligado à Igreja Presbiteriana de Londrina.

Com a saúde abalada, a esposa de Morton foi para Fredericksburg, na Virgínia, em 1898, falecendo poucos dias depois de chegar e deixando uma filhinha. Após a morte da esposa, Morton passou um ano em Richmond, fazendo estudos de pós-graduação no Seminário Union, e regressou ao Brasil. Em 1900, casou-se em segundas núpcias com Lucy Hall, filha de um casal de imigrantes norte-americanos residentes em Vila Americana. Lucy nasceu no Brasil e estudou com os missionários em Campinas e em Lavras. Quatro de suas irmãs também se casaram com missionários e uma prima, Katherine, foi esposa do Rev. William Calvin Porter. O casal Morton teve uma filha, Elizabeth Margaret Morton, e um filho que nasceu em 19 de junho de 1903, após a morte do pai, e recebeu o seu nome.

De Araguari, Morton transferiu-se para Casa Branca, Estado de São Paulo, em 1901. Acometido pela febre amarela, faleceu em um hospital de isolamento no dia 5 de abril de 1903. Foi o último dos missionários vitimados por essa enfermidade, tendo sido precedido por George W. Thompson, John W. Dabney, Edward Lane e Edgar M. Pinkerton. Morton era sustentado pela Igreja Presbiteriana de Durham, na Carolina do Norte, como seu pastor missionário. Lucy Morton trabalhou ainda muitos anos com a Missão Oeste, em Araguari, Barretos e outros lugares (1903-1908, 1924-1930). Em 25 de setembro de 1907, a *Revista das Missões Nacionais* noticiou que Lucy havia doado à Igreja de Araguari um harmônio que ela mesma tocava nos cultos.

Segundo alguns autores, a morte do missionário foi cercada de um certo mistério. Quando Morton foi acometido pela febre amarela, o delegado de polícia, inimigo dos evangélicos, determinou a sua remoção para a Santa Casa, onde ele faleceu logo depois. O Rev. James R. Woodson informou que, muitos anos após o falecimento de Morton, correu a notícia de que um preto velho confessou ter-lhe dado um remédio com veneno, por orientação de terceiros.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 485, 644s, 653, 660s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:506-508; II:34, 366.
- Charlotte Kemper, “Rev. C. R. Morton”, *The Missionary* (Junho 1903), 256s.
- *A General Catalogue of Union Theological Seminary in Virginia, 1807-1924*.
- Chaves, *Bandeirantes da Fé*, 27-31, 61-65, 69s, 187. Ver Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 254-258.
- Bear, *Mission to Brazil*, 27s.
- Silva e Silva, *Igreja Presbiteriana de Araguari*, 52-55.
- Ferreira, *Pequena História da Missão Oeste*, 40s.

Rev. Dr. Horace Selden Allyn

Missionário e médico no sul de Minas

Horace S. Allyn nasceu no dia 4 de março de 1859 em Nankin, Condado de Wayne, perto de Detroit, no Estado de Michigan. Formou-se em medicina na Universidade de Michigan, em Ann Arbor, em 1881. Iniciando a sua carreira médica, residiu em várias localidades do Estado da Flórida. Casou-se em 1890, em segundas núpcias, com Emma Rebecca Carter, da Geórgia, fixando sua residência e clínica em Gainesville, naquele estado. Sentindo a vocação missionária, ingressou no Seminário Teológico de Colúmbia, onde se graduou em 1893. Após a sua ordenação, pastoreou a Igreja de Harmony Grove, onde permaneceu até o início de 1896.

O casal chegou ao Brasil em janeiro de 1896, indo residir por alguns meses em Araguari, onde Allyn, como médico, deu assistência a um missionário enfermo, possivelmente o Rev. Charles Morton. Nessa cidade, viu-se obrigado a exercer a medicina em virtude das necessidades com que se deparou. Dali seguiu para São João Del Rei, sendo o primeiro obreiro presbiteriano a trabalhar nessa cidade, onde viveu por cinco anos. Participou da reunião do Sínodo Presbiteriano em 1897, na qual foi um dentre apenas cinco missionários americanos que assinaram a “Moção Smith”, acerca da prioridade da evangelização sobre a educação. Embora se sentisse chamado para o trabalho propriamente evangelístico como pregador, novamente viu-se obrigado a exercer a medicina em vista da ausência de recursos médicos. Em 1902, participou ao lado dos Revs. Álvaro Reis, José Ozias Gonçalves e Alva Hardie da organização das Igrejas de São João Nepomuceno (05-11) e São João Del Rei (07-11).

Além de pastor e médico, Allyn era também impressor, tendo muita prática nesse ramo de atividade. Foi ele o fundador, em São João Del Rei, da primeira agência publicadora da igreja, a Casa Editora Presbiteriana, encaminhando a publicação de muitas obras úteis. Foi editor do periódico *Púlpito Evangélico*, da “Southern Brazil Mission”, transformado em *O Presbiteriano* em 1901 e publicado mensalmente pela Comissão Sinodal de Publicações. No ano seguinte, Allyn transferiu a sua editora para o Rio de Janeiro e continuou a publicar *O Presbiteriano*. Em 1903, ainda no Rio, trabalhou como redator das Lições Internacionais para a Escola Dominical. Nessa ocasião, contraiu a febre amarela, correndo sério risco de

vida. Visando servir melhor as populações carentes, em seu primeiro período de férias, em 1904, fez um curso de especialização no Atlanta Medical College.

Em 1905, atendendo a um pedido do Rev. Samuel R. Gammon, Allyn passou a residir em Lavras, onde ele e sua esposa assumiram a direção de um dos internatos de moços do Instituto Evangélico, hoje Instituto Gammon, do qual foi um dos professores, lecionando ciências físicas e naturais. Continuou a publicar *O Presbiteriano*. Nessa altura do seu ministério, resolveu dedicar-se inteiramente à obra de evangelização, como pregador e médico. Foi-lhe então confiado o campo missionário de São João Del Rei, onde exercera o seu primeiro pastorado no Brasil.

Mal compreendido em sua vocação cristã de missionário e médico, pois não cobrava aos pobres por seus serviços, alguns médicos de Lavras tentaram impedir-lhe o exercício da profissão, sob a alegação de que era diplomado por escolas estrangeiras e não estava ainda licenciado por uma escola nacional. Em 1907, Allyn seguiu para o Rio de Janeiro, onde se submeteu a exames perante uma comissão oficial de catedráticos de medicina, em companhia de cinco colegas estrangeiros, sendo o único a ser aprovado. Voltando a Lavras, foi alvo de uma entusiástica manifestação popular. Allyn tornou-se um médico afamado e estimado por todos, sendo o seu duplo ministério realizado com extraordinária dedicação e sempre lembrado com profundo reconhecimento. Foi diretor da Santa Casa de Lavras. Dona Emma era uma parteira experiente e uma excelente auxiliar do marido na sua clínica.

O Dr. Allyn foi o primeiro moderador do Presbitério Sul de Minas, tendo sido eleito na reunião em que se organizou aquele concílio, no dia 12 de março de 1910. Em 1916, em Valença, seria eleito moderador da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil. Foi ainda membro da diretoria do Seminário Presbiteriano. Como pregador do evangelho, visitou várias localidades e sofreu perseguições, uma das quais quase lhe tirou a vida. O trabalho em Bom Sucesso, onde o casal Allyn ajudou a missionária Ruth See, experimentou forte oposição em 1918. Uma bomba explodiu na casa da escola, felizmente numa hora em que não estavam presentes alunos nem professores.

Nos anos de 1919 e 1920, o Rev. Allyn visitou várias localidades no Rio Grande do Norte e Pernambuco, pregando o evangelho. Regressando ao sul em fins de 1920, escolheu Varginha para ser o centro de suas atividades missionárias, dando início ao trabalho presbiteriano naquela cidade. A Igreja de Varginha seria organizada pelos Revs. Augustus Lee Davis e Frank Fisher Baker em 3 de novembro de 1929. Em 1921, com o assentimento da Missão Leste e em atenção a insistentes pedidos de famílias locais, o Dr. Allyn fundou a Escola Evangélica Americana, mais tarde denominada Escola Evangélica Allyn. O casal teve a colaboração da Sra. Scintilla Exel Pitta, filha do segundo casamento de D. Palmira Rodrigues e esposa de José Pitta, irmão do Rev. Paschoal Luiz Pitta. Posteriormente chegaram para auxiliá-los as educadoras Edith Foster e Alice Genevieve (Genoveva) Marchant. Poucos anos depois, o Dr. Allyn transferiu-se para Caxambu, onde criou o Retiro Evangélico de Caxambu, um lar para trabalhadores evangélicos que necessitassem de tratamentos médicos e de clima favorável à cura de determinadas doenças. Infelizmente, motivos imperiosos o constrangeram a fechar essa instituição social, retornando a Varginha.

Devido ao seu precário estado de saúde, o Dr. Allyn passou longos períodos nos Estados Unidos, precisando submeter-se a diversas operações e a tratamentos prolongados. Em 1925, seguiu mais uma vez para o seu país, onde, bastante enfermo, foi aposentado. Anos depois, saudosos do Brasil, o missionário e sua esposa, fizeram a viagem de regresso, detendo-se em Recife por alguns meses, em visita a um filho que ali residia. O Dr. Allyn passou a última fase da sua vida na capital pernambucana, onde ficou gravemente enfermo. Faleceu no Hospital do Centenário no dia 4 de outubro de 1931, aos 72 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério dos Ingleses. Em 1948, seus restos mortais foram trasladados para São Paulo, onde repousam ao lado dos de sua dedicada esposa, falecida em 3 de setembro de 1946. Sua filha Gladys (falecida em 1914) foi a primeira esposa do Dr. Benjamin Harris Hunnicutt, um dos presidentes do Mackenzie. Outra filha, Irene (falecida em 1981), casou-se com o Rev. Dr. Frank Fisher Baker (falecido em 1979), que dirigiu por muitos anos o Instituto Gammon (1930-1954) e foi professor no Seminário de Campinas. O filho do Dr. Allyn, Lyman Robert Allyn, foi funcionário do City Bank e superintendente da Pan-Air.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 508, 605, 621.
- Ferreira, *História da IPB*, I:411, 421, 487s, 497; II:203, 311, 364s.
- “Rev. Dr. Horacio S. Allyn”, *O Puritano* (14-11-1931), 3.
- “D. Emma Allyn”, *O Puritano* (25-10-1946), 2.
- Chaves, *Bandeirantes da Fé*, 110s.
- Bear, *Mission to Brazil*, 223.
- Folheto “Escola Evangélica Allyn”.
- Gammon, *Assim Brilha a Luz*, 72.
- “Boletim da I. P. Varginha” (29-11-1953), Pasta Ministros, Arquivo Presbiteriano.
- José Bernardes de Figueiredo, *Igreja Presbiteriana de Varginha: Setenta Anos de Bênçãos (1929-1999)*.

Rev. Dr. Reginald Price Baird

Pastor em Fortaleza e no interior do Ceará

Reginald Baird nasceu no dia 2 de fevereiro de 1857 perto de Yorkville (atual York), na Carolina do Sul. Era o terceiro filho do Rev. James Robinson Baird e de Eliza Price Baird, do mesmo estado. Foi batizado pelo conhecido teólogo e professor do Seminário de Colúmbia Rev. James Henley Thornwell (1812-1862), que era amigo chegado do seu pai. O Rev. James Baird residiu em Santa Bárbara, na Província de São Paulo, de 1868 a 1878, trabalhando com o Rev. William C. Emerson entre os colonos norte-americanos emigrados da Guerra da Secessão. Reginald estudou no Colégio Internacional de Campinas e em São Paulo, e professou a fé na Igreja Presbiteriana de São Paulo no dia 4 de abril de 1886. Casou-se em 30 de setembro de 1887 com Mary Lucille Bankston, nascida em 1872 e arrolada na Igreja de São Paulo em 13 de janeiro de 1884. O casamento foi oficiado pelo

Rev. Edward Lane. Lucille era filha de Frank M. e Sarah Ellis Bankston, de Brookhaven, Mississippi, emigrados para o Brasil em 1867. Lucille tinha duas irmãs, Mallie e Lilian.

Reginald seguiu para os Estados Unidos, onde estudou teologia, graduando-se no Seminário Teológico de Colúmbia, na Carolina do Sul, em 1892. No mesmo ano, foi licenciado em 3 de agosto e ordenado em 30 de setembro pelo Presbitério de Cherokee. Durante quatro anos, pastoreou as Igrejas de Acworth, Mars Hill e Smyrna, na Geórgia (1892-1896). Ele e a esposa foram nomeados missionários pelo Comitê de Missões Estrangeiras em 10 de dezembro de 1894. Partiram como missionários para o Ceará em julho de 1896, a fim de auxiliar o Rev. DeLacey Wardlaw e sua esposa, que não estavam bem de saúde. Antes de seguir definitivamente para o Nordeste, parece que estiveram em Santa Bárbara, Estado de São Paulo, e levaram consigo a irmã de Lucille, Lilian Bankston, que também era professora, e Charles, um sobrinho de Reginald. Quando chegaram a Recife, Charles morreu de febre amarela, e Lilian veio a morrer da mesma doença no Ceará. Pouco depois da sua chegada a Fortaleza, o missionário foi acometido de varíola, restabelecendo-se em seguida.

O Rev. Baird pregou em muitos lugares do interior do estado, inclusive em Quixadá, onde, apesar de ameaças, recebeu toda uma família por profissão de fé. Esteve também em Senador Pompeu, onde organizou uma congregação com cerca de 40 membros constituída na sua maioria de pessoas das famílias Varela e Cortez, que haviam sido evangelizadas em Mossoró pelo Rev. Wardlaw. Baird deixou a congregação aos cuidados do obreiro Raimundo Ferreira da Silva, um jovem da Igreja de Fortaleza que cursara uma classe de Bíblia e que já havia servido na Congregação de Baturité. Em 1897, o casal Wardlaw desligou-se da missão após dezoito anos de trabalho frutífero e toda a responsabilidade do campo recaiu sobre o Rev. Baird. No seu pastorado foi inaugurado o templo de Fortaleza, construído pelos esforços do presbítero Dr. Albino de Faria. A pedra fundamental foi lançada no dia 12 de outubro de 1898. Por esse tempo, Baird recebeu por profissão de fé e batismo o Sr. Joaquim Cândido de Sena, avô paterno do futuro Rev. Alcides Nogueira. Sena residia na fazenda “Vencedor”, município de Cachoeira, na região central do Ceará, e converteu-se através da leitura da Bíblia e da visita de um parente distante, membro da Igreja de Fortaleza.

Após quatro anos de intenso trabalho, a saúde do missionário ficou abalada, e em setembro de 1900 ele precisou retornar aos Estados Unidos. Após um breve repouso, cursou a Faculdade de Medicina e Cirurgia, em Atlanta, formando-se em 1902. Tendo recusado diversos convites atraentes em seu país, quis dar continuidade ao seu trabalho no Brasil, regressando ao Ceará em junho daquele ano. Embora nunca tenha se qualificado formalmente para exercer a medicina no Brasil, a nova profissão foi muito útil para as suas atividades missionárias. A obra crescia rapidamente e novos campos estavam sendo abertos. Baird foi incansável como pregador e médico e obteve muitos frutos em seu trabalho, apesar das oposições sofridas.

Por volta de 1906, Baird quis fazer uma visita a Humaitá, onde havia um pequeno grupo de crentes. Foi impedido por amigos que temiam pela sua vida. Os acontecimentos provaram a

sabedoria dessa atitude, pois no dia em que era ali esperado uma turba armada aguardava a chegada do trem. O evangelista Raimundo Ferreira da Silva havia se mudado para Humaitá e lá fizera um bom trabalho evangelístico, apesar de tenaz oposição. Esse evangelista foi poupado da morte graças à influência do Dr. Baird sobre o juiz da pequena cidade, que havia precisado dos serviços médicos do missionário. Baird sempre apoiou Raimundo, animando-o e instruindo-o através de cartas e dando-lhe algum auxílio financeiro. Afinal, Baird foi a Humaitá em dezembro de 1906, acompanhado de dois crentes de Fortaleza e um de Baturité. Foi bem recebido pelos crentes e visitado pelas autoridades locais. Assim mesmo os adversários lançaram algumas pedras. Dezesete pessoas professaram a fé e houve uma coleta em favor das missões nacionais.

O Rev. Baird participou da reunião do Sínodo em 1903, na qual declarou ser maçom há muitos anos, tendo sempre pregado nas lojas, sem contestação, a mediação de Cristo. Disse que todo homem de bem é maçom, porque a instituição é a essência dos princípios básicos do amor, caridade e fraternidade. Segundo ele, os próprios apóstolos e Jesus Cristo tinham princípios maçônicos. A maçonaria era muito difundida entre os sulistas americanos – no Cemitério do Campo, em Santa Bárbara, existem muitos túmulos com símbolos maçônicos. Baird era um bom orador, dotado de uma voz forte que dominava e agradava o auditório. Seus amigos o descreveram como um pastor eficiente, piedoso e culto, dotado de um caráter gentil e hospitaleiro, e um pai e esposo dedicado. Gozou de muito bom conceito na sociedade cearense.

Em março de 1907, o operoso missionário viu-se acometido de uma grave enfermidade e, com grande dificuldade, chegou aos Estados Unidos em setembro. Suas ovelhas no Brasil sentiram grandemente a sua partida e oraram muito pela sua recuperação. A família fixou residência em Fredericksburg, na Virgínia, e Baird melhorou o suficiente para fazer diversas viagens pelo sul divulgando a causa das missões estrangeiras. Na noite de 9 de março de 1909, quando viajava para fazer algumas palestras a convite da Comissão Executiva do Sínodo da Flórida, faleceu repentinamente no trem na cidade de Jesup, na Geórgia, aos 52 anos de idade. Foi sepultado em Fredericksburg no dia 13. O casal Baird teve apenas uma filha, Geraldine P. Barnes.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 172, 257s, 509s, 669.
- Ferreira, *História da IPB*, I:453, 577; II:103.
- *The Missionary* (Abril 1907), Coleção Calvin Porter.
- *Ministerial Directory, PCUS/PCUSA* (1898).
- *Christian Observer*, Louisville, Kentucky (17-03-1909), 1.
- “Rev. Reginald Price Baird, M.D.”, *Christian Observer* (30-06-1909), 15.
- Bear, *Mission to Brazil*, 47s, 224.
- Jones, *Descansa Soldado*, 183, 235, 242, 328.
- Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 155-159.

Rev. Alva Hardie

Missionário em São Paulo e em Minas Gerais

O Rev. Alva Hardie foi o último missionário presbiteriano a chegar ao Brasil no século 19. Era natural de Alpine, Alabama, onde nasceu no dia 26 de setembro de 1873. Seus pais eram Alva Finley Hardie e Elizabeth Darby Mallory. Quando Alva tinha dois anos, a família mudou-se para Dallas, Texas, onde ele fez os estudos primários e secundários e depois trabalhou no comércio. Sentindo a vocação ministerial, freqüentou o Austin College, na cidade de Sherman, onde obteve o seu bacharelado em letras (B.A.) em 1898, e estudou teologia na Universidade Presbiteriana do Sudoeste, em Clarksville, no Tennessee, graduando-se em maio de 1900. Foi ordenado pelo Presbitério de Dallas em 3 de julho de 1900 e logo depois embarcou em Nova York para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 27 de agosto do mesmo ano.

Inicialmente trabalhou na área da Missão Leste, enquanto aprendia o idioma. Esteve em Lavras, Minas Gerais, pelo espaço de um ano. Foi tomar conta do campo de São João Del Rei em 26 de setembro de 1901, associando-se por mais de um ano ao Rev. Balamero Garcia na evangelização daquela região. Retirando-se o Rev. Balamero, Hardie continuou por mais quatro anos em São João Del Rei. Naquela época, os padres mandavam meninos apedrejarem a casa de cultos; o líder desses meninos era o futuro Rev. Paschoal Luiz Pitta. Hardie casou-se no dia 14 de maio de 1902 com Kate Eugenia Hall, nascida em 1879, filha do casal Charles e Mary Hall, imigrantes norte-americanos residentes em Vila Americana, São Paulo. Kate, que era prima de Katherine Ives Hall, a esposa do Rev. William Calvin Porter, havia integrado por dois anos o corpo docente do Colégio Americano de Natal. No final daquele ano, Hardie participou com outros colegas da organização das Igrejas de São João Nepomuceno (05-11-1902) e São João Del Rei (07-11-1902). Foi arrolado pelo Presbitério de Minas em 1904.

Em 1905, a Missão Oeste resolveu reabrir o Colégio Internacional em Campinas e escolheu o Rev. Hardie como diretor, cargo que ele exerceu por dois anos. No final daquele ano, ele foi um dos signatários da proposta de divisão da Missão Sul, o que ocorreu no ano seguinte, surgindo a Missão Oeste e a Missão Leste. Foi o intermediário na venda das propriedades do Colégio Internacional à Igreja Presbiteriana do Brasil, para sediar o Seminário Presbiteriano. Necessitando o Seminário sair de São Paulo e estando reunida a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana naquela capital, o Rev. Hardie, em nome do Comitê de Missões Estrangeiras de Nashville, vendeu a chácara e os três edifícios mobiliados ao Sínodo Presbiteriano pela pequena quantia de quinze mil réis. Concluído o negócio, Hardie fechou o colégio e ajudou a instalar o seminário em Campinas. A reabertura das aulas ocorreu no dia 1º de fevereiro de 1907, com a presença dos diretores Revs. Hardie, Laudelino de Oliveira Lima e Herculanio de Gouvêa e dos alunos Aníbal Nora, Alberto Zanon, João Pereira Garcia e Samuel Barbosa. No mesmo ano, Hardie partiu para os Estados Unidos em gozo de férias.

Ao voltar, em 1908, o Presbitério de Minas resolveu abrir trabalho em Descalvado, no interior paulista, e enviou o Rev. Hardie para tomar conta desse campo, que também incluía as cidades de Limeira, Araras, Leme e Porto Ferreira. Ele construiu templos em

Descalvado, Limeira e Araras. A prosperidade gerada pelo café atraía muita gente para toda aquela região. Em 1913, vendo a necessidade de um jornal dedicado exclusivamente à propaganda do evangelho, fundou *O Evangelista*, que manteve durante quase todo o tempo da sua atividade missionária (houve um lapso de alguns anos). O jornal chegou a ter uma tiragem de 12.000 exemplares, sendo distribuído gratuitamente em todo o Brasil. Mesmo de outros lugares onde foi pastor, o Rev. Hardie o redigiu, enviando-o para Descalvado, onde o Sr. Sebastião Lacerda o imprimia numa tipografia comprada para esse fim e o distribuía. Em 1924, o Rev. Hardie seguiu de férias para os Estados Unidos e recebeu o grau honorário de Doutor em Divindade (D.D.) da sua *alma mater*, o Austin College.

No final de 1924, o Dr. Hardie mudou-se para Patrocínio, no Triângulo Mineiro, na companhia da esposa Kate e dos filhos Elizabeth Helen e Charles, iniciando o período mais profícuo do seu longo ministério no Brasil. Já havia visitado essa cidade em 1923, na companhia dos colegas Robert Daffin e Edward Epes Lane. Esse campo voltava do Presbitério de Minas, tendo sido pastoreado pelo Rev. Alberto Zanon, para as mãos da Missão Oeste. Em Patrocínio, o missionário adquiriu uma casa bem localizada no centro da cidade, tendo ao lado um depósito que foi adaptado para ser a sala de cultos. O templo foi inaugurado quatro anos depois, em 1929. Na época havia apenas alguns pequenos grupos de crentes em Patrocínio, Carmo do Paranaíba, Patos de Minas e Estrela do Sul. Hardie expandiu grandemente o trabalho, com frequência em meio a grande oposição e amargas perseguições. Certa vez, enquanto dirigia o culto em Rio Paranaíba, uma bomba explodiu no telhado, fazendo tremer todo o edifício. As pessoas assustaram-se muito e começaram a correr, mas o missionário acalmou o grupo e tranqüilamente deu continuidade ao culto.

O Rev. Hardie reativou as igrejas de Paracatu e Estrela do Sul, que quase haviam se extinguido por falta de assistência, e abriu trabalhos em Patos de Minas, João Pinheiro, Carmo do Paranaíba, Rio Paranaíba, Arapuá, Ibiá, Araxá, Monte Carmelo, Douradoquara e outros locais. Viajou por toda a região cavalcando a mula “América” e mais tarde a bordo de um Ford modelo T. Utilizou com muito sucesso a “lanterna mágica”, grande novidade na época, um projetor de diapositivos que atraía muitas pessoas para a pregação do evangelho. Com a chegada do Rev. James R. Woodson em 1926, o campo foi dividido entre os dois obreiros. Hardie e Woodson prepararam o terreno para a grande obra educacional que seria realizada em Patrocínio e se estende até o presente.

Inicialmente, em fevereiro de 1926, foi criado um curso para a preparação de evangelistas leigos e professores de escola dominical. Depois, em 1928, surgiu o Patrocínio Colégio. Finalmente, em 1933, o Rev. Edward E. Lane fundou o Instituto Bíblico que hoje leva o seu nome. No Patrocínio Colégio, os missionários tiveram a colaboração da professora Maria de Melo, futura autora do livro *Bandeirantes da Fé*, que veio a casar-se com outro colaborador da escola, o professor Carlos Chaves. Carlos era irmão do conhecido Rev. Oscar Chaves (1912-1991), ordenado em 1943, que pastoreou a Igreja Presbiteriana de Santo André, em São Paulo, de 1952 a 1986.

Após sete anos de frutífero ministério em Patrocínio, Alva Hardie, depois de um ano de férias nos Estados Unidos, estabeleceu-se em Uberlândia para um período de igual duração

e grandes resultados (1932 a 1939). Construiu um espaçoso templo e lançou as bases da igreja presbiteriana local, organizada em 14 de agosto de 1946, que por sua vez daria origem a muitas outras igrejas. Havia congregações em Santa Rita, Monte Alegre, Ituiutaba, Tupaciguara e Prata. O último período do seu ministério no Brasil passou-o em Araxá, onde construiu mais um templo e desenvolveu grandemente o trabalho evangélico. Ao longo do seu ministério, o Rev. Hardie construiu mais de vinte templos presbiterianos. Alva Hardie era dotado de uma personalidade forte e atraente. Tomava as suas decisões de maneira positiva e firme, e viveu uma vida metódica e disciplinada. Sua dedicada esposa dirigia o lar com ordem e serenidade. Havia horas certas para as refeições, para ensinar os filhos, para visitar os crentes e pessoas interessadas e para todas as atividades do dia.

O Dr. Hardie tinha um espírito alegre e pregava o evangelho com grande entusiasmo. Os seus sermões, cheios de boas ilustrações, foram lembrados por muitos anos pelos seus ouvintes. Amava de coração o povo brasileiro e foi grandemente estimado. Durante muitos anos se manteve como membro do velho Presbitério de Minas por insistência dos colegas nacionais. Era o único missionário que fazia parte daquele presbitério. Em muitas fotos da época, ele envergava um terno branco, destacando-se dos colegas brasileiros com seus trajes escuros. A igreja nacional manifestou o seu reconhecimento elegendo-o moderador da Assembléia Geral em 1922, no Rio de Janeiro. Foi o último norte-americano a exercer essa função. Foi tesoureiro da “West Brazil Mission” por muitos anos e mostrou habilidade na administração das propriedades da missão. Hardie foi o missionário que serviu por mais tempo à Missão Oeste do Brasil. Deixou muitos herdeiros espirituais que têm servido a igreja e a sociedade até o presente. Um dentre muitos exemplos é o de D. Ita Edi Ribeiro Coelho, que foi batizada pelo missionário em 17 de maio de 1925, aos sete dias de vida, em Carmo do Paranaíba. É esposa do presbítero Abílio da Silva Coelho, que muito serviu a Igreja Presbiteriana do Brasil.

Após 45 anos de serviços no Brasil, o Rev. Hardie aposentou-se em 1945 e retornou para o seu país, passando a residir em Daytona Beach, na Flórida. Foi recebido pelo Presbitério de St. Johns no dia 18 de abril e no ano seguinte deu assistência pastoral à Capela Edison, em Miami. Costumava passar o verão em Montreat, na Carolina do Norte, onde se alegrava em encontrar os missionários que chegavam de férias do Brasil e os novos missionários que iam para o campo. Muitas vezes exclamava: “Como eu gostaria de estar no Brasil pregando o evangelho!”. Sempre escrevia aos missionários e amigos no Brasil, mantendo assim um contato íntimo com o trabalho. O valoroso obreiro faleceu no dia 17 de outubro de 1955 na casa de sua filha em Miami. Dona Kate Hall Hardie escreveu o livro *On Eagles’ Wings: Brazilian Mission, 1900-1945* (Sobre Asas de Águias: Missão no Brasil, 1900-1945), baseado no Diário do esposo e publicado em 1964. O casal Hardie teve quatro filhos, dois homens e duas mulheres: Lucita Hall, Hugh Melvin, Elizabeth Helen e Charles Alva. Lucita recebeu esse nome em homenagem à sua tia Lucy Hall, esposa do Rev. Charles Morton.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 600.
- Ferreira, *História da IPB*, I:488, 550; II: 76, 116, 132, 154, 201, 247-49, 290, 356, 366, 370.

- Alva Hardie. *Relatório do Movimento Espiritual e Financeiro do Campo Missionário*. 1930.
- “Rev. Alva Hardie”, *O Puritano* (28-02-1931), 3.
- R. D. Daffin, “Rev. Dr. Alva Hardie”, *O Puritano* (10-01-1956), 3.
- “Dr. Alva Hardie”, *O Puritano* (10 e 25-02-1956), 2.
- “Dr. Alva Hardie”, manuscrito datilografado, Instituto Bíblico Eduardo Lane.
- *Ministerial Directory, PCUS (1861-1950)*, 279.
- Chaves, *Bandeirantes da Fé*, 137-146.
- Bear, *Mission to Brazil*, 223.
- Divino José de Oliveira. *Patrocínio*. Goiânia, 1983.
- Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 268-271.
- Ferreira, *Pequena História da Missão Oeste*, 44-48.

Ruth Bosworth See

Notável educadora e evangelista em várias cidades de Minas Gerais

Ruth See nasceu no dia 12 de outubro de 1873 em Fort Defiance, Condado de Augusta, no belo vale da Virgínia (noroeste do estado, sendo Staunton a cidade principal do condado). Era a primogênita dentre oito irmãos. Seu pai era presbítero e foi por muitos anos secretário do conselho da histórica Igreja Augusta Stone, onde ainda bem jovem Ruth professou a fé em Cristo. Seus primeiros estudos foram feitos em casa, sob a orientação dos pais e de pastores cultos, bons livros e competentes governantas. Uma destas, Patsy Bolling, foi missionária por muitos anos na Coreia ao lado do marido, William D. Reynolds. Ruth estudou no Seminário Feminino de Augusta, mais tarde Colégio Mary Baldwin. A seguir, freqüentou uma escola de administração e a Escola de Treinamento da Assembléia Geral. No Colégio Mary Baldwin, suas amigas íntimas pertenciam a famílias de missionários: Pauline e Nettie DuBose, cujos pais trabalharam na China, bem como Margaret (Mildred Welch) e Sarah, filhas do Rev. Edward Lane.

Após a formatura, Ruth ensinou como governanta em residências particulares, inclusive na casa de James Bell, em Longdale, Condado de Allegheny. Um de seus filhos era Nelson Bell, que se tornou um médico missionário na China. Enquanto lecionava na casa dos Bell, Ruth foi nomeada missionária para o Brasil, em 6 de junho de 1899. Também ensinou por um ano no Orfanato Thornwell, dirigido pelo Dr. Jacobs, que lhe ofereceu essa colocação “como um curso preparatório para a obra missionária”. A experiência envolveu muito mais que ensinar. Ela cuidava de crianças de diferentes idades, noite e dia. Anos depois ela concluiu que o seu trabalho no orfanato, um trabalho de vinte e quatro horas, foi a sua melhor preparação.

Ruth partiu de Nova York no dia 5 de agosto de 1900. Veio para o Brasil na mesma época em que o Rev. Alva Hardie, sendo enviada pelo Comitê de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana do Sul, e dedicou toda a vida ao ensino. Em Lavras, tornou-se assistente da missionária Margaret Henry Youell e depois da morte desta, em 1905, sucedeu-a como

diretora do Colégio Carlota Kemper, a escola para moças. Nessa função, granjeou a amizade e admiração de várias gerações de jovens brasileiras. Uma de suas muitas alunas foi a professora Ignez Cavazza, que no final de 1912 casou-se com o Rev. Jorge Thompson Goulart. Em 1907, Ruth foi aos Estados Unidos e retornou no ano seguinte em companhia da missionária Harriette Taylor Armstrong, viúva do Rev. David Gibson Armstrong, que estivera ausente do Brasil por catorze anos. A partir dessa ocasião as duas educadoras trabalharam sempre juntas.

No início do século 20, as circunstâncias eram difíceis – os recursos eram limitados, o trabalho era pesado e a vida era primitiva. O café era moído no pilão, a banha vinha da gordura derretida, o sal e o açúcar eram refinados na própria escola. A luz era fornecida por velas. Certa vez, ao limpar uma roupa manchada por cera de vela, Ruth comentou: “Felizmente não precisaremos de velas no céu”. Os colchões eram sacos de lona cheios de palha de milho. Nas férias, os sacos eram esvaziados, a palha era fervida e secada ao sol e os colchões eram lavados e enchidos novamente. Boa parte desse trabalho era feita pela própria Ruth, bem como lavar as janelas e esfregar o chão. Às vezes ela ficava sem o café da manhã a fim de ler a Bíblia para tia Ana, uma servente idosa, ou para cuidar de algum interesse da escola. Exausta ao anoitecer, Ruth se recolhia após o jantar, dormia até a meia-noite, e então trabalhava por duas ou três horas até que os insetos noturnos se aquietassem. Às seis da manhã já estava de pé, em plena atividade.

Em 1913, sentindo a necessidade de uma escola em outra região, Ruth e Harriette abriram uma escola para meninas em Bonsucesso, a cerca de 30 km de Lavras, em uma casa oferecida pelo prefeito. Auxiliaram o casal Dr. Horace e Emma Allyn, que residia naquela cidade. Apesar das perseguições – e talvez ajudada pelas mesmas – a escola prosperou. Certa noite, em 1918, uma forte explosão assustou as crianças, mas Ruth calmamente as tranqüilizou. Uma bomba havia estourado no telhado, felizmente numa hora em que não havia alunos nem professores no local. Houve manifestações contra os responsáveis clericais e o jornalista, Sr. Castanheira, fez um discurso pedindo aos norte-americanos que não considerassem aquele atentado como do povo de Bom Sucesso. Foi necessário que um policial guardasse a porta da casa todas as noites. Noutra ocasião, uma bomba foi encontrada no porão com o pavio parcialmente queimado. Esses atentados serviram para conquistar o apoio de algumas pessoas que até então haviam se mostrado antagônicas. Depois de sete anos de atividade (1913-1920), uma série de tremores de terra reduziu a população de tal maneira que a escola teve de ser transferida. A essa altura uma igreja havia sido organizada com 50 membros.

Diversas cidades pediram a escola e Campo Belo, situada entre Lavras e Formiga, acabou sendo escolhida. A escola iniciou suas atividades em maio de 1921 e no final do ano já havia matriculado 40 meninos e 49 meninas, sendo que doze destas eram internas. Ao longo do tempo, as educadoras compraram uma propriedade e implantaram um trabalho duradouro. A escola tornou-se a maior e mais importante escola primária do campo da Missão Leste do Brasil. Devido a problemas de saúde, Harriette teve de afastar-se em 1925 e os moradores de Campo Belo pediram que o seu nome fosse dado à instituição (Escola Evangélica Harriette Armstrong). Por volta de 1930, Ruth foi convidada para abrir uma

escola em Nepomuceno, escola essa inaugurada em 8 de dezembro de 1931. Um grupo de homens cristãos da cidade (coronel José Custódio da Veiga, Jonas Veiga e Joaquim Garcia) construiu um edifício para esse fim e deu à escola o nome de “Ruth B. See”. Após cinco anos frutíferos nesse local, chegou o momento de a missionária tirar suas férias na pátria, e ela concluiu que os evangélicos da cidade estavam em condições de assumir a direção da escola. A partir dessa época Ruth concentrou as suas energias em outras modalidades de serviço. A escola evangélica de Nepomuceno encerrou as suas atividades em 1945 e reabriu em 2001 com o mesmo nome – Escola Presbiteriana Ruth See.

Em 1938, após as merecidas férias, Ruth mudou-se para Formiga e se dedicou ao trabalho evangelístico que ela nunca havia negligenciado, auxiliando o casal John Marion e Myrtle Sydenstricker. Teve novamente a companhia da amiga Harriette, que havia voltado a trabalhar com a missão em 1936. Por quase quinze anos, Ruth foi o esteio da igreja presbiteriana local. Quando os Sydenstricker foram transferidos para Dourados em 1942, ela cuidou das necessidades espirituais da congregação e Harriette desenvolveu o trabalho feminino. Quando necessário, Ruth não hesitava em fazer o trabalho de zeladora. Deu aulas particulares de inglês, ganhando muitos de seus alunos para o evangelho. Um de seus livros-texto prediletos era *The Christian Observer* (O Observador Cristão), e ela muitas vezes analisava artigos religiosos com os seus alunos. No último período da sua vida, também foi redatora do apreciado jornal de propaganda evangélica *O Evangelista*, um mensário fundado pelo Rev. Alva Hardie que teve grande circulação por muitos anos. Ruth aposentou-se em Formiga em 1º de junho de 1947 (Harriette aposentou-se no mesmo ano), mas foi uma aposentadoria apenas nominal, pois os seus dias eram repletos de valoroso serviço.

Em 1953, a convite da Missão Oeste do Brasil, Ruth mudou-se para a cidade de Patrocínio, no Triângulo Mineiro, onde viveu sozinha em uma pequenina casa alugada, prosseguindo com sua vida cheia de atividades – aulas de inglês, visitas e produção de literatura. Por sete anos, cooperou com grande dedicação com a igreja presbiteriana daquela cidade. Tinha facilidade de escrever tanto em prosa quanto em verso. Foram muitos os hinos que traduziu para o português, bem como aqueles que ela mesma compôs. Em 1941, havia traduzido o conhecido hino “O Primeiro Natal” (*Hinário Presbiteriano Novo Cântico*, nº 231). Nas tardes de domingo, ensinava o catecismo às crianças em sua casa. Também promoveu um estudo do catecismo para toda a igreja.

Apesar do declínio da visão e de outros problemas, Dona Ruth continuou a trabalhar com *O Evangelista*. Depois de algumas cirurgias melindrosas, não pôde mais cuidar de si mesma. Passou os seus últimos quinze dias na casa do Rev. James Woodson, cercada dos cuidados solícitos de um bom médico, de duas enfermeiras e de todos os seus amigos íntimos de Patrocínio, especialmente Miss Frances Hesser. Faleceu num domingo à tarde, dia 26 de junho de 1960, aos 87 anos de idade e 60 anos de serviço missionário no Brasil. O serviço fúnebre foi presidido pelo Rev. Saulo de Castro Ferreira, auxiliado pelo Rev. Woodson. Quando faleceu, fazia vinte e dois anos que a missionária não voltava à sua pátria. Identificou-se plenamente com o povo brasileiro. Clara Gammon escreveu: “As moças que ela educou às suas próprias expensas e às quais deu um amor de mãe; os meninos e moços

aos quais orientou para uma vida de serviço cristão; as criancinhas que gostavam de ir à sua casa para visitá-la; os idosos e necessitados aos quais deu auxílio prático, bem como as Boas Novas do Salvador... Esses e muitos outros se levantarão e lhe chamarão bem-aventurada” [Pv 31.28].

Ruth não se casou, mas deixou muitas filhas na fé. Criou diversas moças, entre elas Nazaré Pimenta, que foi professora na Escola Erasmo Braga e no Instituto Bíblico Eduardo Lane, e Francisca Leão Souza, esposa de um evangelista em Goiás. Deixou um irmão, o Rev. Dr. Robert Gamble See, nascido em 15 de agosto de 1878, que trabalhou por alguns anos como missionário no Brasil, bem como uma irmã e alguns sobrinhos, todos nos Estados Unidos. Depois de estudar no Colégio Hampden-Sydney e no Seminário Union, Robert See chegou ao Brasil em meados de 1903 para substituir o falecido Rev. Charles Morton. Fixou residência em São José do Rio Pardo, de onde visitou Casa Branca, Mococa, Cajuru e alguns pontos no sul de Minas, como São Bartolomeu e Cabo Verde. Casou-se em 1905 com a missionária Louise Spear, de Maryland. Viajou extensamente no Triângulo Mineiro, visitando Duas Pontes, Mata dos Salgados, Carmo do Paranaíba, Lagoa Formosa, Areado, Patos de Minas e outros locais. Em Araguari, testemunhou a profissão de fé dos futuros ministros Galdino Moreira e Jorge Thompson Goulart. O casal trabalhou também em Lavras. A saúde fê-los voltar para os Estados Unidos em 1907.

Bibliografia:

- Ferreira, *História da IPB*, I:500; II:77, 203, 248, 364.
- Jaime Woodson, “D. Ruth See”, *Brasil Presbiteriano* (Setembro 1960), 7.
- Chaves, *Bandeirantes da Fé*, 72s.
- Bear, *Mission to Brazil*, 27, 106, 108, 119, 133, 137.
- Clara G. M. Gammon, “Miss Ruth Bosworth See: 1873-1960”, em *In Memory of Missionaries of the Presbyterian Church, U.S., Who Have Entered into Rest in the Years 1960-1961*, Vol. VI (Nashville: Board of World Missions, 1962), 35-37.
- Silva e Silva, *Igreja Presbiteriana de Araguari*, 58-60, 66s.